

ANEXO—NOVOS MAPAS DA INVASÃO

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV :-: N°. 29 :-: 15 de Julho de 1944
Cr\$ 2,50 no Distrito Federal :-: Cr\$ 3,00 nos Estados



BN
1 24
1 8

Almoço de Confraternização



Um aspecto da mesa.



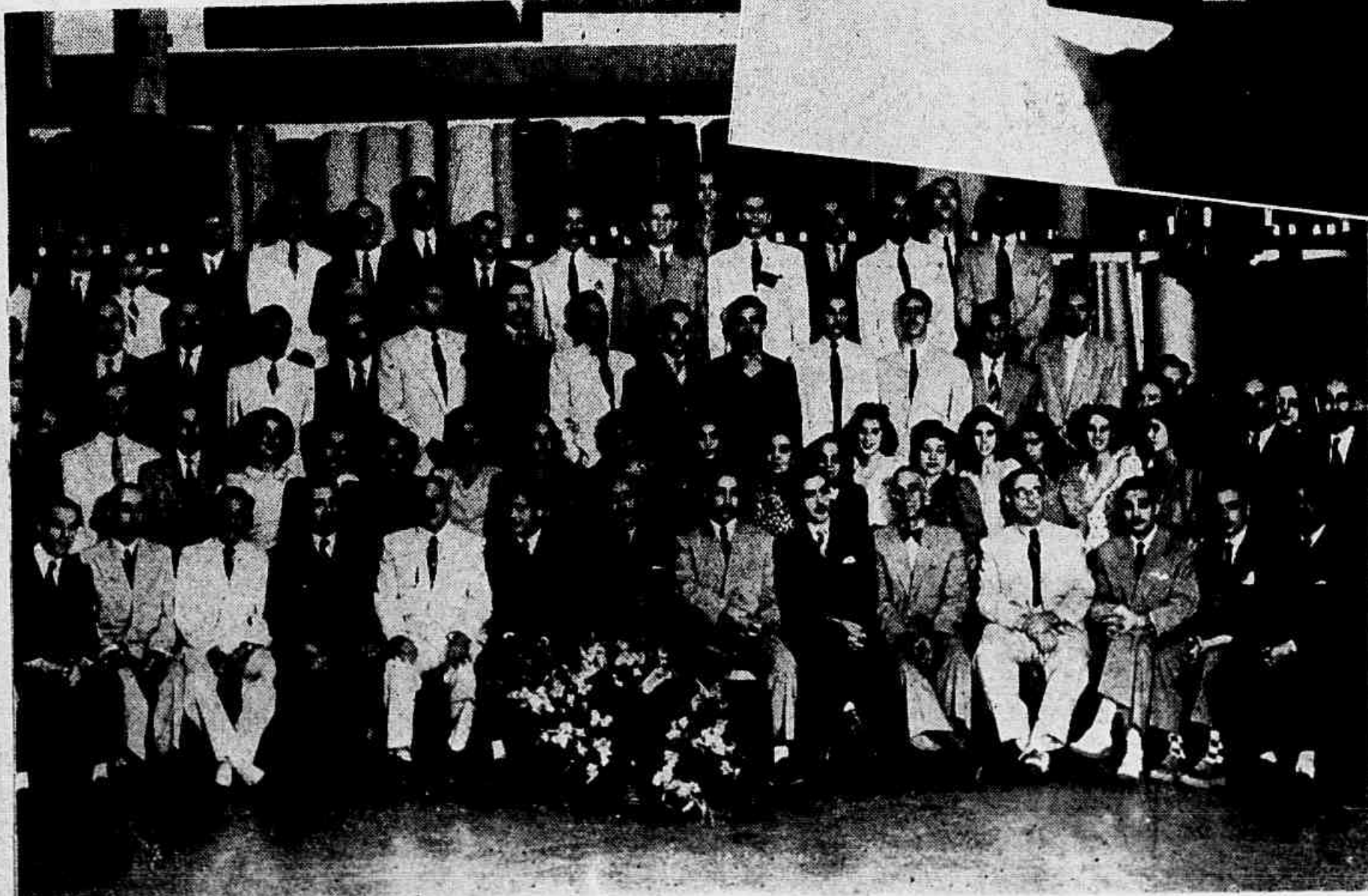
Grupo de convidados ladeando o Comendador Alfredo Nunes.

No dia 2 do corrente teve lugar na sede da Casa Nunes, á rua da Carioca 65, o almoço anual de confraternização, que congrega os dirigentes e auxiliares do conceituado estabelecimento, ao ensejo do encerramento do balanço.

Como nos anos anteriores, esta festa se revestiu de grande significação para todos os que coo-



Um aspecto da mesa do centro vendo-se o Comendador Alfredo Rebello Nunes cercado por seus amigos.



e admiradores do Comendador Alfredo Rebello Nunes, compareceram os demais socios do estabelecimento, representantes da imprensa e do radio e a totalidade dos funcionarios da casa.

Deste almoço, que transcorreu num ambiente de franca cordialidade, a REVISTA DA SEMANA, que tambem se fez ali representar, colheu os aspectos fotograficos que ilustram este texto.

O Comendador Alfredo Rebello Nunes cercado por todos os seus auxiliares.

A GRATIDÃO DAS CRIANÇAS

BERILO NEVES

"Em Grand - Camp - les - Bains, aldeia de pescadores da Normandia, as crianças francesas organizaram uma festa em honra dos soldados norte-americanos".

(DOS JORNAIS)

CESSADO o troar raivoso da artilharia, amortecido o zumbir terrível dos aviões de guerra, dissipado o fumo das primeiras batalhas, reúnem-se as crianças normandas para dizerem palavras que a História registrará, comovida e alvareiramente. Enquanto, em Paris, homens adultos, cobertos de idade e de crimes, ainda proclamam as excelências da cruel Alemanha e reforçam os vínculos que unem a França oficial à derrota de 1940, que dizem os petizes da Normandia aos seus irmãos aliados?

"Quando chegaram, ficámos orgulhosos em hastear nossa bandeira, para verem que a França vive novamente. Privados, tão longo tempo, de doces e bonbons, hoje podemos alegrar-nos com estas guloseimas. Vossos pais lutaram com coragem. Muitos morreram gloriosamente, mas não será em vão. Fazemos votos para que, muito breve, as crianças da América, da Inglaterra, da Rússia e da França celebrem juntas a Vitória".

O mal da humanidade tem sido esquecer a voz dos humildes e dos fracos. Quem fala, em nome das nações e das pátrias? Os reis, imperadores, estadistas e diplomatas, isto é aqueles que, por dever de ofício, devem abafar as razões do coração, para ouvir a sem razão da política e da conveniência. Quando se pediu, às mães, um voto que ajudasse a decidir os destinos de um povo? Quando se atendeu à razão das lágrimas? Onde se ponderou o motivo dos mortos?...

Se o pranto das viúvas pesasse nos conselhos de Estado, muita desgraça teria evitado o Mundo, e muita injustiça se deixaria de praticar na face da Terra. As crianças têm, entre outras virtudes inigualáveis, o poder de humanizar o Homem. Onde está um coração de menino, aí está Deus com o último capítulo de um Evangelho inédito... A bulha dos petizes é a linguagem, inda confusa e desarmoniosa, dos parágrafos eternos do Gênese...

A Criança é o homem inda não retocado pelos imperativos ferozes

da luta pela vida. E' o esboço de uma tela que se empasta no trânsito dos tempos e no tumulto dos vícios. A Biologia aponta-a como um ser rico de vitalidade natural, enquanto os pedagogos vêem, nela, todos os defeitos e imperfeições da fera... A educação, polindo as unhas ao pequenino animal bípede, rouba-lhe, quase sempre, o melhor perfume dos instintos nativos. A Criança má — é uma anormalidade precoce, um vaticínio fatídico, sombreado pelas perspectivas ruins

do Mundo. Os Anjos assumem a forma infantil, porque ninguém os entenderia se não parecessem as doces miniaturas da espécie humana... E a Virgem, com ser mulher e formosa, ainda participa daquela inocência, que é o selo inicial da perfeição possível neste angustiado vale de lágrimas...

O melhor discurso que já se ouviu, em terras de França, foram as palavras d'esses petiz de 13 anos, menino sem nome, perdido

numa aldeia obscura da Normandia. Que disse ele? O que estava na consciência dos franceses que se mantêm dignos da França de S. Luís e de Joana D'Arc. Os homens de Vichy, os réprobos que condicionam o viver bem à morte e ruína da Pátria, êsses não entendem esta linguagem simples, nem acodem àquela eloquência pueril. Faz agora 27 anos que outros homens da América, país dos heróis de hoje, também desembarcaram em terras de França para ajudarem a salvar a desventurosa "pupila



Cêna que agora se repete nos territórios reconquistados pelas forças libertadoras: Uma pequenina francesa, à porta de casa, assiste ao desfile dos soldados fazendo tremular uma bandeirinha tricolor com a qual dá as boas vindas aos bons amigos que chegam.



Por onde os nazistas passaram, obrigados agora a debandar, vão deixando o leito da estrada de ferro neste estado. As linhas de comunicação ficam interrompidas. Os bombardeios seguidos destruíram quase tudo que havia nas redondezas. A população desapareceu — mas vai regressar agora aos seus domínios, com a aproximação das tropas aliadas. E a vida recomeçará...

4

da Igreja". O inimigo era o mesmo de hoje, e seus processos de guerrear — também monstruosos, como os de agora. Vencidas as batalhas, salvo o povo francês da ignominia e da derrota, que fizeram aqueles homens que respondiam pela sorte da França? Esqueceram o sacrifício dos aliados *yankees*, não lhes pagaram as dívidas de guerra e ainda contribuíram, pela traição e pelo colaboracionismo, para que a Alemanha de novo agredisse o Mundo e o levasse às portas da ruína e da miséria!

Os exércitos hitleristas de 1940 não encontraram obstáculos à sua marcha, porque foi a França derrotista e anti-democrática que lhes abriu passagem e facilitou o triunfo. Não houve luta armada, porque já estavam desarmados os espíritos e vencidos os ânimos. O problema da terra gaulesa é, antes de tudo, e sobretudo, de ordem

moral. Muitos homens renunciaram ao dever de ser dignos da pátria que, um dia, batera, em Wagram, Iena e Austerlitz, os mais luzidos exércitos da Europa. Caiu-lhes na alma aquela sombra denunciadora da renúncia à luta e da fuga à honra. Para que a França ressurja, é necessário que seus filhos paguem com sangue e lágrimas o crime de a terem traído... Por isso, a voz das crianças da Normândia é uma esperança, alguma coisa como a débil claridade que precede o franco arrebol da manhã...

**

As crianças foram as grandes vítimas desta guerra de homens e de máquinas. Metralharam-nas os alemães, do alto de seus *Stukas* vitoriosos, nos caminhos ensanguentados da Polónia, da Bélgica,

da Holanda, da França e de outras terras enfeudadas à vitória da bestial Wehrmacht. As crianças da Inglaterra, mais felizes que as do continente, puderam fugir para as claras terras do Canadá e dos Estados Unidos, e esperar, ali, o lento decrescer do furacão. Milhares, porém, morreram no decurso das travessias marítimas, ou ainda em terra, sob o chicote de fogo dos aviões germânicos. Pressentindo que nenhuma nação perece sem que suas crianças se extingam, os Alemães pretenderam devastar as pátrias vencidas, roubando-lhes os filhos e impedindo-lhes o direito de refluírem em novas gerações... Eis o crime monstruoso que pesará, como um anátema, sobre a memória do povo germânico, no trânsito sem fim dos séculos.

**

A resposta da França ao vencedor de 1940 aí está, nas palavras simples de um menino pobre da Normândia. — O que não souberam fazer diplomatas e generais, estadistas e homens de negócios, fá-lo um petiz de 13 anos, cujas calças curtas prenunciam o crescimento festivo de uma Nação que parecia para sempre morta na esperança e perda no tempo... Os norte-americanos ofereceram-lhe, e aos seus irmãos normandos, *bonbons* e doces — a eles, que só conheciam o travar das lágrimas e o azedume do desespero. Mais que isso: levaram-lhes a certeza de que, um dia, a França se levantará com o ímpeto com que aluiu as paredes da Bastilha e destruiu os últimos alicerces do mundo feudal.

E Deus terá falado pela boca singela desse menino sem nome...

COISAS DO BRASIL



RIOS impetuosos do Brasil que correm de norte a sul pelo corpo do gigante despertado e disposto á luta e ao trabalho. Rios que são as artérias por onde o sangue moço do nosso país corre sem cessar. Força inextinguível que está sendo aproveitada e ainda o será em escala sempre crescente até que o nosso país, tendo desenvolvido paralelamente as outras fontes de energia de que dispõe, se coloque entre as maiores potências do mundo.

A paisagem que vemos na foto é um trecho do Salto do Rio Piracicaba, na cidade do mesmo nome.

Ele banha o Estado de São Paulo e concorre para tornar mais férteis essas terras tão ricas.

Estas são as nossas coisas, as verdadeiras coisas do Brasil.

Elas não foram importadas nem compradas. E essas coisas é que temos obrigação de defender, porque mais do que qualquer outra elas nos pertencem.

Aqui está o verdadeiro Brasil. Na vastidão desses campos que vemos á margem do Piracicaba, nessas árvores, nessas florestas, nesses céus.

E diante destes cenários podemos nos sentir fortes e inspirados, aptos a compreender as nossas responsabilidades e o nosso dever.

JOCKEY CLUB MUNDANO

Vai-se desenrolando com o brilhantismo inicial a temporada oficial de *turf* do Jockey Club Brasileiro. Todas as semanas novos e interessantes "meetings" se realizam, enfeitados sempre pela graça e distinção das elegantes "habituées" do Hipódromo da Gávea. Durante a última reunião ali realizada, o fotografo da REVISTA DA SEMANA colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 15-7-1944 --- N. 29

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumario

LITERATURA:

A gratidão das crianças (Berilo Neves).....	3-4
Livros Novos.....	8-9
O Prego e a Marcha Funebre.....	15
Lorena minha Lorena (Gastão de Alencar Neves).....	25
A Náu Bretôa (Escagnolle Doria).....	30
Ele pediu um ramallete (Elizabeth Inn).....	34
Covardia (Berliet Junior).....	47-48

REPORTAGENS:

Jockey Clube.....	6
Figuras e Fatos.....	14
Fotos de aniversários.....	29

FOTOGRAFICAS:

Coisas do Brasil.....	5
Sociedade.....	35

FEMININAS:

Verão na Califórnia.....	16-17
Nos Bastidores Femininos.....	36
A moda repete-se.....	42-43
Outros Modelos.....	46

DE GUERRA:

A guerra em marcha — com fotos da invasão.....	10 a 13
--	---------

SEÇÕES:

De Música (Roberto Lyra Filho).....	24
De Rádio (Djalma Maciel).....	21

CURIOSIDADES:

Como nascem os passaros.....	18 a 21
O amor separa duas gerações.....	25 a 28
Você tem vocação para detective?.....	32-33
Através da máscara da face.....	37 a 40

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	50

Aguardem no proximo número

*A mais sensacional e
palpitante entrevista
à margem do mo-
mentoso "caso" de*

HUMBERTO DE CAMPOS

e a literatura de alem-tumulo.

*A REVISTA DA SEMANA, num deno-
dado esforço de reportagem, conseguiu
importantes declarações a respeito.*

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas coisas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador GESTEIRA*.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dóres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dóres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

A nossa Capa

Não é apenas uma estrela cinematográfica, essa deliciosa artista que desde *Tres pequenas do Barulho* o público se habituou a admirar, numa série interminável de comédias românticas. E' também uma legítima expressão de beleza da mulher moderna americana, tipo classico da moça destes dias turbulentos, mas nem por isso des-

REVISTA DA SEMANA



O sucesso da novela "COVARDIA"
publicada em fascículos pela
REVISTA DA SEMANA



EXCEDEU de muito as nossas melhores expectativas o acolhimento dispensado pelos leitores da REVISTA DA SEMANA à novela de Berliet Junior cuja publicação iniciamos, em fascículos, na edição anterior. Trata-se de um interessante trabalho de autoria daquele conhecido autor cuja divulgação, ao tempo em que se fez pelo microfone da Rádio Mayrink Veiga, despertou invulgar sucesso. Desde então, inúmeras pessoas solicitavam de Berliet Junior a publicação de *Covardia*, mas só agora, merecê da iniciativa que vimos de pôr em pratica, isso foi possível.

Sua divulgação faz-se, assim, em plena atualidade, quando o ambiente apocalítico da Europa, devastada pelo ferro e pelo fogo, vai enfim caminhando para horizontes mais claros e bonancosos.

Publicamos hoje o 2º capítulo de *Covardia*, mas si os leitores desejarem adquirir exemplares do número anterior, no qual foi editado o capítulo inicial, poderão adquiri-los escrevendo ou procurando-os pessoalmente em nossa redação, à rua Visconde Maranguape 15 — Rio de Janeiro.

tituidos de senso estético. Foi o cinema que operou essa pronunciada evolução no perfil feminino da atualidade. Sem duvida, Hollywood contribuiu mais, muito mais, nesse sentido, que todas as instituições de cultura física; mas, bem observado, o proprio cinema não deixa de ser uma instituição, tanto social como artistica, embora ainda exista quem o possa negar. E Deanna Durbin, moça, cheia de encantos, sabendo sorrir, estuante de alegria e de beleza, vale por um convite amavel que daqui endereçamos ao leitor, no sentido de folhear, bem disposto, também sorridente e amavel, o número da REVISTA que ora tem ela em mãos.



Petrolina

anlisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

IMPORTAÇÃO DE IDEIAS

Respondendo a uma carta de Eduardo Prado em que este lhe perguntara sua impressão sobre o Brasil, Eça de Queiroz, depois de elogiar a bondade do nosso povo, sua indole coraial e afavel e de se referir à beleza e grandiosidade de nossa terra, mostra que nem sempre temos sabido apreciar essas dádivas, preterindo muitas vezes as coisas boas que temos pelas que vêm de fóra, unicamente por serem estas estrangeiras.

E' aquela velha história do ovo da galinha do vizinho que nos parece sempre melhor.

E ilustrando a sua observação, naquele estilo rendado, colorido e forte, com aquela propriedade no emprego dos adjetivos, com a precisão das suas imagens, comparou o nosso país a um imenso jardim, cheio das mais belas flores de todos os coloridos e perfumes, sobre o qual alguém de mau gosto, teimasse em estender, escondendo, asfixiando as flores, um empoeirado tapete de retalhos.

Muitas vezes deixamos o que é nosso, nossos hábitos, nossas idéias, e aceitamos as dos outros, apenas porque estão na moda. Em tudo isso entra um grande coeficiente de "snobismo".

Aliás, este vício já fôra assinalado pelo grande escritor português na sua pátria, quando disse que Portugal importava da França tudo o que a civilização pôde dar: livros, perfumes, vestidos e até mulheres "rafinées", que também são incontestavelmente, um produto da civilização.

Irritava ao grande patriota que foi Eça aquela artificialidade da sua gente, despresando as boas coisas, que Portugal podia dar para viver num parasitismo em torno das idéias, dos modos e da civilização de França. Nas rápidas observações que fez sobre o Brasil pôde constatar o mesmo vício.

Não é descabida aqui a citação do grande escritor português, cujas capacidade de análise e critica souberam descobrir, tanto no seu como em nosso país, os traços mestres da indole e da psicologia dos respectivos povos, alguma coisa que por ser essencial e inherente aos individuos não pode desaparecer tão depressa.

o o o

Afinidades espirituais e intelectuais, a origem identica das duas linguas, facilitaram entre nós, mais do que em outros países, a assimilação — é verdade que incompleta — da cultura francesa.

Isto se dava, entre outras coisas, porque era elegante ser como os franceses.

Evidentemente, o prestigio da França concorreu de modo definitivo para esta absorção da sua literatura, das suas idéias e muitas vezes dos seus hábitos.

A origem comum das duas linguas, facilitando sobremodo a compreensão do francês entre nós, não poderia por si, justificar as nossas preferencias.

Para isso concorreu decisivamente a projecção politica, a situação da França, no momento em que estávamos aptos a receber idéias do exterior.

A literatura espanhola, por exemplo, apesar de ser escrita numa lingua, muito mais próxima do português que a francesa, não conseguiu no Brasil a mesma projecção.

E note-se que a literatura espanhola é uma das mais ricas do mundo, tanto em qualidade como em quantidade, tendo mesmo, a seu tempo, exercido uma influencia decisiva em toda a Europa, chegando até á Russia.

A própria literatura francesa foi enormemente influenciada pela espanhola. Em Racine e Molière pôde-se sentir esta influencia, mas Le Sage, com o seu "Gil Blas de Santilhana" é quem a evidencia de modo definitivo.

Na Inglaterra a novela picaresca espanhola inspirou muitos escritores. Stern e alguns satélites de Shakespeare, senão ele próprio, o mostram frequentemente.

E a fertilidade dos autores espanhóis não encontra paralelo em nenhum outro país. Ninguém chegou a igualar a fertilidade de um Calderon de La Barca ou de um Lope de Vega.

Quanto á genialidade, Cervantes ombreia com Shakespeare, Dante ou Goethe, entre os maiores genios da literatura mundial. E apesar de tudo isto, todos nós conhecemos muito melhor os romancistas, os poetas e os escritores franceses em geral, do que os espanhóis.

E isto por que?

Simplemente porque o prestigio politico da Espanha não apoiou a expansão da sua literatura na época em que estávamos aptos a recebe-la; como aconteceu com a francesa.

Nada pôde confirmar com mais evidencia a importancia do prestigio politico de um país para a aceitação das suas idéias e do seu modo, no resto do mundo do que a queda da França em 1940.

As obras de autores franceses tornaram-se mais e mais escassas nas nossas livrarias. Como por encanto a influencia da literatura francesa parece ter cessado.

No Brasil, mais ainda que em outros países, tem crescido a influencia das idéias e do modo de vida dos Estados Unidos, com o crescente prestigio que este país vai tendo por motivos politicos e economicos.

Mas, apesar de todos os esforços e da assimilação relativamente rápida que estamos realizando, não são pequenas as dificuldades para a completa compreensão do inglês, lingua tão diferente da nossa.

Nova

Que acontece então?

As obras de carregação invadiram as nossas livrarias e são impingidas, com auxílio da propaganda e do cinema, ao nosso público, em traduções muitas vezes péssimas.

Isto evidentemente representa um grave inconveniente, não só para o julgamento que se possa fazer dos escritores americanos e do ambiente literário dos Estados Unidos, como pela absorção de leituras de segunda classe capazes de intoxicar o nosso povo. Se quisermos importar idéias, pelo menos tenhamos o cuidado de selecioná-las.

Amo! — Poesia. — J. G. de Araujo Jorge. — Editora Vecchi. — Rio. — 1944.

J. G. de Araujo Jorge é um nome que se vem impondo no cenário das letras nacionais apesar das lutas que tem sustentado contra o indiferentismo e as críticas.

Inegavelmente é uma das figuras mais destacadas na moderna geração de escritores, pelo seu entusiasmo, a sua sinceridade e o equilíbrio que mantém na prosa e nos versos.

Mais conhecido como poeta, Araujo Jorge vem de publicar um romance intitulado *Um Bezouro Contra a Vidraça*, que, embora não seja isento de defeitos, é um livro que dá o que pensar. Mas deixemos o romance e voltemos a Araujo Jorge, poeta.

Amo, dá vasas a toda a força, ao entusiasmo de Araujo Jorge.

O primeiro verso que encontramos dá bem uma ideia deste vigor e deste deslumbramento do poeta ao contemplar o mundo e a se contemplar a si próprio:

A M O !

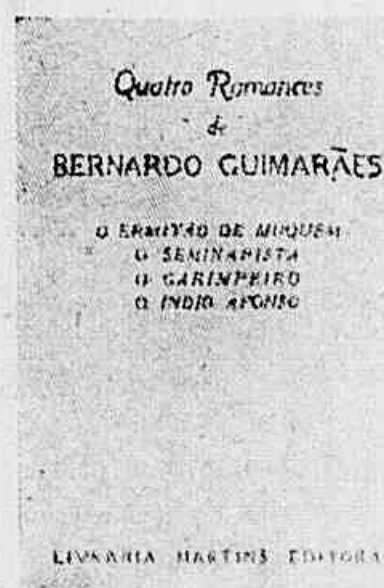
Amo a terra! Amo o céu! Amo o mar!
Amo a vida! Amo a luz! Amo as árvores, amo
a poesia que escrevo, e entusiasta declamo
aos que sentem como eu a alegria de amar!

Amo a noite! Amo a antiga palidez do luar!
A flôr presa aos cabelos soltos de algum ramo!
Uma folha que cáe! Um perfume pelo ar
onde um desejo extinto sem querer inflamo!
Amo os rios! E a estranha solidão em festa,
dessa alma que possuo multiforme e inquieta
como a alma multiforme e inquieta da floresta!
Amo a côr que ha nos sons! amo os sons que ha na côr!
E em mim mesmo, — amo os sons que ha na côr!
E em mim mesmo, — amo a gloria de sentir-me um Poeta
e amar imensamente o meu imenso amor!



E aqui vemos toda a sua vontade de viver com plenitude, livremente, e todo o seu encantamento diante da vida, que muitas vezes o leva ao paganismo. São versos sinceros, de mocidade e entusiasmo e isso pode desculpar muitos defeitos.

QUATRO ROMANCES DE BERNARDO GUIMARÃES — Livraria Martins Editora — S. Paulo.



Agora, que o realismo e surrealismo vêm tomando forma definida, impondo-se como escolas sérias e promissoras, amparando os estudos sociais e políticos, libertos já das suas doenças infantis, a literatura atravessa uma fase de transição, que a leva ao ponto fatal de baldeação — a saudade do romantismo. Não é de se admirar pois que muitos prefiram ler *A Noite Na Taberna*, de Alvares de Azevedo, tomando a cerveja morna dos botequins da Rua Santo Amaro e pensando no absinto de Montmartre, a engulir às pressas um capítulo de Macunaima, entre uma chicara de café com leite e uma transação bancária.

Martins Editora, lançou em um só tomo quatro dos melhores romances de Bernardo Guimarães — *O Ermitão de Muquem*, *O Seminarista*, *O Garimpeiro* e *O Índio Afonso*.

Nestas quatro histórias, desenroladas todas no ambiente bucólico do nosso hinterland, onde a alma boemia do autor se abria inteira para sentir a alma sofredora de seus personagens, encontra-se o melhor lirismo, a mais sensível emoção e as mais belas narrativas do velho Bernardo.

O grande romantismo mineiro, que é tido com razão como precursor do naturalismo brasileiro, não se deixou prender ao pieguismo de tanga que batucava nas estrofes de Gonçalves Dias, nem ao saudosismo chorão de Casemiro que lamentava as rasgões da camisa de camponês pobre que a idade e a imigração lhe haviam tirado.

O romantismo de Bernardo Guimarães, o seu lirismo e a poesia de todos os seus escritos, e destes quatro principalmente, é o sentimento eterno mineiro, brasileiro, universal, é um fluido inexplicável que ainda vive em nós todos e que viverá eternamente em todos os corações, enquanto o Índio Afonso e a Escrava Isaura forem perseguidos e chicoteados e enquanto houver no mundo um homem que se extasie diante de um ipê florido, ou de uma morena de cabelos soltos.

O romantismo de Bernardo Guimarães, as ações de todos os seus personagens, é este mesmo sentimento que nos faz tremer diante do menino abandonado que dorme num canto de portal, e sorrir diante da pequena de maillot de latex que joga peteca em Copacabana.

REGISTRO

CRUZ DE MALTA. — Órgão de publicidade e divulgação da consultoria do Gabinete da Superintendência da Organização Henrique Lage. Magnificamente impressa em papel couché, apresentando artigos sobre diversos assuntos.

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3357



SE FOSSE SEU FILHO...

... Belo, cheio de saúde, impaciente por triunfar! Não há sacrifício que você não faça, nem dever que evite para seu êxito, sua felicidade e sua saúde. Faça-lhe ver a importância de manter os dentes limpos, escovando-os depois de cada refeição, ou, pelo menos, duas vezes ao dia — com Creme Dental Squibb. Não contém adstringentes, substâncias raspantes ou ingredientes que possam estragar o esmalte ou

irritar as gengivas. Pelo contrário, é fabricado com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. As crianças sentem prazer em usar este dentífrico agradável. Não somente gostam do sabor, como também ficam encantadas com a deliciosa sensação de frescor que o Creme Dental Squibb deixa na boca. Compre um tubo... hoje mesmo. Procure o Selo da Casa Squibb, pois Squibb é um nome de confiança.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA



UMA TORRENTE INTERMINÁVEL. EM BAYEUX, DA JANELA DE UMA CASA, UMA MULHER FRANCÊSA VÊ PASSAR A TORRENTE INTERMINÁVEL DOS VEÍCULOS DO EXÉRCITO ALIADO ATRAVESSANDO AS RUAS DA CIDADE EM CAMINHO PARA AS LINHAS DE COMBATE NA NORMANDIA. AS GRANDES PILHAS DE SUPRIMENTOS E EQUIPAMENTOS DE TODAS AS QUALIDADES QUE ESTAVAM ARMAZENADAS NA INGLATERRA, AGUARDANDO APENAS O MOMENTO DA INVASÃO, ESTÃO SENDO AGORA TRANSPORTADAS ATRAVÉS DO CANAL DA MANCHA E, DEPOIS DE PASSAR PELAS ALDEIAS E CIDADES DA COSTA, VÃO ABASTECER AS TROPAS COMBATENTES.

— ESTES FRANCÊSES JÁ ESTÃO VIVENDO EM TERRITÓRIO LIBERTADO DA SUA PÁTRIA. OS TACÕES DAS BOTAS NAZISTAS NÃO PISAM MAIS E NUNCA MAIS PISARÃO ESTE PEDAÇO DE TERRA FRANCÊSA. NA FACE ESQUALIDA DESSA MULHER, MACERADA PELA FOME E PELOS SOFRIMENTOS, BRILHA A LUZ DE UM SORRISO VITORIOSO, TALVEZ O PRIMEIRO EM QUATRO ANOS. QUATRO ANOS EM QUE NINGUÉM QUE TIVESSE UM RESQUÍCIO DE DIGNIDADE PODERIA RIR. A CENA FOI TOMADA NUMA PEQUENA ALDEIA DO LITORAL FRANCÊS. ELA SAUDA UM SOLDADO AMERICANO E A PROXIMIDADE DO CAMPO DA LUTA NÃO PARECE MAIS ATEMORIZÁ-LA.



A GUERRA EM MARCHA

O ESFACELAMENTO DA MAQUINA BÉLICA NAZISTA

AS batalhas que atualmente se desenvolvem na Europa vieram trazer algumas surpresas e demonstrar o grau de eficiência das operações aliadas.

Por exemplo: a travessia do Canal da Mancha pela enorme esquadra de invasão e o desembarque nas praias da França não foram praticamente hostilizados pela ex-orgulhosa e terrível "Luftwaffe". Por que?

As forças mecanizadas nazistas, as poderosas "pânzer divisionen", temer dos países indefesos que elas esmagaram em 1940, não se lançaram imediatamente sobre a infantaria aliada que, sob as vistas do inimigo, desembarcou nas praias da França, onde estavam sendo esperadas há dois anos.

Quanto à ausência da aviação alemã, ninguém irá supor que estavam esperando ocasião mais decisiva para entrar em ação.

A ausência dos tanks mostra que os alemães precisam poupa-los o mais possível. Não quer isto dizer que suas reservas estejam liquidadas. A recente batalha que se travou perto de Caen, e na qual foram lançados contra o exercito de Montgomery mil e quatrocentos tanks nazistas, demonstra que o inimigo ainda dispõe de tanks e tripulações, mas que devem ser usados com a maior parcimônia. Naturalmente foram concentrados no interior para serem lançados com a maior segurança possível nos pontos nevrálgicos.

Economia de material e de tripulações. Si o comando alemão as faz, sabe muito bem porque.

Acabou-se o tempo das paradas espalhafatosas nas ruas das capitais europeias dominadas.

Para os nazistas, o caso da "Luftwaffe" é ainda mais sério.

A derrota da aviação nazista em todos os teatros da luta tem sido, evidentemente, a principal responsável pelos fracassos dos generais alemães.

A formidável esquadra de invasão atravessou a Mancha sem que os caças a incomodassem. Nos céus da França, os poucos aviões nazistas que apareceram foram rapidamente postos fora de ação, enquanto nos aeródromos os bombardeiros e transportes eram destruídos.

No ar como no mar é absoluta a superioridade aliada.

Mais uma vez Rommel deve confrontar-se com Montgomery.

Desta vez porém, a situação é bem diferente da África do Norte. E é preciso ter em conta o "complexo de El Alamein", que certamente influirá. Ali, como em toda a campanha da África, os nazistas contavam com uma absoluta superioridade, não só na qualidade do material como na qualidade.

Todos sabem que os tanks alemães na África tinham muito maior alcance de fogo e que só a habilidade das tripulações inglesas permitiam-lhes oferecer combate e sair vitoriosos.

Que acontecerá agora que os aliados têm superioridade numérica e material de melhor qualidade?

Os bombardeios ininterruptos a que vem sendo submetido não apenas o território do Reich mas o dos países ocupados acarretaram essa paralisação parcial do inimigo, transformando-o num lutador reumático.

Esses bombardeios não visam espalhar o terror matando mulheres e crianças. Destinam-se a paralisar a produção bélica do inimigo, atingindo as fábricas de aviões, de motores, de submarinos, as refinarias de petróleo e os meios de comunicações.

E os resultados obtidos puderam ser observados com a invasão. Obrigados a tomar a defensiva, a destruição de tanks, aviões, submarinos das estradas de ferro e das locomotivas trazem verdadeira confusão ao inimigo.

Mais grave entretanto do que o decréscimo na produção de material de guerra e a destruição do mesmo em quantidades cada vez maiores, uma vez que a luta se generaliza, se amplia e surgem novos fronts externos e internos, é o desgaste



ES AQUI ALGUNS SOLDADOS E OFICIAIS ALEMÃES QUE DESEMBARCARAM NA INGLATERRA SEM PERDEREM UM ÚNICO HOMEM. NÃO PODIAM OS NAZISTAS ESPERAR MELHOR ACOLHIDA. FORAM-LHES RESERVADOS APOSENTOS ESPECIAIS, COM ALTAS CERCAS DE ARAME FARPADO PARA PROTEGÊ-LOS. OS QUE AQUI VEMOS SÃO ALGUNS DOS MILHARES DE PRISONEIROS FEITOS PELOS BRITÂNICOS E AMERICANOS NO TERRITÓRIO LIBERTADO DA FRANÇA. A FOTO FOI TOMADA NUMA CIDADE DA COSTA DA INGLATERRA, QUANDO OS PRISONEIROS MARCHAVAM PARA UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO.

SOLDADOS ALEMÃES, PERTENCENTES À RAÇA DOS "SUPER HOMENS", DESCEM DA CRISTA DE UMA COLINA, OS BRAÇOS LEVANTADOS NA ATITUDE CARACTERÍSTICA DOS QUE SE RENDEM. ELES O FAZEM DO MESMO MODO QUE OS OUTROS SOLDADOS DO RESTO DO MUNDO, E AGORA ESTA ATITUDE VEM SENDO CADA VEZ MAIS FREQUENTE NOS EXÉRCITOS NAZISTAS.





OS ENGENHEIROS DOS EXÉRCITOS ALIADOS ABREM CAMINHO PARA AS TROPAS. A FUMAÇA QUE SE VÊ AO LADO DA ESTRADA É O RESULTADO DA EXPLOÇÃO DE UMA MINA TERRESTRE ALEMÃ. OS ENGENHEIROS QUE MARCHAM Á FRENTE DAS TROPAS SÃO ENCARREGADOS DE LIMPAR O CAMINHO PARA O SEU AVANÇO. O TRABALHO É, COMO SE PODE IMAGINAR, DOS MAIS ARRISCADOS POIS A MENOR FALHA OU DESCUIDO PODEM SER FATAIS. A FOTOGRAFIA FOI TOMADA NA COSTA DA NORMANDIA.

das reservas humanas, cada vez mais escassas e insubstituíveis.

As tropas nazistas vão desaparecendo nos três fronts que devem defender, sendo todos três de importância vital: o da Itália, da Rússia e da França.

Segundo telegramas recentes, os alemães estão perdendo diariamente, em média, dez mil homens.

Esta cifra, poderia parecer exagerada se não chegasse juntamente com a notícia de aprisionamento e morte dos chefes militares nazistas em número verdadeiramente assustador.

Sem material e sem soldados, mas principalmente sem chefes, está muito próximo o completo esfacelamento da máquina militar nazista.

OS SUPRIMENTOS CONTINUAM A CHEGAR ÀS PRAIAS DA FRANÇA. ESTA CENA, TOMADA NA COSTA DE INVASÃO DA NORMANDIA, MOSTRA UMA CORRENTE CONTINUA DE SUPRIMENTOS, QUE DOS NAVIOS PASSAM PARA ESSAS EMBARCAÇÕES ANFÍBIAS, QUE FINALMENTE AS TRANSPORTAM PARA A PRAIA. AS DIFICULDADES DO TRABALHO DE TRANSPORTES DE SUPRIMENTOS, QUE NOS PRIMEIROS MOMENTOS ERA GIGANTESCA, VAI SE TORNANDO MAIS FÁCIL. À DIREITA PODEMOS VER UM CANHÃO ALEMÃO DE 77 mm. CAPTURADO INTACTO.





O REI VISITA AS PRAIAS DA FRANÇA. A BORDO DO "ARTHUS" DA MARINHA BRITÂNICA, O REI GEORGE (AO CENTRO) COMENTA OS PROGRESSOS DA INVASÃO COM SIR ALLEN (À ESQUERDA) E O MAJ. GEN. LAYCOCK, COMANDANTE DAS OPERAÇÕES AERIAS. ACOMPANHADO PELO ALMIRANTE SIR BERTRAND RAMSAY E O ALMIRANTE SIR ANDREW CUNNINGHAM, O REI VIAJOU NO "ARTHUS" PARA A CABEÇA DE PRAIA NA FRANÇA, ONDE VISITOU O QUARTEL GENERAL DA INGLATERRA, CONFERINDO DIVERSAS MEDALHAS.



ASTUCIA NAZISTA. ESTE CANHÃO DE MADEIRA HABILMENTE CAMUFLADO NUM CRUZAMENTO DE ESTRADAS NA FRANÇA É DESTINADO A PROVOCAR O FOGO ALIADO DE MODO A QUE OS ALEMÃES POSSAM NÃO SO' LOCALIZAR AS FORÇAS ADVERSÁRIAS MAS AINDA CALCULAR A SUA POTENCIA DE FOGO NAQUELA REGIÃO. FOI ATRAVÉS DE TODA SORTE DE ARMADILHAS E DIFICULDADES QUE AS FORÇAS DOS ESTADOS UNIDOS TIVERAM QUE ABRIR CAMINHO PARA CHERBURGO, O MESMO ACONTECENDO COM OS INGLÊSES NO OUTRO EXTREMO DA LINHA.

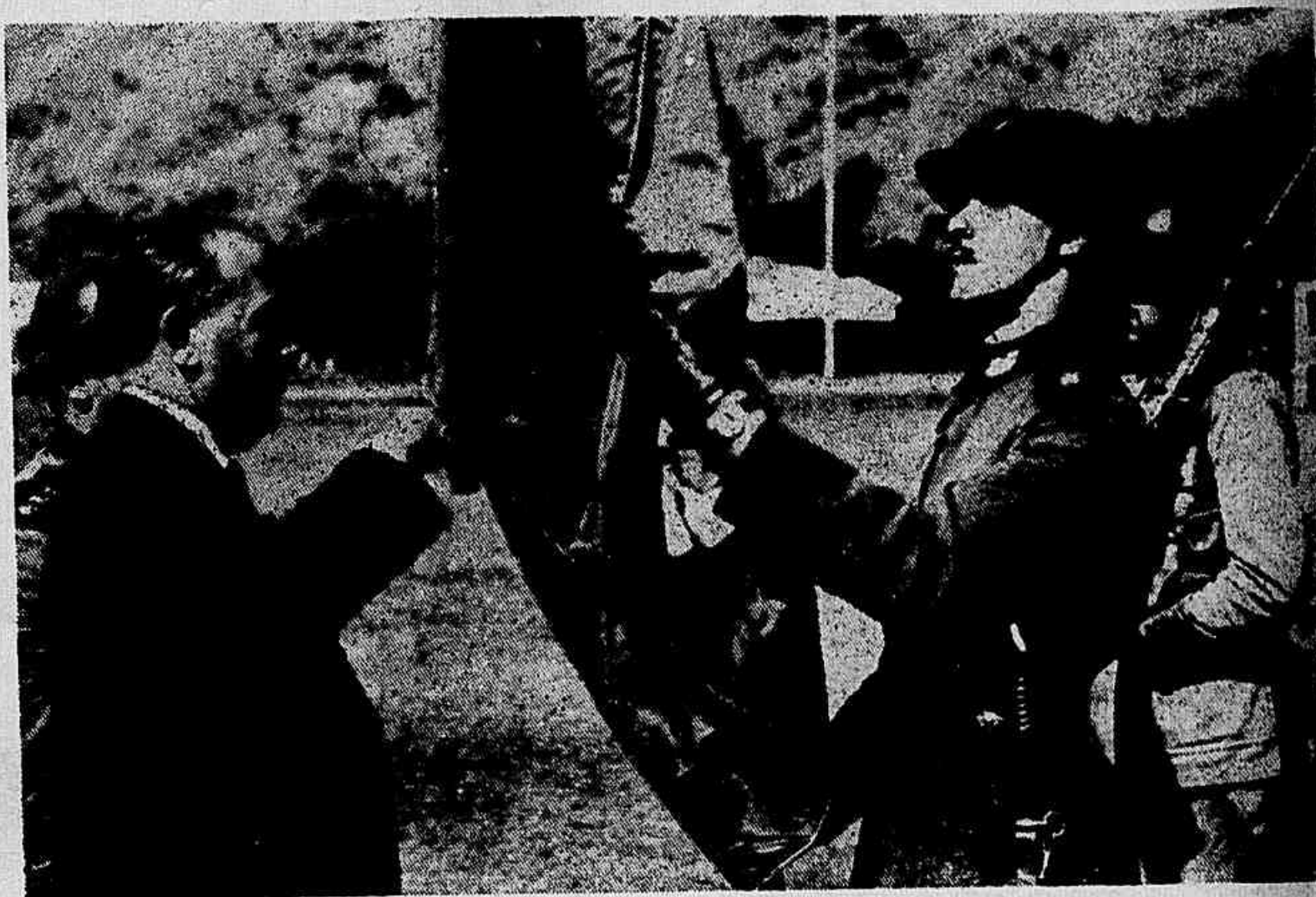


SANTA CASA DA MISE-
RICORDIA. ASPECTO TO-
MADO EM FRENTE AO POR-
TÃO CENTRAL DA MISE-
RICORDIA, NESTA CAPITAL, NO
DIA 2 DO CORRENTE, COME-
MORATIVO DA FESTA MAXI-
MA DA IRMANDADE. AO CEN-
TRO: S. EXCIA. REVEREN-
DÍSSIMA O SR. ARCEBISPO
D. JAIME DE BARROS CA-
MARA, LADEADO PELO PRO-
VEDOR, SR. DR. ARY DE AL-
MEIDA E SILVA, E PELO DE-
SEMBARGADOR EDGARD COSTA,
PRESIDENTE DO TRIBUNAL
DE APELAÇÃO, VENDO-SE AIN-
DA NO PRIMEIRO PLANO, O
IRMÃO ESCRIVÃO, DESEMBAR-
GADOR LAFAIETE DE ANDRA-
DE, A SUPERIORA DO HOS-
PITAL, O MORDOMO SR. DR.
ALFREDO BALTAZAR DA SIL-
VEIRA, SR. DR. AZARIAS DE
ANDRADE, MONS. MARINHO
E OUTROS.

FIGURAS E FATOS



ASPECTO DA FESTA REALIZADA NA NOITE DE S. JOÃO NO SÍTIO DAS PALMEIRAS, JACA-
REPAGUÁ, DE PROPRIEDADE DO DR. ANTONIO MACHADO. AO CENTRO, DESTACA-SE A SRA.
BARONEZA DA TAQUARA ENTRE PESSOAS DA SOCIEDADE CARIOCA E MEMBROS DA COLÔNIA ALAGOANA.

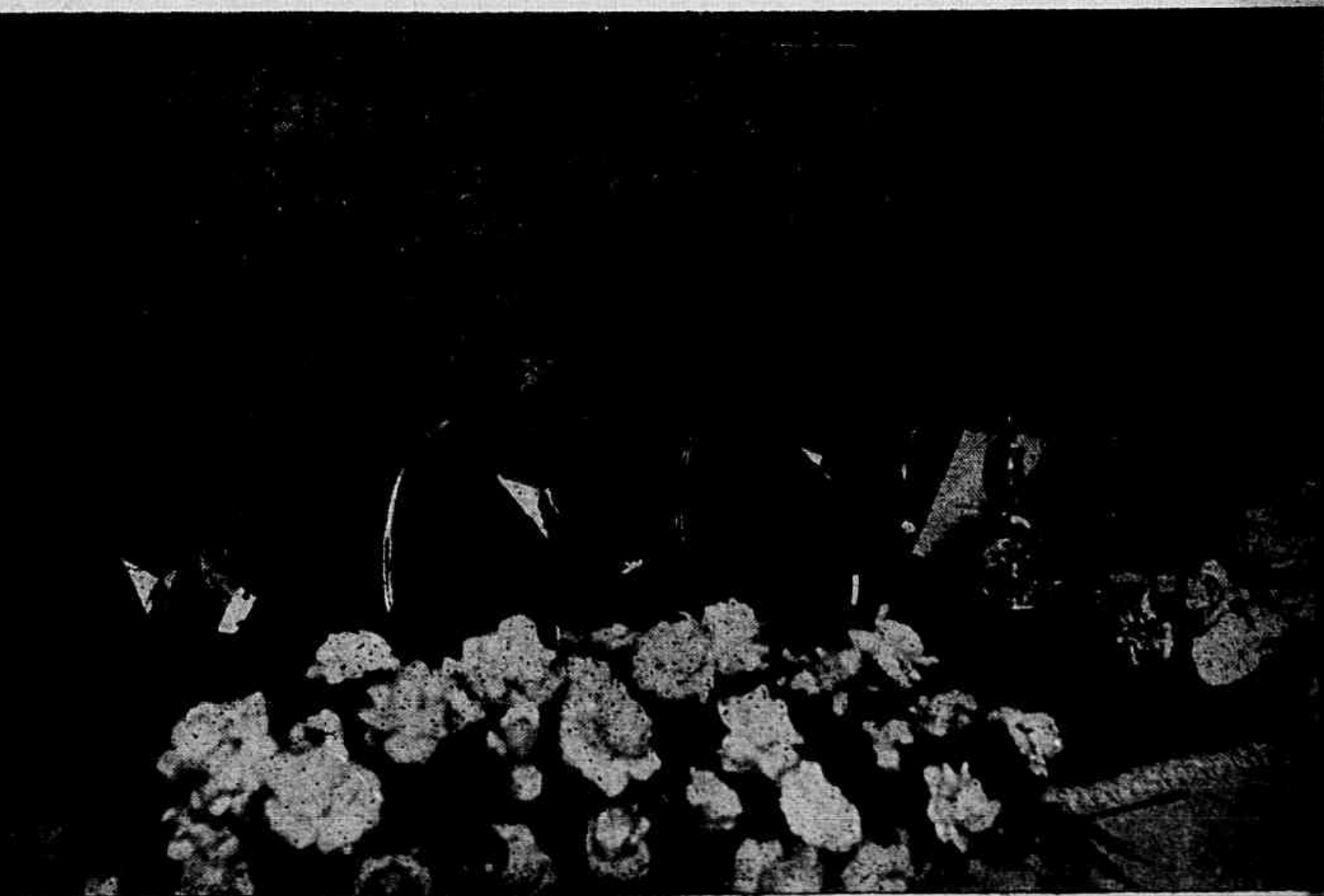


NA FORTALEZA DE S. JOÃO — NO DIA 24 DE JUNHO, REALIZOU-SE A SOLENIDADE DA ENTREGA, À
FORTALEZA DE SÃO JOÃO, DE UMA BANDEIRA NACIONAL OFERECIDA PELO TOURING CLUBE DO BRASIL AO
EXÉRCITO. A FESTA REVESTIU-SE DE GRANDE BRILHO, TENDO FEITO O DISCURSO DE OFERECIMENTO O DR.
EDMUNDO MIRANDA JORDÃO, E DE AGRADECIMENTO O TEN. CEL. AFONSO DE CARVALHO, COMANDANTE
DAQUELA PRAÇA DE GUERRA. DAMOS UM ASPECTO DA SOLENIDADE, À QUAL COMPARECERAM O MINISTRO
EURICO GASPAR DUTRA E O DR. JUVENAL MURTINHO NOBRE, PRESIDENTE DO TOURING CLUBE, OUTRAS
AUTORIDADES E PESSOAS GRADAS.

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS—POR MOTIVO DE MAIS UM ANIVERSÁRIO DA MORTE DO LIVREIRO FRANCISCO ALVES, A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS PRESTOU UMA HOMENAGEM À MEMÓRIA DO
SEU GRANDE BENEMÉRITO, ENTREGANDO OS PRÊMIOS DE LITERATURA DE 1943, DO CONCURSO QUE PROMOVE TODOS OS ANOS. NA GRAVURA UM ASPECTO DA MESA QUE PRESIDIU À SESSÃO VENDO-SE O ACADÊMICO MUCIO
LEÃO E OUTROS "IMORTAIS", E UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA, TENDO EM PRIMEIRO PLANO O SR. HERMAN LIMA, NOSSO ANTIGO COLABORADOR, UM DOS PREMIADOS, QUE TAMBÉM FALOU EM NOME DOS CONTEMPLADOS.

OS PRÊMIOS FORAM ASSIM DISTRIBUÍDOS:

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS, NO VALOR DE 10 MIL CRUZEIROS, CONFERIDO AO PROFESSOR SOUSA DA SILVEIRA, PELO SEU CONJUNTO DE OBRAS; PRÊMIO RAUL POMPÉIA, NO VALOR DE 4 MIL CRUZEIROS CONFERIDO À
SENHORA LEANDRO DUPRÉ, PELA OBRA INTITULADA "ERAMOS SEIS"; PRÊMIO, AFONSO ARINOS, NO VALOR DE 4 MIL CRUZEIROS, CONFERIDO AO SR. AURELIO BUARQUE DE HOLANDA PELO SEU LIVRO INTITULADO "DOIS
MUNDOS"; PRÊMIO JOÃO RIBEIRO, NO VALOR DE 4 MIL CRUZEIROS, CONFERIDO AO SR. M. NOGUEIRA DA SILVA, RECENTEMENTE FALECIDO, PELA SUA BIBLIOGRAFIA DE GONÇALVES DIAS; E PRÊMIO PAULO BARRETO,
NO VALOR DE 4 MIL CRUZEIROS, CONFERIDO AO SR. HERMAN LIMA, AUTOR DE "OUTROS CÉUS, OUTROS MARES".





Como conseguiu o criminoso fugir?
Não havia saída alguma praticável!

Se bem que uma velha amizade nos ligasse, havia já muitos anos, eu ainda não tinha tido a oportunidade de ver Tarrant desvendar um mistério. Os amigos, dizia ele sempre, são para as coisas agradáveis. Um crime, por mais interessante que fosse para o seu cérebro que se compraz na análise dos problemas, não pode deixar de ser agradável para os meus amigos. Portanto, quando estou envolvido numa história complicada qualquer, aviso-os logo:

— Bem, por alguns dias, não contem comigo. Ver-nos-emos muito breve, e então contarei as minhas proezas.

Assim, portanto, se bem que conhecesse todas as aventuras de meu amigo, relatadas por ele, não com vaidade, mas por pura alegria de tornar a analisar um caso, eu nunca o vi em ação.

A primeira vez foi naquela noite... Bem, procedamos com ordem. Explicarei, primeiramente, as circunstâncias que contribuíram para que eu estivesse lá quando vieram chamá-lo.

Naquela noite assistíramos a uma conferência de um egiptólogo, recentemente chegado do Oriente, e, depois de uma leve ceia no restaurante preferido de Tarrant, fomos ao apartamento dele sempre discutindo, e animadamente, coisas que para nós têm grande interesse, mas que a maior parte das nossas relações acha tediosas. Alumas, casos de violação de antigos túmulos e quejandos.

— Mas você não tem razão, meu jovem, Tut-ank-amen...

E fomos por aí agora, regando a polêmica com bom uísque escocês.

No meio da discussão ele disse:

— Meu amigo, o mundo é governado pela causa e efeito. Todo o fenômeno tem sua causa e seu efeito. E não há fenômenos sobrenaturais. Há, é verdade, fenômenos de causa e efeito desconhecido, ou do qual só se conhece os efeitos, e não as causas, porém isso não significa que eles não tenham causa e efeito. O homem primitivo ignorava a causa de muitos fenômenos e atribuiu-lhes origem sobrenatural. Que é o sobrenatural. O desconhecido. Porém o desconhecido é transitório. O que hoje não sabemos saberemos amanhã, assim como o que ontem era para nós mistério impenetrável é, hoje, fenômeno banalíssimo. Não é lógico? Por que, nesse caso, abandonar o estudo de certos casos, dizendo que não são explicáveis ou, pior ainda, dizer que promanam de uma força desconhecida? É frequente, num crime, cujo criminoso é difícil de encontrar, dizer-se: esse crime é impossível! E, se à pessoa que exclama isso, inquirimos o que é um crime impossível, ela se refugiará na explicação: é qualquer coisa de sobrenatural. Isso é tão velho quanto o mundo porém acontece que, aos poucos, nos vamos descartando desses preconceitos, à medida que a ciência avan-

ça. Poucos, entretanto, têm suficiente discernimento para compreender isso e acham que é ceticismo negar o sobrenatural...

— Meu amigo, você tem, certamente, uma habilidade extraordinária para defender suas teses, porém há duas espécies de fenômenos os que acreditamos que não viemos nunca a saber como se originam e os que sabemos que têm uma origem que transcende as nossas pobres e parcas qualidades intelectuais...

— Cite exemplos...

— De bom grado. A causa das causas: eis um. O princípio dos princípios...

— Vocês, cristãos, resolveram à sua maneira, esse problema...

— Mas confessamo-nos impotentes para poder penetrar, à força de raciocínio, na sua essência. Donde, a fé. Tarrant ia replicar quando souu a campainha.

— Quem será, a essa hora?

— Não tenho a mínima ideia. Não convidei ninguém. Deve ser algum amigo notâmbulo...

— Você tem muitos amigos desse gênero?

— Certamente. Os mais ricos são dessa categoria. Acordam às seis da tarde e deitam-se às sete da manhã...

Nesse momento entrou um homem de meia idade, visivelmente agitado. Tarrant apresentou-o. Era o gerente do edifício de apartamentos. Julguei, a princípio, que ele viera fazer uma visita de cortezia ao inquilino, apesar do adiantado da hora, porém, muito breve, verifiquei que me enganara, pois, mal acabávamos de apertar a mão um do outro, tocou o telefone.

— Alô?

Foi o criado filipino de Tarrant. Hido, quem atendeu.

— Sim, senhor. E' aqui mesmo. Quem? Está, sim. O Sr. Gleebe acaba de chegar. Vou chamá-lo. Muito obrigado.

Vir u-se p- a o gerente.

— Sr. Gleebe, telefone para o senhor.

Gleebe pediu desculpas.

— Com licença.

— Tem toda, disse Tarrant, que já percebera que alguma coisa estava acontecendo.

A conversa do gerente, pelo telefone, foi monossilábica e não nos revelou de que se tratava.

Finalmente Gleebe desligou o telefone e disse:

— Houve um acidente no ultimo andar. Ou, melhor, o meu electricista assustou-se e me telefonou. Não sei se ele tem razão ou se enlouqueceu. Imaginem os senhores que ele diz que uma musica funebre está sendo tocada dentro do unico apartamento que há ali.

Ele já bateu na porta várias vezes, mas ninguém respondeu. E a musica não pára. Assim que acaba, come-

ça de novo... Terei que subir para ver o que há...

Tarrant olhou para o gerente.

— Sr. Gleebe...

— Que há?

— Queria perguntar-lhe uma coisa...

— Às ordens...

— O senhor veio aqui, esta noite, para visitar-me?

— Francamente, não.

— Sabia, já, que havia acontecido alguma coisa, no ultimo andar e combinou esta telefonada para poder levar-me consigo para lá, para despertar-me a curiosidade?

— E' verdade.

— Meu caro amigo, fez mal...

— Mal? O senhor me perdõe...

(Continua na página 44)

O prego e a marcha funebre

Um sorriso e um
"maillot" de
Jean Parker
(PARAMOUNT).

É sempre assim. Quando as cariocas procuram agasalhos, guardam o *maillot* e brincam de inverno — as pequenas graciosas, nas praias californianas, despem-se dessa maneira tentadora, aquecem-se ao sol tropical daquele pedaço da America e servem-se de refrescos á vontade... Metade do ano no Brasil: friosinho gostoso. Metade do ano na America: verão que nem sempre merece a mesma classificação. Verão de verdade, quasi sempre com o cortêjo dos "casos" de insolação por atacado e a varejo, a exemplo de tudo que acontece na terra do *biggest of the*

world. Eis porque essas quatro perturbadoras "estrelinhas" aqui se encontram, de sorriso feitiçeiro nos labios, de atitudes plasticas, onde se denuncia a interferencia dos mestres de Hollywood, e de espirito muito alegre. Nossa Copacabana resente-se, nestes dias friorentos, com a ausencia de uma bôa parcela de suas *habitués*, embora já prevaleça no Rio, graças á evolução dos tempos, o excelente costume de frequentar a praia tambem nesta época do ano. Mas a maioria, o "grosso das tropas", prefere quedar-se no aconchêgo de casa, na temperatura mais amêna das confeitarias e dos cinemas com aquecimento, esperando a volta dos dias ensolarados, quentes a mais não poder... Vejam, entretanto, com que naturalidade Jean

Hazel Brooks e o seu mais recente figurino (METRO).



Parker, Hazel Erock, Ann Frederick e Elise Knox se expõem aos raios solares e ficam sabendo que, tanto no verão como no rigoroso inverno americano do norte, elas destinam algumas horas do dia à prática do seu esporte predileto e obrigatório: o banho de sol. Mesmo quando seja um banho "a seco", sem mergulho na piscina, simples pretexto para apresentação do mais recente modelo de *short*... Até porque — vá lá a confissão... — as "estrelas" cinematográficas premeem das praias e piscinas para se fotografarem nessas maravilhosas pôses. Tudo se reconstitue comodamente no *set* do estúdio—essas pôses, quase sempre, não passam do outro amável pretexto para a publicidade da artista e do seu próximo filme...

Ann Frederick considera o sol como a melhor medicina (METRO).



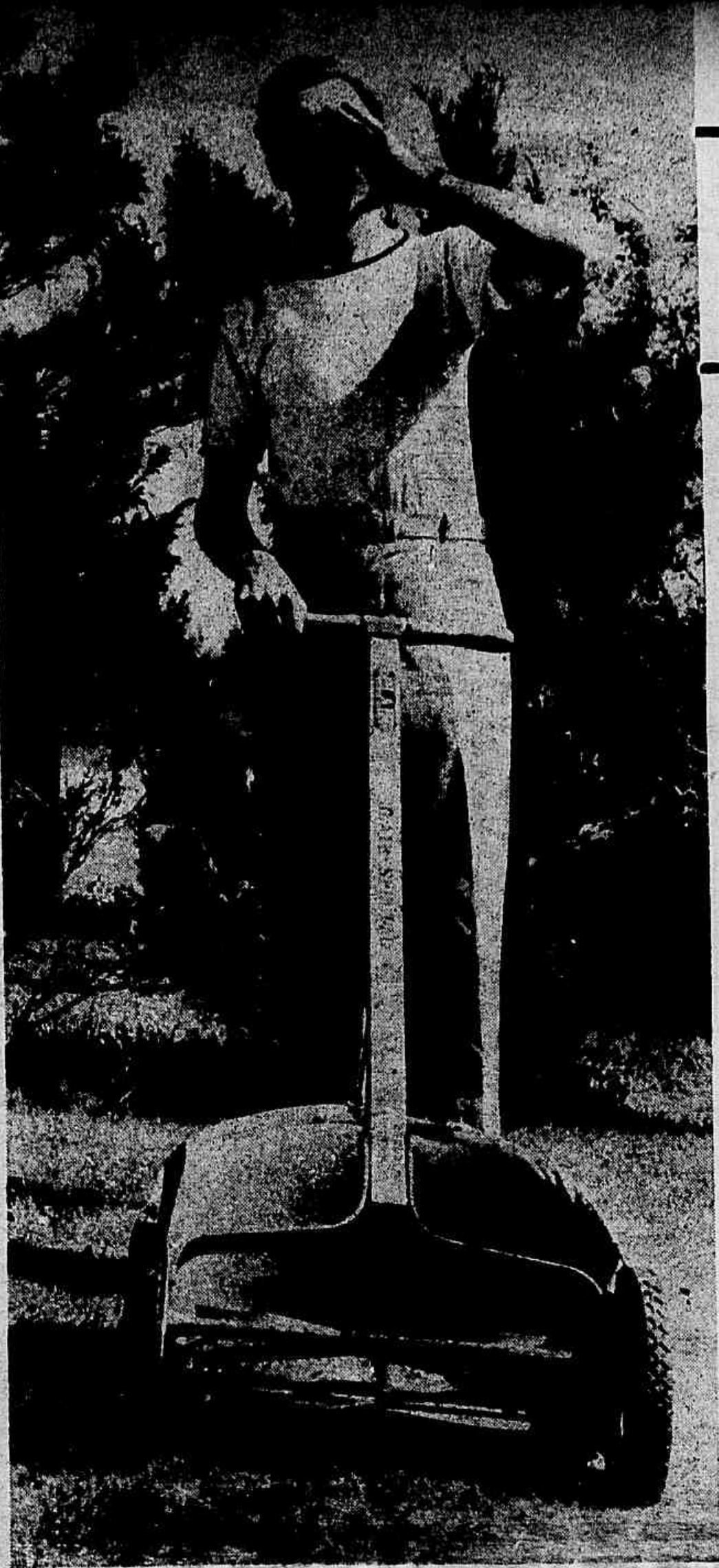
*Um "maillot" todo branco.
Dentro dele, Elise Knox
(UNIVERSAL).*



*Outra vez Elise Knox.
Só para exibir outro
"maillot" ainda mais...
anatômico.*

COMO NASCEM OS PASSAROS





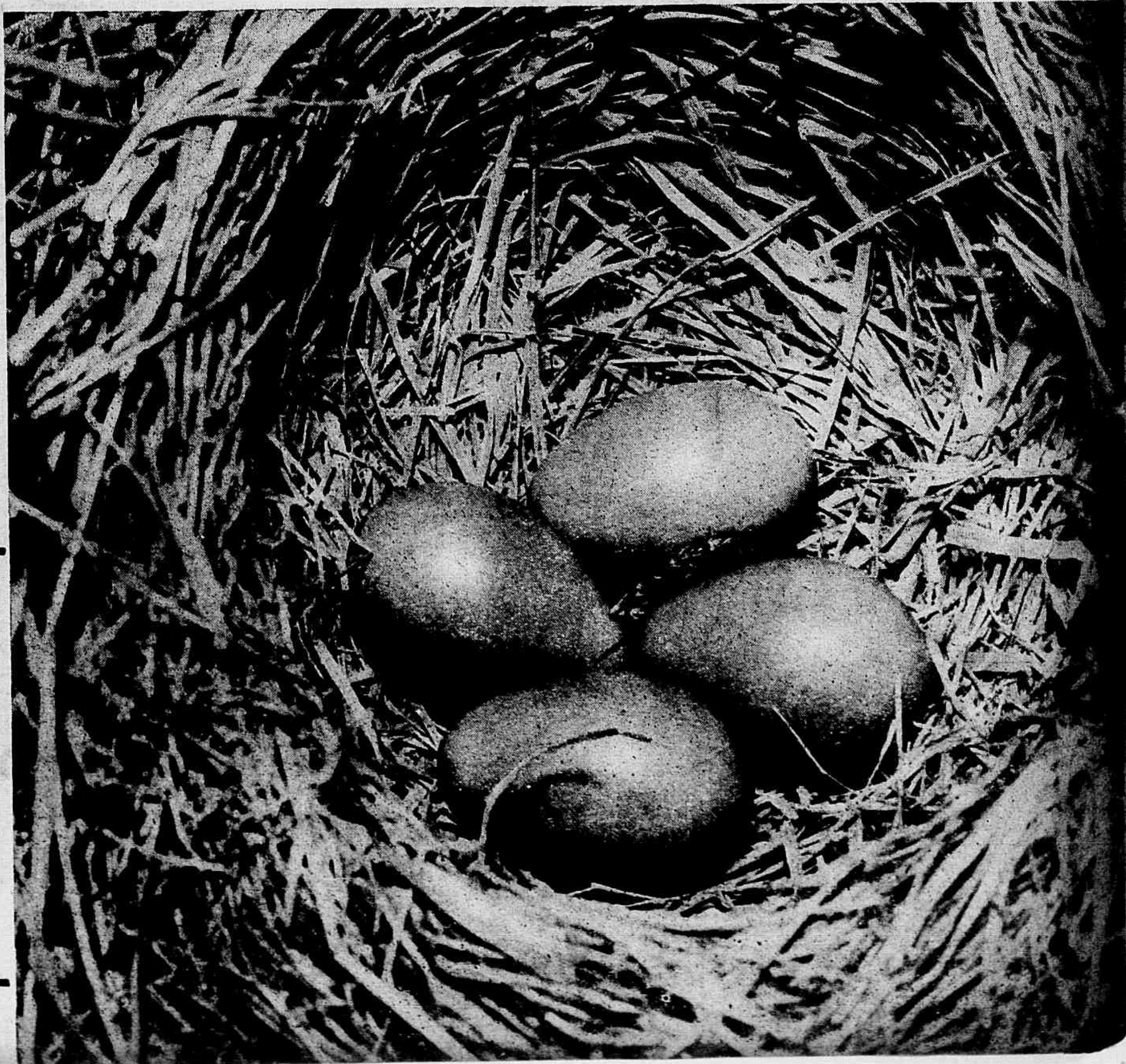
— "ÉI, GAROTOS! VENHAM AQUI DEPRESSA! DESCOBRI UMA GRANDE SURPRESA PARA VOIÊS..." — E ASSIM QUE O JARDINEIRO DÁ O SINAL DE ALARME, FOI QUASE ACIDENTALMENTE QUE ELE DESCOBRIU O NINHO COM OS QUATRO OVOS. SERÁ UMA ALEGRIA IMENSA PARA AS CRIANÇAS, EMBORA NENHUMA ESTEJA DISTANTE A TORNAR-SE UM ALGOZ CAPAZ DE SEPARAR UMA EXTREMOSA MÃE DE SEUS FILHINHOS. E' PRECISO ACAUTELAR A VIDA DOS "ENTESINHOS" QUE AINDA VÃO NASCER...



— AQUI ESTÃO OS PEQUENITOS "GANGSTERS"... GAROTOS INCRÍVEIS CORRENDO CURIOSOS, PARA VER O INTERESSANTE FENÔMENHO. MAS JÁ LHEM FOI RECOMENDADO QUE NÃO MEXESSEM NOS OVOS NEM ESTRAGASSEM O NINHO. UM ESPETÁCULO COMO O QUE VÃO PRESENCIAR É SEMPRE FASCINANTE PARA ELES. ACOMPANHARÃO DIA POR DIA OS MOVIMENTOS DO CASAL DE PASSAROS E TUDO HÃO DE FAZER PARA NENHUM SAIR "GORADO". DE QUALQUER MODO, VAI SER MUITO DIVERTIDO...

— VIGILANTE, CUIDADOSA, AQUI ESTÁ "MAMÃE" PINTARROXO ENTREGUE À SUA DELICADA TAREFA, CHOCANDO ESPERANÇADA. QUATRO BONITOS OVOS. SUA ATITUDE E SEU OLHAR MOSTRAM QUE LEVA MUITO A SÉRIO O TRABALHO, PRONTA A IMPEDIR A INTERVENÇÃO DE QUALQUER "KIDNAPPER". OS DIAS VÃO PASSANDO, OS OVOS VÃO AQUECENDO E A FAMÍLIA ESTARÁ AUMENTADA. NÃO TARDA MUITO. PAZ E FELICIDADE PARA O CASAL DE PASSAROS QUE TÃO A SÉRIO ENCARA A VIDA!

— E AQUI ESTÁ O SOBEITO ESPETÁCULO! UM NINHO COM OVOS DE PINTARROXO! ISTO FOI O QUE A PETIZADA ENCONTROU. ASSIM COMO OS VEMOS, ESSES OVOS NÃO PARECEM DISPOSTOS A PRODUIR OS CANTORES EMFLUMADOS E GRACIOSOS QUE BREVEMENTE DELES SAIRÃO... AS CRIANÇAS DEVEM CONSERVAR-SE A UMA BOA DISTÂNCIA, POIS OS PAIS NÃO TARDAM A ASSUSTAR-SE DANDO COM OS ESPECTADORES INESPERADOS. SABERÃO RESPEITAR O NINHO SAGRADO?





— ABENÇOADO ACONTECIMENTO EM PLENO CAMPO! PARA COMEMORÁ-LO, "BATEU-SE" A CHAPA. AQUI ESTÁ A POSIÇÃO EM QUE DEVE FICAR A MÁQUINA FOCANDO O NINHO ONDE A IMPORTANTE OCORRÊNCIA TERÁ MUITO BREVE LUGAR. O FOTOGRAFO E SEUS AMIGUINHOS CONSERVAM-SE BEM AFASTADOS. ELE, PRONTO A APERTAR O BOTÃO E DAR INÍCIO À FILMAGEM. O "CAÇULINHA" PENSA MESMO QUE VAI SAÍR UM PASSARINHO DA OBJETIVA, MAS OS PASSAROS SÓ IRÃO NASCER DAI A ALGUNS DIAS...



— E PRONTO, ESTÃO NASCENDO... OS PRIMEIROS VEEM AO MUNDO DE BICO ABERTO PARECENDO DIZER: — "QUANDO VEM ESSA COMIDA, PESSOAL" METADE DA NINHADA JÁ ESTÁ FORA. APEZAR DE PEQUENINOS E FRÁGEIS, ELES JÁ SABEM RECLAMAR O ALIMENTO QUE "MAMÃE" PINTARROXA ESTÁ PROVIDENCIANDO. LÁ POR FORA... VAI SER UMA FESTA QUANDO ELA VOLTAR AO NINHO, TRAZENDO, NO BICO, A PRIMEIRA REFEIÇÃO DOS RECEM-NASCIDOS. O INSTINTO DA CONSERVAÇÃO ESTÁ RECLAMANDO...



— E ASSIM QUE ELES SÃO ALIMENTADOS, A TAREFA REQUER UMA PERÍCIA E UMA RAPIDEZ INCRÍVEIS: MAS O FOTOGRAFAR ESSA CENA É TAREFA AINDA MAIS DELICADA: A TÊMEA DO PINTARROXO ALIMENTA SEUS FILHOTES, EVIDENTEMENTE NÃO É DAS COISAS MAIS ELEGANTES; A MANEIRA POR QUE LEVA O ALIMENTO À BARRANTA DO "HERDEIRO", O VERME FOI COLOCADO COM TODO O CUIDADO E O "BICHINHO" POR CERTO ESTÁ SABOREANDO UM DELICIOSO QUITUTE!

— E AGORA AS PRIMEIRAS PENAS... SÓ COM DEZ DIAS DE VIDA, ELES JÁ MOSTRAM UM ASPECTO MAIS APRESENTÁVEL. O CORPO AINDA ESTÁ COBERTO DE PENUGEM; MAS NAS AZAS JÁ PODEMOS VER ALGUMAS PENAS MAIS FORTES. O ENGENHOSO E EMPREENDEDOR FOTOGRAFO, A QUEM DEVEMOS ESTA PACIENTE OBRA, ESFORÇOU-SE EM FIXAR OS ESTÁGIOS DA METAMORFOSE DOS FILHINHOS DA PINTARROXA E JÁ OS MOSTRA EMPLUMADOS: MUITO BREVE ELES VÃO BATER AZAS...





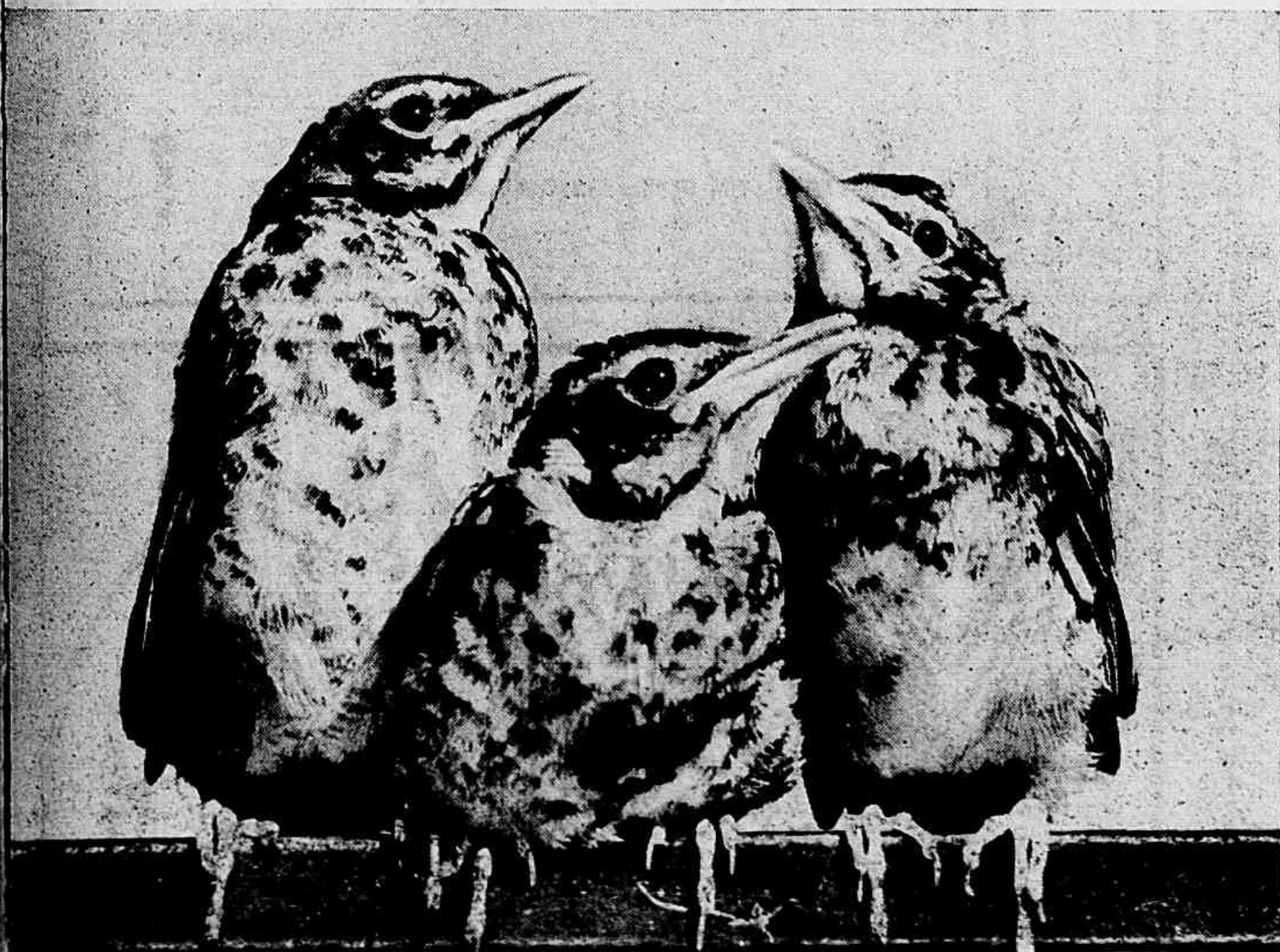
— QJADRPLOS! EIS O RESULTADO DO EXAUSTIVO TRABALHO DESSE CASAL DE AVES. NOS PRIMEIROS DIAS, ELES PARECEM EXIGIR APENAS UMA COISA: COMIDA. E A VORACIDADE DESSES EXQUISITOS E PEQUENINOS SERES PARECE NÃO TER LIMITE. ELES CONTINUAM RECLAMANDO A PLENOS PULMÕES E NÃO ADMITIRIAM A MENOR PARCELA DE RACIONAMENTO NO ALMOÇO OU NO JANTAR. QUEREM COMER, COMER MUITO, A QUALQUER HORA DO DIA — QUANDO NÃO DORMEM...

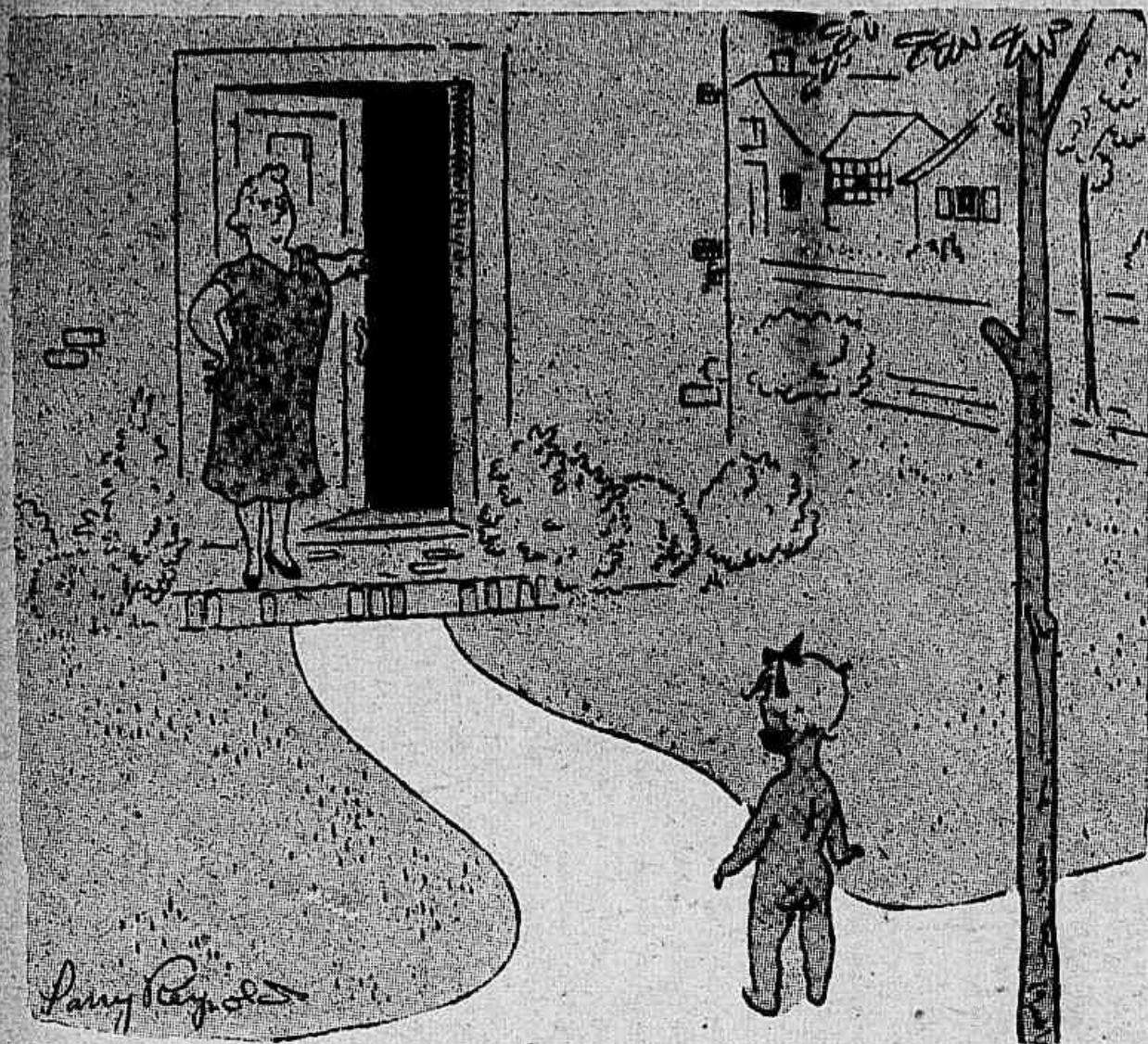


— OOOH! QUE DESAGRADAVEL SURPRESA! NESSA MANHÃ, A MENINA FOI FAZER A SUA VISITA COSTUMEIRA AO NINHO — E NÃO ENCONTROU MAIS OS OVOS! EM LUGAR DELES, ALI ESTÃO QUATRO PARES DE BICOS ESPANTOSAMENTE ABERTOS... A METAMORFOSE ASSOMBROU A PEQUENA ESPECTADORA COMO UM MILAGRE. E FOI REALMENTE UM MILAGRE QUE ELA ASSISTIU. A NATUREZA DEU CONTA DA SUA MISSÃO, PROPORCIONANDO À CRIANÇA, AGORA, ESSE NOVO ESPETÁCULO...

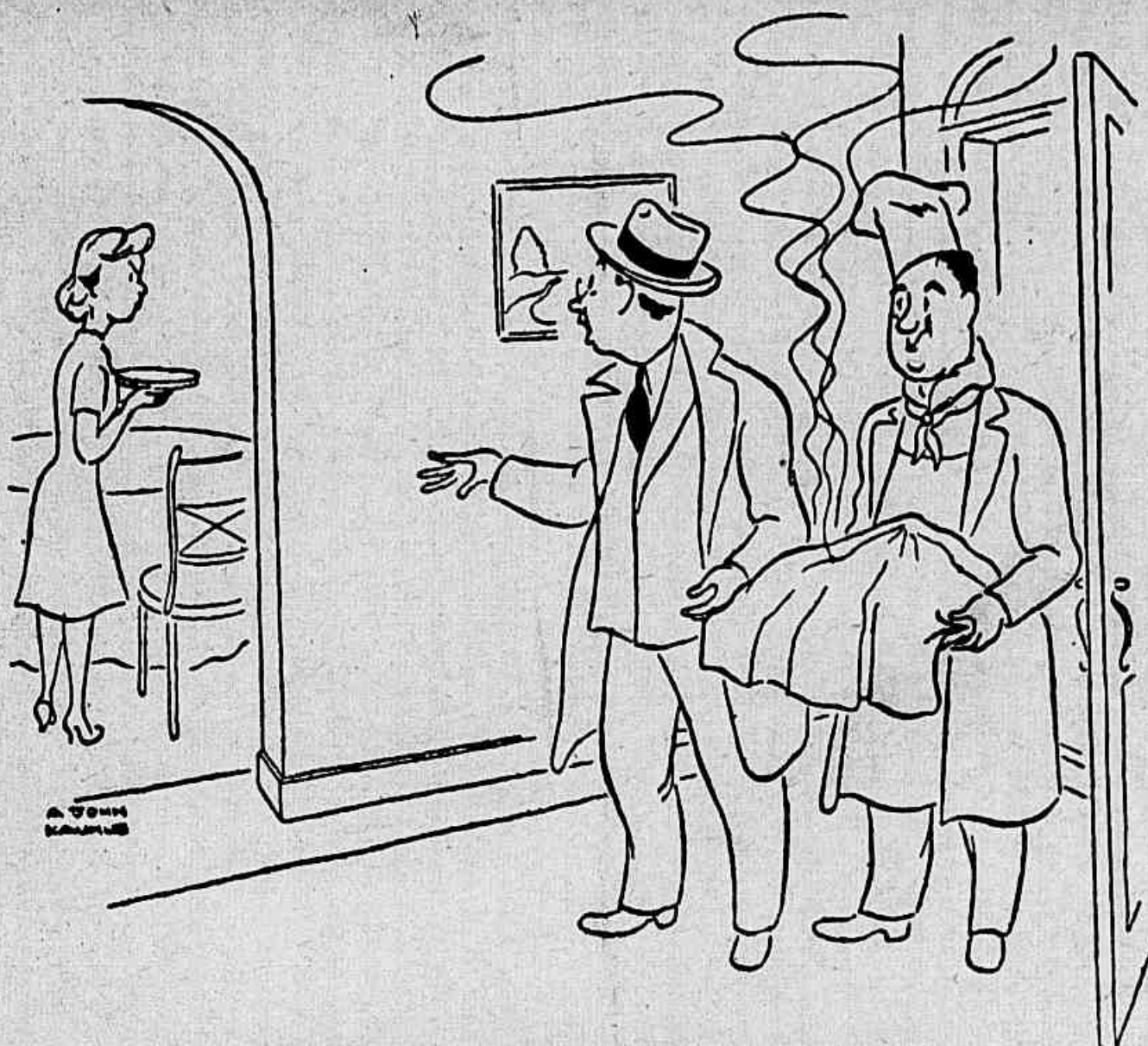
— MÉTODO E ECONOMIA NUNCA SÃO DESPREZADOS PELAS AVES. ALGUNS "FILHOTES" JÁ ESTÃO ALIMENTADOS E APROVEITAM O TEMPO PARA TIRAR UMA SONECA. O ALMOÇO QUE SOBROU, PEDACINHOS DE INSETOS E DE VERMES, DESTINA-SE AGORA AOS QUE AINDA NÃO ESTÃO SACIADOS: E PARECE QUE HA SEMPRE BOCAS PARA RECEBER MAIS COMIDA. NOSSO GRANDE E MARAVILHOSO MUNDO NÃO SE CANSA DE MOSTRAR, CONTINUAMENTE, NOVOS MILAGRES CAPAZES DE ABALAR O CEPTICISMO DOS MAIS DESILUDIDOS...

— FINALMENTE! PRONTOS PARA A VIDA, PARA O ESPAÇO, PARA O AZUL DO CÉU... AQUI ESTÃO OS HERÓIS. NUMA POSE ESPECIAL PARA O NOSSO FOTOGRAFO, PERFEITAMENTE EMPLUMADOS, ESTÃO DOIDOS PARA ENFRENTAR O MUNDO. JÁ FIZERAM SEU PRIMEIRO VÔO "SOLO"; E FORAM APROVADOS. BREVE ENCONTRATÃO. CADA QUAL, A SUA COMPANHEIRA. E POR SUA VEZ TERÃO DE CONSTRUIR OUTROS NINHOS. A VIDA CONTINUARÁ SUA MARCHA SEGURA — E OUTROS PASSAROS HÃO DE NASCER...

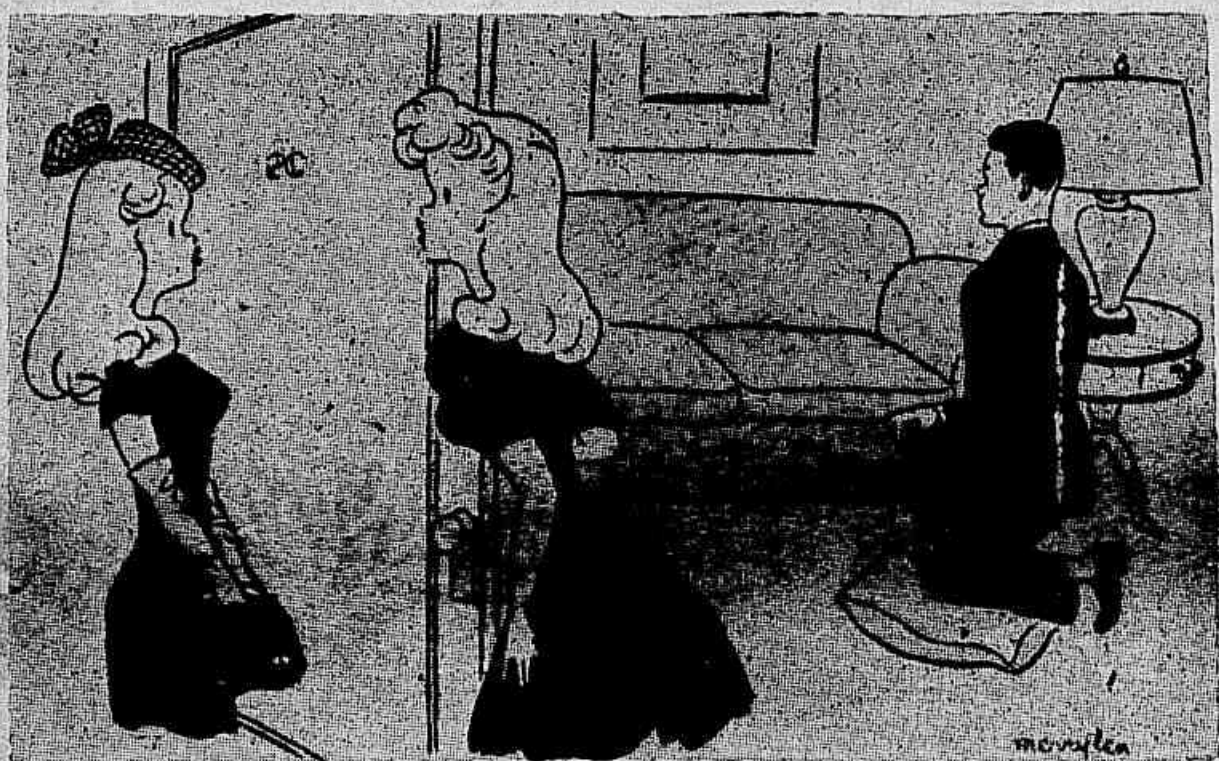




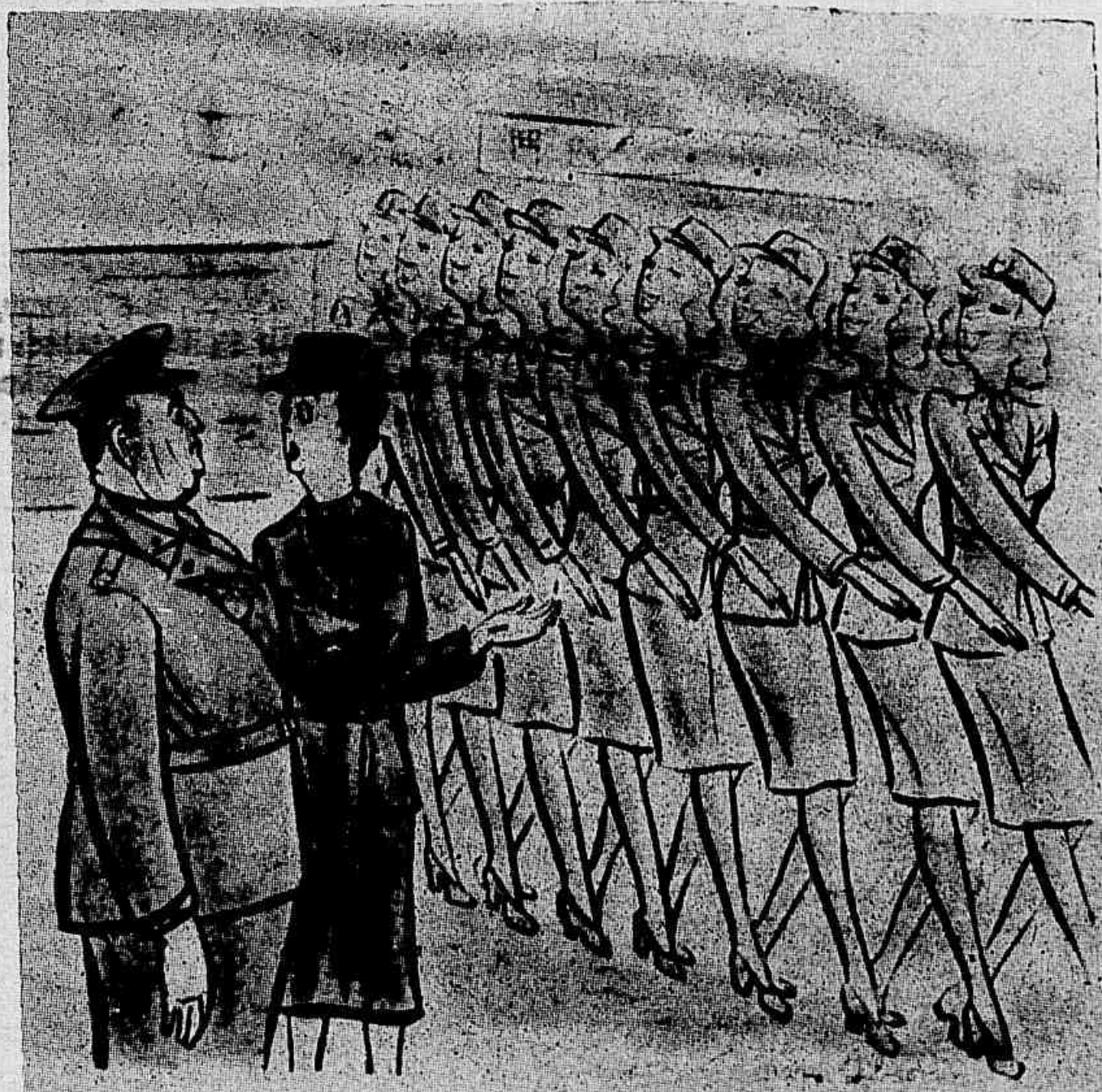
ENTRAR POR QUE, MAMÃE?



TROUXE UM AMIGO, PARA JANTAR QUERIDA, MAS NÃO HAVERÁ TRANSTORNOS.



AGORA ESTOU OCUPADÍSSIMA. PODES VOLTAR MAIS TARDE?



O TREINAMENTO SERÁ FACIL; TODAS SÃO ARTISTAS DE REVISÃO.



QUEIRA DESCULPAR-ME SR. MAS A SUA VIAGEM É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIA?

DE BOM *
* HUMOR

Eu sou loucamente apaixonado por uma criatura que já não existe mais. Hoje é só uma sombra benigna derramada em volta de mim, mas que foi luz [vivificadora em meus dias passados que começam a sumir na ampulheta do tempo. E aquele sol radioso, apagado de repente, me deixou, passos trôpegos, errante numa estrada deserta que não saberei nunca onde irá acabar um dia. Sinto-me, por isso, como uma bola que girasse desvairadamente no espaço e para onde se voltasse só enxergasse abismos incensuráveis. E dominado por essa corrente de força estranha, que me cega e entontece cada vez mais, sou levado nessa sarabanda doida, sonâmbulo de ilusões e zombarias da sorte.

Foi essa a sensação que experimentei ainda ontem quando acordei às tantas da noite. Alguem me viu levantar nessa madrugada, entre gemidos, sacudido repentinamente por uma coisa estranha e violenta que se passava dentro do meu ser. Essa pessoa, mais tarde, me falou, com meiguice sem par na voz, que, nessa noite, quase morrera com pena do meu estado de aflição. Vira-me só-sinho caminhar apressado, apertando com força a fronte com as duas mãos, freneticamente, de um lado para o outro do pequeno quarto de iluminação escassa. Jamais supus que era tão bem vigiado. Ela exclamara — “o que terá aquele moço, meu Deus!” E levantara uma prece aos céus para que eu sarasse daquela dor. Foi Maria da Glória, a garota do apartamento vizinho. Há muito que ela me amava sem que eu disso tivesse conhecimento, até aquela noite quando nos encontramos no *footing*, na praia, e fomos apresentados, casualmente, por um meu amigo. Depois de decorridas algumas horas de animada palestra, quando nos despedíamos, ofereci-lhe o meu cartão de visita com o endereço, telefones de casa e do emprego, etc., etc.

Achei a garota maravilhosa, sentindo logo que começava a mexer dentro de mim uma pequenina ponta de paixão violenta. Há muito que não tinha um sono aliviado como foi o daquela noite. Acordei, no dia seguinte, com alguém me chamando ao telefone.

— E' você, Jorge?

— Quem fala...?

— Vê-se se advinha...

— ?...

— Ingrato, esqueceu-se de mim...

Continuei a ignorar completamente quem poderia ser... A voz, entretanto, não me era estranha...

— Maria da Glória, seu bôbo!

— Ah! perdão, Maria da Glória...

A propósito, sonhei com você durante toda esta noite (mentira dos diabos!) E você?

— Não fechei os olhos... vigiando alguém...

— Não compreendo...

Ela continuou:

— Você sabe que é meu vizinho e que eu já o conhecia antes?

— Vizinho... de onde?

Ficamos presos ao telefone por mais de uma hora. Eu estava espantado, sentia-me suspenso, gaguejando um bocado de palavras desconexas.

Ela insistia a prosseguir ventilando o mesmo assunto. Este, mal sabia Maria da Glória, fazia-me ficar gostando menos dela.

— Enfim o que foi aquilo que você sentiu naquela madrugada?

— Puxa! — Disse com os meus botões, — Maria da Glória poderia ao menos ser mais discreta, ter piedade de mim”. Respondi-lhe sofregamente:

— Uma cólica de fígado violenta como nunca tive antes...

— Ah! você sofre do fígado?

— Muito! (outra mentira).

— Então tomo a liberdade de receitar-lhe um remédio (e presentí que mordida os lábios, aquele seu jeitinho da véspera) case !!!

Dito isso, fez um longo silêncio, — desconfiança, receio, talvez. Uma espécie de parentesis, após aquele desabafo na sua história de amor platônico torturado, encubado. Passada essa onda de nervos, quando nos despedimos, já existia uma compreensão mútua que selaríamos com um beijo de amor, meses depois, certa noite, em um banco, na praia.

Sim. Ela mesma. Maria da Glória, naquela madrugada, do seu quarto, no apartamento, ouvira os meus gemidos, vira-me louco e se enchera de dó por mim. Larguei o telefone, cabisbaixo, galgando a passo lento os cinquenta degraus da escadaria até ao meu quarto. Ai tendo chegado, abri a veneziana do balcão, e vaguei curioso com os olhos para o edificio ao lado, de onde ela poderia ter-me visto. Lá estava a

janela do seu quarto. E Maria da Glória também. Sorri-lhe meio triste e alegre, espaiecendo aquele meu tormento. Ainda, dessa vez, não enxerguei nitidamente a minha namorada vizinha. Vi-a como numa prova de retrato ainda não retocado. E' que eu tinha a alma e os olhos vagando na sombra da outra que morreu...

Lembro-me de Lorena muito pálida e loura, toda de branco, sentada ao piano tocando aquele tango dolente. Quando ouço essa musica, os meus olhos ficam marejados de lágrimas.

Nada jamais pareceu tanto com ela. Nuances de enternecimento sem par. Os seus dedos de setim deslizando macios sobre o teclado como se fossem também de marfim. Minha adorada Lorena! Outra vez comigo, como naquele tempo. Na noite em que Maria da Glória me descobriu com as mãos á cabeça, eu não sentia outra coisa senão uma in-

comparavel saudade e falta de t. Fico como louco e me ponho a gemer, a chorar como um perdido. E quando me lembro que não vais voltar nunca!

Naquela madrugada, absolutamente dominado por essa sensação de distancia, acendi a luz, abri a veneziana do balcão como para mandar embora aquele meu tormento íntimo. E levantei as mãos para cima deixando-as cair negligentemente, logo a seguir, porque na ânsia de te buscar, senti-as realmente variadas. Passado esse estado de contemplação, larguei a varanda e me puz a soluçar convulsamente. Depois de toda aquela alucinação, caí pesadamente sobre a cama, desfalecido. Julgara-me até morto, — pois eu tinha o rosto macerado, a boca entreaberta e os olhos arregalados, imóveis, sem brilho.

E Maria da Glória vira tudo isso e se compadecera de mim: — “pobre moço, como sofre!”

(Continua na pag. seguinte)



LORENA, MINHA LORENA!

Conto de Gastão de Alencar Neves

DE MÚSICA

No terceiro concerto do maestro Kleiber, além do Pássaro de Fogo, tivemos aquela encantadora travessura musical que é a sinfonia da "Surpresa".

O acorde da surpresa, soando abruptamente no meio do andante, e calculado para acordar os ouvintes embalados pelo adagio cantabile, soou com tal vigor que até mesmo os que já estavam preparados tiveram um pequeno sobressalto.

Haydn sempre gostou dessas novidades surpreendentes. A sinfonia "Da Despedida", por exemplo, encerra uma inovação desse tipo. Como todos sabem, no final dessa obra, os executantes se retiram, um após o outro.

Porém essas brincadeiras não asseguraram a Haydn a imortalidade. Suas teorias avançadas a respeito de arte musical e, ainda mais, as suas próprias obras lhe valeram a consagração. Numa época em que imperava o classicismo, com suas regras, suas exigências às vezes absurdas, Haydn teve a coragem de proclamar a liberdade da arte, tornando-se precursor de um movimento que só tomaria vulto depois de sua morte.

Realizações mais perfeitas do que a sinfonia apresentada são os oratórios e os célebres quartetos russos, em numero de seis, que lhe conquistaram um discípulo, Mozart.

A Sinfonia de Villa Lobos cujo Scherzo foi executado sofreu a análise minuciosa de Kleiber. Com segurança o maestro marcou as irreverências do compositor e acentuou o lado mais fraco da obra. É pena. Esse trecho do maestro Villa Lobos não está à altura de seu talento.

Logo depois de Villa Lobos tivemos o prelúdio da ópera "Der Fliegende Holländer", de Wagner. Esse trabalho representa uma fase de transição na obra de Wagner. Um período que ficou entre a pompa artificial de "Rienzi", em estilo meyerbeeriano, e Tannhauser, que já está muito mais próxima do estilo do Anel.

Na sua estreia, "Der Fliegende Holländer" foi um fracasso. Era o primeiro sinal do drama musical que viria mais tarde, e já apresentava uma partitura que se desenvolve em torno de alguns temas caracterizando certos personagens e situações.

Realçado pela interpretação de Kleiber tivemos o prelúdio que apresenta os temas,

Na Escola N. de Musica realizou-se um concerto de Canções de Francisco Mignone, interpretadas por Alice Ribeiro, com o autor ao piano. Mignone criou, com sua música, um ambiente que expressa, com fidelidade, os versos do poeta; limitou-se a traduzir, em musica, o texto. E, talvez por isso mesmo, as melhores canções são as do grande lírico, Manuel Bandeira. Também muito delicada é a série de canções com versos de Oneida Alvarenga, A Menina Boba, que descreve a menina moça, desejando qualquer coisa que não sabe bem o que é, e na qual Mignone traduziu com muita sensibilidade os sonhos da adolescência. Os versos de Omar Khayam, com a sua concepção da felicidade; sob a sombra de uma árvore, uma garrafa de vinho, um pedaço de pão e a mulher amada foram realçados pelo compositor com muita justeza.

Alice Ribeiro é uma excelente cantora. Sua voz não tem muita extensão, porém o timbre é agradável e ela sabe cantar. É, de fato, na musica de camera que as suas maiores qualidades se evidenciam. Sem o aparato tantas vezes artificial da ópera, num ambiente mais íntimo, podemos admirar melhor a arte dessa cantora.

Dotada de uma sensibilidade e de uma graça admiráveis, Alice Ribeiro interpretou as canções tão liemente como o maestro as musicara.

Quando, no século passado, a ópera atingiu o seu período áureo, predominava entre os cantores italianos uma concepção assustadora da arte de cantar. Bem nutridas e, em geral, senhoras de estatura imponente, as primadonas, dotadas de extensíssimas vozes, enchiam a sala com o vigor de seus agudos. Os nossos teatros, para elas, eram brincadeira. A Casloni foi famosa, entre nós. Machado de Assis dedicou-lhe várias crônicas e, lendo-as, imagina-se a interpretação, em genuíno estilo capa e espada musical, muito do gosto da época, que ela proporcionava ao publico brasileiro. Não foi somente a Casloni que nos intimidou com sua voz privilegiada; esteve aqui, mais de uma vez, o tenor Tamagno, que, para não desmentir a insinuação do seu nome, cantava com vigor e entusiasmo, quebrando as vidraças mais próximas... Um velho amigo meu contou-me que, certa vez, era ele estudante, passando pela porta do teatro, ficou parado, a ouvir Tamagno ensaiando, estentóricamente.

Hoje preferimos outra coisa. Um cantor de pouca voz e boa escola tem mais probabilidades de agradar. E os temíveis superagudos já não excitam mais a admiração da plateia.

Alice Ribeiro, em virtude mesmo da beleza de sua voz, não brilharia entre as primadonas do passado. Para nós, entretanto, é superior às que seguiam a entusiástica escola italiana. Ouvi-la-emos, novamente, esse ano, durante a temporada lírica. E, mais tarde, em Outubro, despedir-nos-emos temporariamente dela, pois Alice vai cantar na América do Norte. Boa sorte é o que lhe desejamos, e muito sucesso, porém fazemos votos para que não imite certa diva ingrata que nos abandonou pelas seduzções do Tio Sam...

ROBERTO LYRA FILHO.

FRANCISCO MIGNONE.

ALICE RIBEIRO E O MAESTRO MIGNONE

TERCEIRO CONCERTO DE ERICH KLEIBER

Já se observou que o maestro Kleiber tem uma maneira especial de dar realce às minúcias das obras que executa, analisando cada compasso, cada efeito para depois dar-lhe o lugar devido no conjunto, revelando assim, com a sua execução, toda a mecânica musical. De fato, o que muitos perdem no entusiasmo da interpretação, Kleiber marca, com uma precisão admirável, realçando a estrutura sinfônica. Talvez por isso mesmo seja um intérprete incomparável da musica moderna. Stravinski, nas suas mãos, adquire uma beleza surpreendente. A musica essencialmente "construída" do compositor russo presta-se muito à execução dada por Kleiber. Mesmo no arrebatamento da Dansa Infernal o regente mantém a sua lucidez, a sua qualidade de analista, que não permite que ele perca, no ímpeto da execução, a sua faculdade de mostrar todos os recursos utilizados pelo compositor. Não deixa passar despercebido um efeito, sem tirar dele o maior proveito possível. É uma dura prova a interpretação de Kleiber. As qualidades do compositor ressaltam logo, nitidamente, e as imperfeições não podem esconder-se.

Não vi o maestro ensaiando, porém contou-me um amigo que ele faz o musico executar a sua parte e ensina, compasso por compasso, a maneira melhor de tocar, antes de jogar o instrumento no conjunto. Isso lhe permite um domínio perfeito da orquestra.

Stravinski, como já dissemos, presta-se muito a essa espécie de execução que lhe evidencia as grandes qualidades de orquestração.

Lorena, minha Lorena!

(Continuação da pag. anterior)

É que, naquela noite, sonhei com o meu passado ao lado de Lorena. A mesma do tempo do "São Luiz", a correr irrequieta nos longos pátios do colégio, durante o recreio. Quando pela primeira vez lhe dirigi aquele galanteio, chamando-a de "menina bonita", ela me ameaçara de queixar-se ao diretor. Acovardei-me, fechando-me todo, como uma sensitiva, soprada por uma rajada forte de vento. "Amanhã — pensei comigo mesmo — tentarei outra vez. — depois outras... e mais outra... até..."

Era preciso, entretanto, ir com muito jeito, brandamente, assim como quem não quer, querendo ao mesmo tempo.

Meses depois ela foi declinando, até

que, um dia, me atirou um beijo na ponta dos dedos, á hora de largar o colégio. Acompanhei-a com a vista até que tivesse desaparecido na esquina, antes do que acenou a mão para mim num adeus. Eu passara então a ter encontros com Lorena. Já passeávamos de mãos dadas na estrada asfaltada do Castelo, em tardes de domingos. Quando o pai teve conhecimento dessas nossas divagações amorosas clandestinas, tirou Lorena do colégio prendendo-a em casa. Depois falara em internar a filha num colégio, no Rio. Houve quem me aconselhasse a pedir Lorena em casamento, o que fiz alguns meses depois.

Naquela noite, após o "não" do Dr. Anselmo — homem insuportavelmente ranzinza e orgulhoso — me sentí sem jeito, sem forças para continuar. Uma sensação de renúncia incontida foi aquela experimentada por mim ao transpôr, já de volta á casa, a soleira

do velho sobrado de Lorena. Cortei com passos apressados a extensa área de pitangueiras do jardim, depois de ter batido com força, possesso de raiva, o velho e pesado portão de ferro da entrada cuja campainha ficou tilintando impertinente para trás como a rir daquela desgraça. Ainda ecoava aos meus ouvidos a voz de timbre grave do desembargador. Em outras palavras, este me afirmara categoricamente que acarinhava lindos sonhos para o futuro da filha única e amada. Um rio fabuloso de luxo e conforto que o meu emprego de "bedel" de colégio constituia um átomo comparado a tudo isso. Ainda á entrada da velha mansão do Castelo Branco, antes de ter batido palmas e que a porta tivesse sido aberta me convidando a entrar, repeti baixinho frases corretas e relembrei boas maneiras — tudo por Lorena, tudo!

As minhas faces deviam estar bran-

cas como a cal, eu tinha também as mãos geladas, era todo nervos. Vira-me, de repente, sob aquela onda de luz clara que derramava o grande candelabro do forro da sala de visitas, onde a tapeçaria persa, o setim dos divans e as paredes alvas amornavam o ambiente. Ainda me lembro ter descoberto o vulto de Lorena atrás de uma porta, entre a sala e o corredor.

Já na manhã do dia seguinte recebia um bilhete dela, aflita. Dizia-me que não se conformava com aquela situação o pai-teria de aquiescer, por bem ou por mal — pois, em último recurso, ela fugiria comigo. Foram debalde todas as tentativas seguintes — o dr. Anselmo nunca que voltaria atrás. Eu então roubei Lorena. Levei-a para o Rio. Aí tomamos um hotel modesto,

(Conclue na pag. 31)



A HISTORIA COMEÇOU AQUI NESTA SALA, NO CASARÃO DA CHACARA DOS LARANJAIS, ONDE, NUM AMBIENTE FESTIVO, TODA A FAMILIA SE PREPARA PARA RECEBER O PARENTE ILUSTRE, DE VOLTA DA CAPITAL, ONDE SE COBRIU DE GLORIAS, O GRANDE ESCRITOR, ORGULHO DA LITERATURA NACIONAL: PEDRO BASILIO. DA DIREITA PARA A ESQUERDA VEMOS: BERNARDO (A. BRAGA), O IRMÃO MAIS VELHO, AZEDO, HEMIPLEGICO; PAULINO, AJANOTADO, COM MANIA DE CONQUISTADOR, PINTANDO OS CABELOS; MADALENA (ELZA GOMES), A PRIMA, O PRIMEIRO AMOR DE PEDRO BASILIO DEPRESSA ESQUECIDO; ZULMIRA (EVA), 18 ANOS, ALEGRE, AMOROSA, QUE INGENUAMENTE SE DEIXA ENTUSIASMAR PELO TALENTO DO TIO FAMOSO E SE APAIXONA; RITÓCA (SAMARITANA), MENINA MALICIOSA, DE 24 ANOS. FAUSTA, SENHORA DE SEUS SEXTENTA ANOS. NESTA SALA VÃO SE DESENNOLAR ALGUMAS DAS CENAS MAIS FORTES DA PEÇA.

O amor separa duas gerações

A PROPOSITO DE UMA COMEDIA DE VIRIATO CORRÊA: 'A SOMBRA DOS LARANJAIS'

A comédia de Viriato ora apresentada pela Companhia de Eva tem como cenário uma capital do Norte. Toda a história gira em torno de uma família aí residente.

O destino dispersou alguns membros da família, que, como navios de todas as espécies, uns mais fortes, maiores, mais luxuosos, afastaram-se do porto e conquistaram o oceano, descobrindo novos mundos. Outros, simples barcos, sem pretensões, margearam as praias, sem realizar grandes viagens.

O simples, o ridículo, o trágico, o heróico, o glorioso, todos os aspectos dos humanos aparecem encarnados pelos diversos personagens.

E, depois de correr o mundo, todos se encontram no ponto de partida, á sombra dos laranjais da grande chácara, na casa senhorial da família.

Aí, velhos amôres são renovados, crepita novamente o fogo onde havia aparentemente apenas cinzas, e novos amôres têm lugar, trazendo com o entusiasmo da juventude um sopro renovador ao casarão.

Entretanto todas essas vidas se entrecrocaram, se entrelaçam, surgem dramas e tragédias. O cômico se entremeia ás cenas fortes.

O tema central da peça, o "fulcro", por assim dizer, é o choque entre as idades e o sentimento.

ELENCO

Madalena.....	ELZA GOMES
Ritôca.....	SAMARITANA SANTOS
Bernardo.....	ARMANDO BRAGA
Januaria.....	POLA LESTE
Zulmira.....	EVA
Fausta.....	JUDITH VARGAS
Paulino.....	ARMANDO FERREIRA
Tomé.....	AFONSO STUART
Pedro.....	ANDRÉ VILLON
Claudio.....	ARLINDO COSTA

*

Ação: — Numa capital do norte.

Epoca: — atual.

E' preciso saber envelhecer, esta a tése defendida. E o choque entre duas idades, entre duas gerações absorve durante toda a peça a atenção, tornando-se o tema central. E' a velhice que teima em não reconhecer o passar dos anos e, num desvario, quer se atribuir os direitos da mocidade. E' o saudosismo, o

"no meu tempo tudo isto era muito melhor", enfrentado pela mocidade consciente dos seus problemas.

E afinal chega-se a um acordo. Não ha tempos melhores nem piores. O que há é o tempo da mocidade, o tempo que já passou, que não póde mais voltar e que forçosamente parecerá melhor para os velhos. Mas todas as épocas são iguais e o que parecia bom para os antigos talvez pareça máu para os contemporaneos.

Todas as épocas têm os seus problemas, as suas dificuldades.

Cada geração tem o seu modo de viver e de sentir condicionado ao tempo, ao ambiente social e politico.

As épocas não são melhores ou piores. Nós, os homens, é que mudamos.

E a peça termina com o ajustamento de todos os problemas. Entretanto, não perde a sua singeleza, o seu caráter local, para se deixar absorver pelos problemas que aborda, e que evidentemente se prestariam para uma peça de muito maior sentido social ou filosófico, mais profunda, mais pesada.

Até o "happy end" vem ajudar essa impressão de felicidade que podemos sentir em todo o desenrolar da ação.

2

PEDRO BASILIO CHEGOU, RECEBIDO FESTIVAMENTE PELA CIDADE E PELA FAMÍLIA. PRIMEIRO CONTATO COM OS IRMÃOS E A PRIMA, DEPOIS DE TANTOS ANOS. TUDO MUDADO. OS MOÇOS SÃO AGORA VELHOS E DESILUDIDOS. AS MENINAS SÃO AGORA MOÇAS. QUE ACONTECEU COM CADA UM? PEDRO QUERIA SABER TUDO. CADA UM CONTOU A SUA VIDA, MEDIOCRE, ALEGRE OU TRISTE. TOMÉ NADA DIZIA, E NINGUEM FALAVA DELE. É QUE UMA GRANDE E SINCERA PAIXÃO O ARRASTARA A SER PALHAÇO DE CIRCO. E, CAPRICHOS DA SORTE, PEDRO, EM SÃO PAULO, VIRA SEU IRMÃO REPRESENTAR E FICARA EMOCIONADO. DEPOIS DE GRANDE ANGUSTIA DA FAMÍLIA, ENVERGONHADA COM A VIDA QUE LEVARA TOMÉ, ESTE CONFESSA QUE FORA UM PALHAÇO. GRANDE DECEPÇÃO NA FAMÍLIA, LOGO SUBSTITUÍDA PELA SURPRESA, ANTE A FRASE DE PEDRO BASILIO: "ELE ERA UM ARTISTA!"

3

O FILHO DE PEDRO BASILIO, CLAUDIO, RAPAZ DE 24 ANOS, FORTE, ELEGANTE, VEIU COM SEU PAI PARA A CASA DOS PARENTES. ACONTECE ENTÃO O INEVITÁVEL: CLAUDIO APAIXONA-SE PELA PRIMA, ZULMIRA. ESTE AMOR CAUSARIA UM GRANDE CHOQUE, POIS O PRÓPRIO BASILIO SE APAIXONARA POR ZULMIRA. A SITUAÇÃO É ANGUSTIANTE. A MENINA, FASCINADA PELO TALENTO DO TIO, NÃO PRESTA SIQUER ATENÇÃO AO PRIMO, APESAR DA VELHICE DAQUELE E DA MOCIDADE DESTA. PRENÚNCIO DE TRAGÉDIA: PAI E FILHO APAIXONADOS PELA MESMA MULHER, QUE ABSURDAMENTE PREFERE O MAIS VELHO. LOUCA DE AMOR POR BASILIO, ZULMIRA REPELE SEMPRE AS TENTATIVAS DE DECLARAÇÃO DE CLAUDIO. NESTA CENA, CLAUDIO TENTA BEIJAR ZULMIRA. OS PROTESTOS DESTA ALARMAM TODA A CASA. ESTÃO EM CENA: VILLON, ARLINDO, EVA, BRAGA, STUART, ELZA E JUDITH.

7

"PARA QUE VIESTE ACORDAR MEU CORAÇÃO?" PERGUNTA PEDRO COM ESTE DESESPERO CONCENTRADO QUE PRENUNCIA QUASI SEMPRE GRANDES TEMPESTADES. "EU, TITIO?" "TU, SIM! EU ERA O OUTONO QUE FINDAVA. JÁ HAVIA DENTRO DE MIM A RESIGNAÇÃO PARA RECEBER AS SOMBRAS DO INVERNO QUE VINHA PERTO. TU ME APARECESTE COMO A ANDORINHA CHEIA DE SOL QUE TRAZ NAS AZAS O VERÃO. TUDO REMOÇOU E FLORIU DENTRO DE MIM. AGORA ME QUERES FUGIR? NÃO! NÃO FUGIRÁS QUERO-TE MUITO, MUITO. VÊ, A NATUREZA COMO QUE CONVIDA A GENTE PARA O AMOR. AS LARANJEIRAS ESTÃO AMANDO. TU TE SURPREENDES COM AS MINHAS PALAVRAS? ACASO JÁ AS OUVISTE DE ALGUÉM?" E PEDRO DESCOBRE TODO O AMOR DE ZULMIRA POR SEU FILHO. DESVAIADO, NÃO RECONHECE PORÉM OS DIREITOS DA MOCIDADE E TENTA AGARRÁ-LA. TOMÉ SURGE NA CENA. GRANDE DRAMA SE DESENNOLA.

4

TIO E PRIMO, PAI E FILHO, ESTES DOIS HOMENS, PEDRO E CLAUDIO, AMOR DE ZULMIRA. O ENTUSIASMO QUE A ALUCINARA VAI ACERCA DE CLAUDIO, QUE DIA A DIA SENTE-SE MAIS APAIXONADO PELA MENINA, PREPARAM UM PLANO PARA ACENDER O AMOR DESSA MENINA. APAIXONADA POR CLAUDIO PARA DESPERTAR A ATENÇÃO DE PEDRO, POUCOS O PLANO VAI DANDO SEUS RESULTADOS. PEDRO COM TUDO NÃO O TRATA DO MESMO MODO. QUAL É A COISA NELA MUDANDO? OS LÁBIOS DE CLAUDIO À SOMBRA DOS LÁBIOS DE ZULMIRA. INDIFERENTE. PEDRO, VINDO POR TRÁS, VÊ OS OLHOS DE ZULMIRA A REVELAÇÃO DO AMOR DA MENINA.



FILHO, ESTES DOIS HOMENS, PEDRO E CLAUDIO, LUTAM SILENCIOSAMENTE PELO ENTUSIASMO QUE A ALUCINARA VAI AOS POUCOS CEDENDO Á JUVENTUDE DE DIA SENTE-SE MAIS APAIXONADO PELA PRIMA. COM O AUXÍLIO DE RITOCA PARA ACENDER O AMOR DESSA MENINA CAPRICHOSA. RITOCA FINGE-SE CLAUDIO PARA DESPERTAR A ATENÇÃO DA AMIGA SOBRE O RAPAZ. E AOS DANDO SEUS RESULTADOS. PEDRO COMEÇA A SENTIR QUE A SOBRINHA JÁ COMO MODO. QUAL COISA NELA MUDOU. AS PALAVRAS DE AMOR QUE OUVIU DIO Á SOMBRA DOS ANJOS FORAM-LHE Á ALMA. CLAUDIO NÃO 'HE É MAIS O, VINDO POR TRÁS, CHAMA OS OLHOS DE ZULMIRA E OUVI, SEM QUERER, A REVELAÇÃO DO AMOR DA MENINA POR SEU FILHO.



5

TOMÉ É UMA DAS FIGURAS MAIS HUMANAS DA COMÉDIA E A INTERPRETAÇÃO MAGISTRAL DE STUART DÁ-LHE UM GRANDE RELEV. CONSIDERADO POR TODOS EM CASA COMO A VERGONHA DA FAMÍLIA, VIVE UM DRAMA PUNGENTE; CONTINUAMENTE ESCORRAÇADO, FUGINDO DAS VISITAS E DAS RELAÇÕES, ESCONDENDO O SEU PASSADO. OS PRECONCEITOS TRANSFORMARAM A SUA GRANDE E SINCERA PAIXÃO EM ALGO VERGONHOSO E HORRÍVEL. A SUA VIDA ERRANTE DE PALHAÇO DE CIRCO NÃO PODIA SER ADMITIDA E PERDOADA PELA SEVERIDADE MUITAS VEZES HIPOCRITAS DOS PARENTES. É DESSES TIPOS BONS, HUMANOS, QUE CEDEM AOS PRÓPRIOS IMPULSOS E TÊM APENAS UMA LEI: A DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA. NESTA CENA TOMÉ CONTA A ZULMIRA E RITOCA PORQUE FOI PALHAÇO, CONTALHES O SEU GRANDE AMOR E, NÃO CONSEGUINDO DOMINAR A EMOÇÃO, CHORA. "QUE COISA DESENGRAÇADA, UM PALHAÇO CHORANDO!", CONCLUI COMO A SE DESCULPAR.



6

ZULMIRA, QUE AINDA NÃO REFREARA O AMOR PELO TIO, DESCOBRE ENTRE OS SEUS OBJÉTOS, QUE VIVIA REMEXENDO, UMA CAIXA MISTERIOSA SEMPRE FECHADA. AFINAL, CONSEGUE ABRI-LA E NÃO PODE ESCONDER O SEU DESPEITO E O SEU ÓDIO EM VISTA DO QUE ENCONTRA: SÃO CARTAS E RETRATOS DE MULHERES, DAS MULHERES QUE PASSARAM PELA VIDA AGITADA E GALANTE DO ESCRITOR. CARTAS E MAIS CARTAS, RETRATOS E MAIS RETRATOS COM DEDICATORIAS APAIXONADAS. ZULMIRA NÃO PODE REFREAR SUA IRA E ARREBATADAMENTE RASGA TODAS ESSAS CARTAS: "QUE COISA HORRÍVEL! TITIO É UM BARBA AZUL! EU NÃO GOSTO DELE, TENHO RAIVA! RAIVA! RAIVA! EU VOU GOSTAR DE TITIO? UM VELHO!" A CENA É SURPREENDIDA POR MADEIRA, A PRIMA DE PEDRO DE QUEM GOSTARA E AINDA GOSTA, COM UM AMOR CALMO, DESILUDIDO, MAS PERSISTENTE E IMUTÁVEL, CAPAZ DE RESISTIR A TUDO.

8

TOMÉ PEDE A ZULMIRA QUE SE RETIRE E OS DEIXE A SÓS. INTERPELA SEU IRMÃO, CHAMA-O Á RAZÃO. AQUI, PORÉM, NÃO ESTÁ O HOMEM TIMIDO, EMBARAÇADO, QUE TODOS CONHECEM. HA NELE UMA DESUSADA ENERGIA. SEUS OLHOS BRILHAM E FALA COM SEGURANÇA. PEDRO PROCURA DESVENCILHAR-SE E FÓ-LO NO RIDÍCULO, MAS ACABA SENDO VENCIDO PELOS ARGUMENTOS DO VELHO. ENFURECE-SE ENTÃO, CHAMA-O DE PALHAÇO E MALEVOLAMENTE INSINUA: "ESTARÁ O VELHO PALHAÇO TAMBÉM APAIXONADO. EVA REAPARECE AO FUNDO E ESCUTA ATERRORIZADA A DISCUSSÃO DOS DOIS HOMENS. TOMÉ REPELE COM ENERGIA E TRISTEZA A INSINUAÇÃO DO INTERLOCUTOR, QUE ESTRANHA A SUA ATITUDE. REVELA ENTÃO O VELHO PALHAÇO SUA GRANDE TRAGÉDIA: "EU SOU O PAI DE ZULMIRA!"



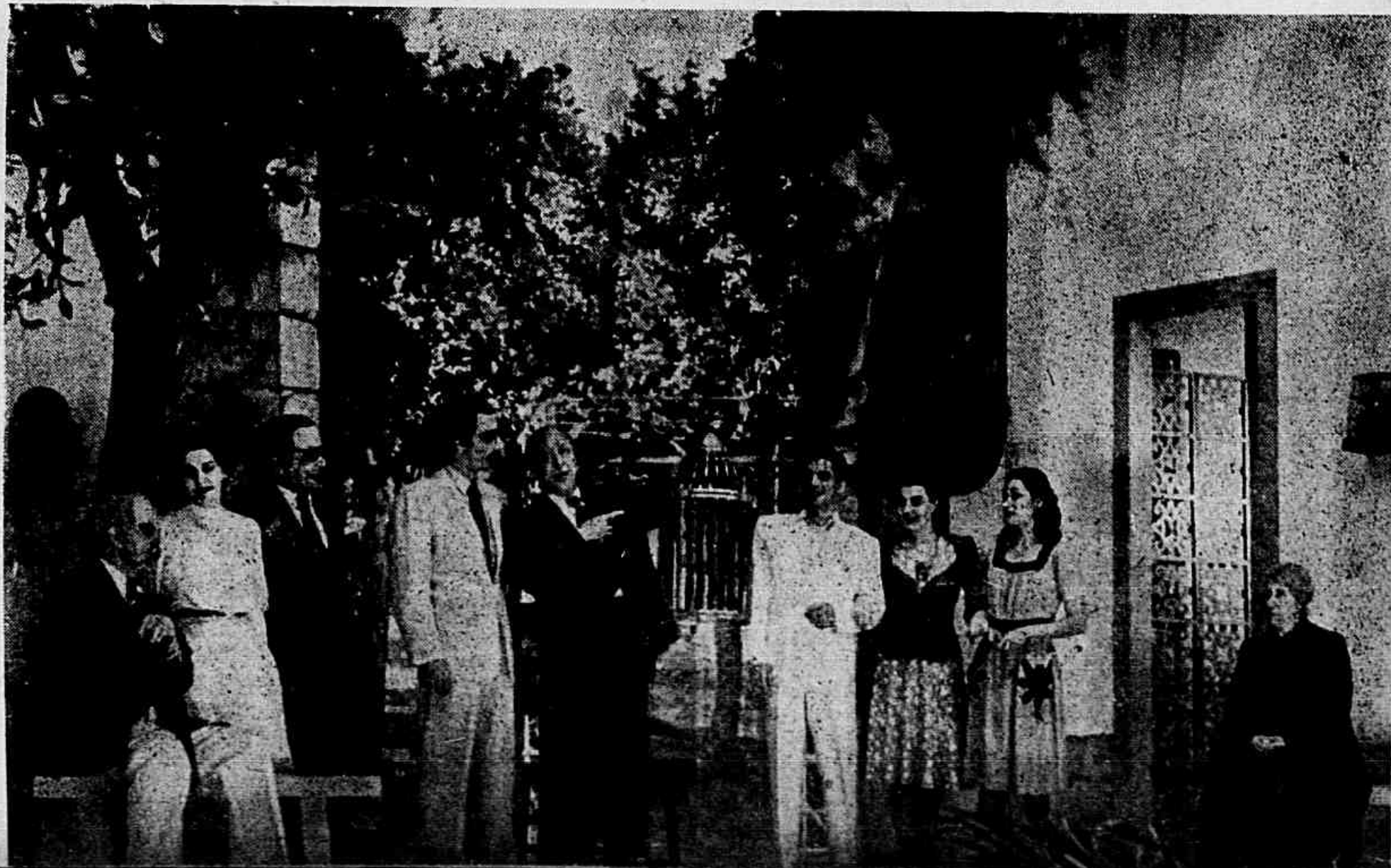
9 AQUI, Á SOMBRA DO VELHO LARANJAL QUE TODOS OS ANOS SE RENOVA COMO A VIDA E SE RECobre DE FLORES, ENCONTRA-SE TODA A FAMILIA: OS VELHOS COM AS SUAS SAUDADES E AS SUAS LEMBRANÇAS, OS MOÇOS COM SUA CONFIANÇA NO PRESENTE E A SUA ESPERANÇA NO FUTURO. QUASI IMPERCEPTIVEL CONVERSA LEVA A UM CHOQUE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE. ENTRE AQUELES QUE JÁ VIVERAM. QUE JÁ NÃO ESPERAM MAIS NADA E OS QUE AINDA ESTÃO VIVENDO E TUDO ESPERAM. O PASSADO E O PRESENTE, REPRESENTADOS POR PEDRO E CLAUDIO, TRAVAM UM INTERESSANTE DIALOGO, EM QUE O FILHO MOSTRA AO PAI QUE CADA ÉPOCA É TUA PARA A CERAÇÃO QUE NELA VIVE. AS COISAS E OAS E MÁS EXISTEM SEMPRE E A VIDA NÃO SE MODIFICA NA SUA ESSENCIA.

10

DESILUIDO DO AMOR ABSURDO PELA SOBRINHA, O ESCRITOR RECONHECE A FALSIDADE DA SUA SITUAÇÃO. E NOVAMENTE OLHA PARA A PRIMA, QUE NUNCA PUDERA GOSTAR DE OUTRO HOMEM, CUJA VIDA FÔRA INTEIRAMENTE ESTRAGADA POR AQUELE AMOR NÃO CORRESPONDIDO E DESPREZADO. HÁ MUITA AMARGURA NAS PALAVRAS DE MADALENA, E POR VEZES ELAS CONSEGUEM FERIR A SENSIBILIDADE DE PEDRO. A CENA REPRESENTA UM DIALOGO ENTRE OS DOIS, DE QUE RESULTA O RENASCIMENTO DESSE AMOR QUE SO' APARENTEMENTE HAVIA ACABADO. NÃO É MAIS UM AMOR DE JOVENS, NÃO É UMA PAIXÃO, MAS UM AMOR CALMO, O QUE DAI POR DIANTE HAVERÁ ENTRE ELES. A SITUAÇÃO VAI AOS POUCOS SE NORMALISANDO E OS SENTIMENTOS NÃO ESTÃO MAIS EM EBULIÇÃO. O CORAÇÃO DEIXA QUE O BOM SENSO TENHA A SUA OPORTUNIDADE E TUDO ENTRA NO CAMINHO DA VERDADEIRA FELICIDADE.

11

CENA FINAL. A ALEGRIA E A FELICIDADE VOLTRAM A Á CHÁCARA DOS LARANJAIS. PEDRO ESTÁ DE PARTIDA EM VIAGEM DE NUPCIAS COM MADALENA. CLAUDIO E ZULMIRA COMBINAM DETALHES DA SUA LUA DE MEL. RITOCA SENTE-SE FELIZ PORQUE TUDO ACABOU BEM. TOMÉ CONSEGUE AFINAL A REALIZAÇÃO DO SEU SONHO DE PAI, E A VELHICE TRANQUILA E FELIZ IRÁ COMPENSAR A VIDA AGITADA E AMARGA QUE TIVERA. TODOS AMAM, DE UM MODO OU DE OUTRO, Á SOMBRA DOS LARANJAIS QUE PARECEM COMPARTILHAR DAQUELA FESTA DAS ALMAS, RECOBRINDO-SE NOVAMENTE DE FLORES, DAS MESMAS FLORES QUE SEMPRE INSPIRARAM OS NAMORADOS. E, SENTINDO-SE QUASI CUMPLICES DE TUDO O QUE SE VA' DESENNOLANDO Á SUA SOMBRA, PARECE OFERECEREM ÀS NOIVAS O PRESENTE DE NUPCIAS.





ANIVERSARIOS

INACIO AURELIANO MACHADO BRITO, ao completar seis anos, no dia 29 de Junho p. findo, ofereceu em sua residencia encantadora tarde de diversões que atraíu uma legião de crianças. A mesa de doces, o mágico e opalhaço empolgaram a guriçada.

Vão nesta página alguns aspectos tomados pelo nosso serviço fotográfico.

17 — Senhora D. Rosa de Almeida Gonçalves; Srta. Denise de Sá Deatwiler. Senhores: general Dr. José Acilino de Lima, coronel Oscar Lisboa de Sousa, Dr. Candido de Melo Leitão, monsenhor Gonzaga do Carmo, Sr. Orlando Pais de Lima, Sr. José Falcão, Dr. Nelson de Azevedo Branco. Menina Doris Melo Carvalho.

18 — Senhoras: D. Olga Gaspar Antunes, D. Ernestina Vieira. Senhores: Dr. Alvaro Palmeira, Dr. Ramos de Figueiredo, major Hildebrando Sarmiento, major José Marinho dos Santos, major Frederico Augusto Rondon.

19 — Senhoras: Professora Maria Serra Franco.* Senhorinha Dulce Gonçalves. Senhores: Dr. José Cardoso de Melo Neto, Dr. José Rodrigues Vieira, tenente-coronel Afonso Romano, major Irapuan de Albuquerque Potiguara, Adão da Costa Lima, Aloisio Gonçalves Leite, Itagiba Barcante, José Joaquim de Azevedo Junior, Dr. José Prudente de Siqueira, Dr. Godofredo Matos, Petronilo Matera, Rosario Fusco, Dr. Godofredo Matos.

20 — Senhoras: D. Carminda Freire Barreto, Betim Paes Leme. Senhorinhas: Florinda de Frontin, Eunice Leão de Mascarenhas, Maria Ofelia Mammel. Senhores: Coronel Airtón Lobo, capitão de corveta Mario da Costa Furtado de Mendonça, major Herculano Antonio Pereira da Cunha, Lourival Fontes, Jerônimo Ribeiro, desembargador Francisco Xavier Reis Lisboa, Dr. Francisco Siqueira de Andrade.

21 — Senhoras: D. Marguerite Soli-Devere, D. Edite Batista Cordovil. Senhores: Dr. Leonel Gonzaga, Rubens Maciel,

22 — Senhoras: Antonio Jannuzzi, D. Julieta Soares Costa, Meninas: Marina de Carvalho, Delma Monteiro Miranda, Teresinha Moura Freitas. Senhores: Professor José Oiticica, coronel Franklin Emilio Ribas, comandante Carlos Ramos, Armando do Carmo.



ESCRAGNOLLE DORIA

A Nau Bretôa

Os papeis velhos, ou documentantes, são indispensáveis ao trabalho da Historia Universal, da H. U. como breve se dirá.

Compreendendo o valor dos papeis velhos, por eles Varnhagen prestou inestimáveis serviços á historia patria.

Dado a arquivos, onde se entesourava o passado, num armario da Torre do Tombo, Varnhagen descobriu dous papeis velhos interessando Brasil e as primeiras navegações para ele velejadas. Uma foi a da Nau Bretôa, de regimento e roteiro revelados pelo insigne pesquisador nosso.

Em 1511 o sonho da India enlevava o reino português, a pensar pouco no recém-descoberto Brasil. Tudo era India e sua exploração comercial.

Pela Alfandega de Lisboa passavam multiplicadas importações, salvo as asiaticas. Recebia estas uma alfandega especial na Casa da India. Tinha provedor, oficiais, escrivães. No seu quadro administrativo figurou João de Barros, o narrador das Décadas.

No 1511, em Lisboa, reuniram-se uns armadores para custear viagem ao Brasil. Tornaram-se socios Bartolomeu Marchioni, Benedito Morelli, Francisco Martins e Fernão de Noronha. Os quatro nomes já lhes indicam patria: italiana e lusa.

Ao trafico da India preferiram o do Brasil os armadores de 1511, dous dos quais, Marchioni e Morelli, muito dinheirosos pelo comercio do assucar.

Ricos e bem remediados aprestaram certa nau, A Bretôa, suposta construida em estaleiro da Bretanha. Teve a nau comandante, piloto e escrivão: Cristovão Pires, João Lopes de Carvalho e Duarte Fernandes.

Pires, o capitão, recebeu instruções ou regimento para guia de viagem.

O dever de fazel-o cumprir, cumprindo-o, tocava a Cristovão Pires. A' pena de escrivão de Duarte Fernan-

des iriam consignados os sucessos das travessias.

Quem estuda historia patria sabe o valôr do calamo de Pero Vaz de Caminha em Carta a Sua Alteza D. Manoel. A pena do escrivão Fernandes, mais modesta, immortalizada, teve comtudo prestimos, registrando o que de ida e volta transcorria a bordo da Bretôa a cada milha de mar vencida.

O roteiro da Nau Bretôa, devido ao escrivão Duarte Fernandes, consta de dois cadernos de papel cosidos, ao todo 56 paginas de folha, umas em branco, outras faltando. A capa do roteiro era de pergaminho, parecendo ter servido a missal.

Num sabado invernoso de Fevereiro, a Bretôa largou do Tejo. Deixar patria é dizer saudade. Disse logo quem? Camões, ao iniciar o 5.º canto dos LUSIADAS, numa oitava lembrando Vasco da Gama dirigindo-se ao rei de Melinde.

"Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam;
Ficava o caço Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nella os olhos se alongavam;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais enfim que mar e cêo."

Saudades de Portugal sentil-as iam os do bojo da Bretôa, capitão, oficiais, artífices, marujos, grumetes, criados, alguns negros, todos irmanados no vago e pungitivo da saudade.

A gente da Bretôa era muito de Portugal, gente de Lisboa, do Porto, de Vizeu, de Santarem, de Braga e outras paragens. Casados e solteiros participavam da expedição a soldo de Marchioni e seus socios.

Obedecendo ao regimento, o capitão da Bretôa, para pescarias, escalou nas Canarias. Mar de longo deu de vélas para principal destino, o Brasil.

Em Abril de 1511 surgiu a Bretôa nas aguas da Bahia onde se aprovisionou. Descendo costa ao favor ou ao desfavor dos ventos aportou a Cabo Frio. Segundo Varnhagen ficou por decidir se a Bretôa atingio a atual enseada cabofriense onde estava uma feitoria sobre certa ilha, da qual os da tripulação não podiam passar ao continente para não ficar nele, segundo recomendação.

Assim advertia o regimento, que expressamente impunha a obrigação de bem tratar os naturais. Mas dizia tambem: "Não trareis na dita nau em nenhuma maneira nem em parte alguma naturais da terra do Brasil que queiram vir ao reino porque se alguns fallecere cuidam os de lá que os matam para os comerem segundo entre elles se costuma."

Cristovão Pires, o capitão, desobedeceu á recomendação do regimento.

A bordo da Bretôa o resgate do Brasil embarcou cinco mil tóros de ambitionada madeira, alguma rachada para melhor arrumação. Por sobre carga a nau recebeu uns trinta cativos de ambos os sexos. Neste ponto o regimento estava cumprido, a nau não levava

gente que por vontade quizesse ir ao reino.

Inteiraente masculinizada ao partir para o Brasil, a Bretôa se feminisaria ao regressar, trazendo moças, conforme o escrivão Fernandes "mais ou menos vestidas".

Esse mais ou menos tornando a Bretôa semi-eden.

Ao escrivão coube não só escrever a partilha dos cativos como a de animais e passaros vivos distribuidos por toda a tripulação.

No roteiro da Bretôa o escrivão abriu título para o "Livro dos gatos e dos papagaios" de repartição felino ornitológica.

Ao capitão tocaram tres papagaios, dous tuims ou papagaios pequenos, um gato maracnjá, ao todo tres peças.

O piloto devia ser zoofilo, ficou com papagaios grandes e pequenos e varios saguís.

Até o carpinteiro chamou a si tres macacos, "macós" escreveu Duarte Fernandes, não havendo marinho, grumete ou criado sem gato ou papagaio. Esta bicharia toda não fôra consultada para ir ao reino, simplesmente apanhada e presa. Toda ela, brava, plúmiva ou saltitante, foi avaliada em vinte e tres mil réis.

Como o imposto é um dos maiores macrobios do mundo, á avaliação seguio-se imposto. Na hora competente o escrivão lançou o imposto devido ao erario régio: "vinte riés do que a El Rey é de seu."

A Historia no seu acamar de sucessos abre muito campo á imaginação. Por esta possivel é acompanhar, com os olhos da louca da casa, a viagem de regresso da Bretôa. Transportava esta cinco mil tóros de brasil e carga suplementar humana e zoologica, tornando mais divertido a bordo o retorno que a primeira travessia.

A Bretôa partio de Cabo Frio via Lisboa, onde abicou após oito meses de viagem redonda contados da partida. E' crível que toda a carga humana tenha chegado a bom porto e salvamento. E a carga zoologica? Talvez. Os irracionais, como os seus frateros racionais, desaclimam e facilmente morrem, não lhes sendo indiferente a vida á mudança de latitudes e longitudes. O urso polar deve estranhar o tropico, do niveo passando ao verde.

Os "macós", para dizer á Duarte Fernandes, são sobremaneira friorentos e isto o reconhece certa lenda de nossos indios, e mais friorentos ainda são os saguís, "macós" em miniatura.

Infensos ao frio se mostram os gatos, mesmo maracajás ou bravos, eles dando nome primitivo á ilha carioca do Governador, onde residia o cacique dos Maracajás ou Gatos Bravos.

Da ogeriza do gato civilisado ao frio e á agua não ha mais que dizer. Sabe lavar-se o gato, por si mesmo, enovelando-se ao buscar o calor em si mesmo quando não lh'o dão.

Com muitos animais a bordo, a Bretôa tornando a Portugal teria vi-

agem algazarrada, aqui miar, ali guinchar, acolá grazinar.

O comercio da gente da Bretôa com os naturais cativos seria mais por mimicas que por conversa, ainda mais em carregada pronuncia lusitana tão devoradora de silabas.

De como transcorreu a travessia segunda da Bretôa não resta noticia. Já foi muito quanto fez o escrivão Fernandes. Nos tempos de navegação á vela o vento era elemento principal. Ignora-se se para a Bretôa foi o vento favoravel ou adverso, de monção ou de sobrevento. E a calmaria...

Pelo tempo de viagem é de supôr feliz a da Bretôa. O seu carregamento de brasil não foi á Casa da India, e nem por isso deixou de alegrar quatro armadores sempre na esperança de dobrar riqueza.

A expedição veleira da Bretôa interessa um hoje que, em após-catastrofe, pensa em reviver a navegação á vela para suprir navios que em pedaços formam museu submarino de destroços.

Posta de parte a fauna transportada pela Bretôa, o roteiro de Duarte Fernandes diz passado nautico que se pretende resurtir sem selvicolas cativos. A sorte dos transmigrados de 1511 talvez não fosse de lamentar. No reinado de D. Manoel vio Lisboa indios vestidos de seda. Do nudismo á moda e desta ao nudismo as distancias são curtas.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

Que haverá de verdade nas revelações de Além-Túmulo atribuidas a Humberto de Campos?

Por que o estilo do saudoso escritor foi modificado nas famosas "Obras Póstumas"?

Quem é Francisco Candido Xavier?

Aguarde o próximo número da

REVISTA DA SEMANA

onde encontrará

A MAIS SENSACIONAL,
PALPITANTE
E COMPLETA
REPORTAGEM SOBRE O
"CASO" MAIS DISCUTIDO
NO MOMENTO

CUTIS
CANSADA



e sem viço

As pérfidias rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



AS "COMADRES" HERTZIANAS

DJALMA MACIEL

TODAS as vezes que se aponta á gente radiofonica sua ambição, seus pendores aventureiros, lá vem o chavão á guisa de defesa: — "Somos unidos como irmãos!" Os basbaques que escutam isto ficam pensando, mesmo, que os locutores são amigos dos locutores, as cantoras das cantoras, os humoristas dos humoristas. Se eles proprios o afirmam e, demais, como prova, andam pelas ruas *bras dessus, bras dessous*... Se o critico formula alguma referencia menos lisongeira a proposito de um deles, logo os outros, da mesma categoria profissional, nos corredores dos studios e nas mezas da Casa Nice, arrazam o pobre plumitivo. Surge uma questiunçula em qualquer emissora e despede-se um sambista: — durante semanas o nome da progenitora do diretor da estação sofre horrores na boca da grei sambiquara. Tornar-se inimigo de um sujeito que trabalhe no radio equivale, aparentemente, a comprar barulho até com as torres de transmissão.

Aparentemente, sim, porque todo esse espalhafato de amizade é simples tapeação. Ao invés de evidenciar virtude, demonstra a existencia de mais um defeito moral: — a hipocrisia. Quando escuto ou leio o distico da união radiofonica recordo-me dessas comadres suburbanas, que têm sempre, umas para as outras, á flôr dos labios, o classico beijinho na face e, sob as linguas, afiadissimas tesouras! Por isso, ao artista que defende com ardor o colega atacado pela critica, fico invariavelmente desconfiado que seja o verdadeiro provocador da celeuma.

Faz poucos dias, o bonde que me transportava a penates cruzou-se, na Praça da Bandeira, com outro, que trazia para a cidade, de algum canto de Vila Isabel, dois *speakers* da Rádio Tamoio. Iam quasi abraçados, numa tertulia que só não me comoveu como exemplo de otimo companheirismo porque — parodiando o Paula Ney — não sou psicologo, mas conheço bem a minha fauna. E, positivamente, não acredito que Orestes e Pilades se aclimatem no meio hertziano. Contudo, fiquei impressionado, confesso. Dias após, encontro um dos notivagos passageiros da Light.

— Como vai Fulano? — perguntei, muito de industria, referindo-me ao outro.

— Aquela peste? Está lá, mesmo, atravancando o microfone! E tanta gente útil que morre por aí...

Opinião rude, desumana, mas esta evidentemente sincera. Aproveitando a circunstancia de estar Orestes ausente do estudio corri ao telefone e chamei Pilades sob um vago pretexto. No meio da palestra, a pergunta-test:

— E Beltrano está sempre firme?

— Saíu, há pouco, esse cachorro batizado! Aliás, estou para lhe contar, desde há muito, um fato interessante, que Você pode aproveitar como queira para uma "pauladinha" em boas condições: — o embusteiro mandou fazer cartões de visita com o titulo de "Reverendo"... Veja só! E' ou não é caso para intervenção do clero?... Porém não dê o meu nome como informante!!! Você sabe: — não quero encrencas...

Lorena, minha Lorena!

(Continuação da página 23)

no Centro. Uma semana depois, voltávamos ao logarejo, onde montámos casa. Foi um escandalo na provincia, falava-se até que o desembargador deserdára a filha. Nós dois, entretanto, no zenit do nosso amor, continuávamos tão indiferentes a tudo isso... Tínhamos, enfim, a liberdade de amar um ao outro sem barreiras em nosso caminho.

Certo dia, descí ao Rio, a serviço do colégio. Ao despedir-me de Lorena, dissera-lhe que voltaria ainda no fim daquela semana. Muito antes de decorrido esse tempo, eu recebia um telegrama urgente: — Lorena adoecera repentinamente, o seu estado de saúde era grave. Fui correndo, de taxi, para lá. Era tarde, demasiadamente tarde! Ela jazia pálida como a parede do quarto, sobre a cama. Apertando as minhas

mãos entre as suas frias e nervosas, com grande dificuldade, ainda poude articular estas palavras: — "Eu tenho uma coisa para lhe contar..." Aí os seus lábios começaram a ficar rígidos e os olhos imoveis, fixos em mim.

E a minha agonia também entrou por aquela noite, até a do dia seguinte, quando me vira na casa vazia, sózinho, sem Lorena.

Saí a vagar por aí a fóra, na rua, nem me lembrára que havia deixado a casa aberta. Despojara-me de tudo como quem renuncia ao mundo porquê a vida deixou de sorrir-lhe.

Entrei no café da esquina, sentei-me a uma das mesinhas, pedi bebidas fortes, tencionava embriagar-me. Depois, comprei uma ficha e botei a grande eletrola do bar para funcionar. O disco girava aceleradamente... Meu Deus! o tango de Lorena... Bebado, me pusera a dançar, cambaleando, dotropeçando aqui e ali...

Saí, assim, pela calçadinha, tomando

a estrada escura. Para onde iria mesmo? Cruzei a rodagem, entrei na estrada de ferro. Um trem saíu do "corte" e veio vindo na minha direção. Por pouco menos teria ficado esmigalhado debaixo d'ele. Talvez assim tivesse sido melhor... Quando o último vagão roçou perto de mim, alguém gritou da plataforma: — "Quer morrer desgraçado!"

Ao chegar no Soberbo sentia-me como quem tivesse carregado uma cruz pesada ás costas e estivesse prestes a sucumbir de uma vez.

Do alto da pedra, divisei o céu fosforescente do Rio e as montanhas escuras ao longe, recortadas naquêl fundo dourado. E o mar, a terra e o firmamento se misturavam aos meus pés, em cima, em baixo, para onde eu olhasse. Nem pressentira, entretanto, que, nesse momento, cairia ao solo e que, por um triz, eu poderia ter rolado na pedra até o abismo.

Mas fóra só um colapso suave depois daquêl tombo que me deixou

estirado debruços sobre o chão, a dormir pesadamente.

A realidade entretanto, tem sido muito mais dura. E' que não posso afastar a lembrança de Lorena, a qual, como uma venda, empana a luz dos meus olhos cansados. A's vezes procuro convencer minha mulher já morta de que Maria da Gloria também tem direito ao amor. Ela nunca compreenderá isso. Nunca!

E'logo me domina completamente um remorso mortal por não ter casado com Lorena. Quando já estava prestes a exalar o derradeiro suspiro, prometi-lhe solenemente que para mim só ela existiria. Um ataque de epilepsia foi que a vitimou, — dissera-me depois o médico. Eu não sabia, — Lorena era epileptica!

Perdão, Maria da Gloria... Eu não tenho culpa... A sombra da outra não me deixará jámais...



Seu problema N°1:

conservar a sua *Cutis Juvenil!*

ELA passou... Joias caríssimas! Está orgulhosa. Mas sofre... Sabe que, apesar das joias e toilettes, tem a pele cansada, cheia de espinhas ou sardas! Pense, pois, no precioso dom que possui: uma cutis frêscia e juvenil! Conserve-a sempre assim com Leite de Colonia, que limpa,

alveja e amacia a pele. E se tem espinhas, cravos, sardas ou manchas, não procure esconder essas imperfeições. Corrija-as com Leite de Colonia, um preparado rigorosamente científico. Preserve a sua beleza usando, de manhã e à noite, Leite de Colonia, a juventude permanente da pele.



Leite de Colonia

J.V.T.

VOCÊ TEM

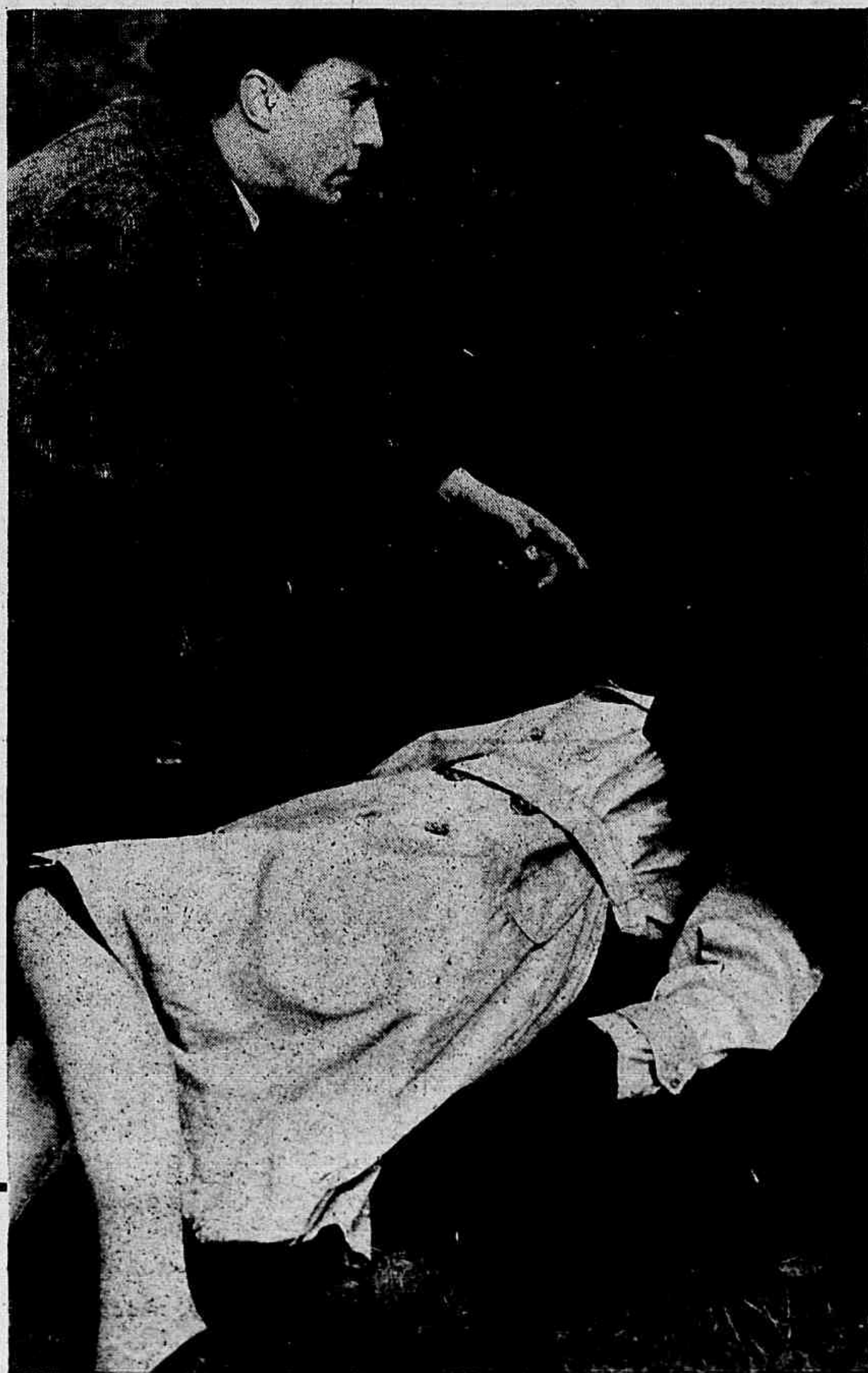
FAÇA UM "TEST" DA SUA ARGUCIA
POLICIAL PROCURANDO O FIO DA
MEADA DESTE MISTÉRIO

HOMICÍDIO PREMEDITADO

Por Milesen HORTON

2-- O corpo de Marcela foi encontrado sem vida uma semana mais tarde, nas imediações da casa de Brand. Este declarou ao inspetor Frost, com a voz entrecortada: — "Marcela veio aos meus aposentos para falar-me do nosso novo número de baile. Os cachorros a assustaram. E como Boris ultimamente andasse um tanto excitado, para evitar que algum incidente desagradável acontecesse, mandei-o para o jardim e o deixei preso á corrente. Marcela despediu-se de mim. Um minuto mais tarde ouvi um grito espantoso... Confesso que me assustei... Não acertava com o que pudesse ser..."

1-- Brand, de testa franzida, deitou um olhar ao seu par de baile. Marcela não era uma bôa bailarina, tipo da "girl" de um "night-club" de quarta categoria. Brand estava em pleno apogeu e ganhava dinheiro á vontade. Em troca, Marcela havia já passado da flôr da juventude. Tinha que prescindir da mocidade. Ela compreendeu o que significava a atitude do seu par e, com voz aspera, disse-lhe: — "Experimenta dispensar-me no teu novo número e verás como serei capaz de informar a polícia sobre alguns antecedentes a teu respeito e outras coisas que só eu sei..."



VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

Observando minuciosamente as quatro ilustrações destas páginas e acompanhando a leitura dos respectivos textos, pode o leitor encontrar com facilidade o esclarecimento do mistério e apurar si foi realmente crime, perpetrado pelo bailarino, receioso de complicações com a polícia, ou um simples acidente, motivado pelo cachorro. O indício transparece de uma dessas fotos. Mas não conseguindo a "chave" do mistério, queira procurar a solução no próximo número.

3-- "Saí apressadamente e foi horrorizado que vi o meu cachorro Boris solto. Tinha quebrado a corrente e estava, agora, mordendo com ferocidade o corpo de Marcela. Procurei uma arma e matei o animal. Certifiquei-me, então, que Marcela também estava morta". O detective examinou a corrente. Viu que o ultimo anel estava partido e certificou-se de que ninguém havia tocado na corrente depois de ocorridos os fatos. Quem teria sido realmente o autor da morte da pobre bailarina? O cachorro, furioso e inconsciente, ou o seu "partenaire" receiando complicações maiores?

4-- Mais tarde chegou o médico legista. Foi ele quem deu a ultima palavra, declarando a qualidade dos ferimentos. Marcela apresentava feridas superficiais no colo e a morte era motivada pelo choque traumatico. Frost examinou o cadaver do animal e notou que no mesmo se encontravam varias manchas de sangue, principalmente no focinho. — "Foi um acidente terrivel", declarou Brand, estremeendo. — "Acidente?" — retrucou o inspetor. — "Eu prefiro chamar-lhe um crime... Assassinato e dos mais indiscutiveis..." — Afinal, que indício teria levado o policial a essa conclusão assim imediata?



**Aprenda a conquistar
aquele que ama,
com flores...**

Aconteceu porém que, na manhã seguinte lá estava ele de novo.

— Bom dia, senhorita.
— Bom dia, cavalheiro. Deseja algumas flores? O mesmo de ontem?
— Não, senhorita. Hoje desejava qualquer coisa de funebre, qualquer coisa de próprio para um enterro...

A expressão dele era tão compungida que ela apressou-se a oferecer pêssames, pensando tratar-se de algum parente.

— Meus pêssames.
— Obrigado...
— Algum parente próximo?
— Sim, senhorita. Eu mesmo.
— O senhor?
— Sim, senhorita. Aqui, como me vê, sou um morto-vivo. Ou, melhor, sou outro. Ontem morreram-me as ultimas ilusões... Ah, senhorita, as mulheres!...

Ele encarou-a.
— Quando ela entrou pelo braço do major, eu senti um calafrio. Sabia que isso havia de acontecer, mais cedo ou mais tarde. Questão de patentes. Se não fosse um major, seria um coronel. Na minha mão, havia um ramalhete, senhorita. O ramalhete que comprei ontem. Nunca mais esquecerei que violetas simbolizam a maior desilusão da minha vida. Ainda se ela o amasse!

to. A esposa deve ser o símbolo dos sentimentos puros e elevados, não acha?

— E'. E' muito bonito tudo isso.
— Pois bem, na minha dor, preciso de uma afeição assim... A senhorita não terá um pouco de amor disponível?

— O que?
— Amor disponível... Amor ainda sem destino. Ah, que felicidade, se pudesse consagrar-me essa afeição. A senhorita é noiva?

— Não.
— Tem um namorado?
— Nada de sério.
— Nesse caso, ame-me, senhorita. Ame-me e lhe serei eternamente grato.

— Cavalheiro, francamente...
— A senhorita não compreende que eu estou falando sério, que desejo seu amor, que aspiro a sua ternura, que sonho com os seus carinhos? Não compreende, acaso, que o que senti, ao vê-la foi subito, instantaneo e será eterno? Não vê que a adoro, idolatro, venero?! A princípio estava triste. Agora estou curado. Curado por um outro amor... Não me faça sofrer novamente, senhorita. Não me obrigue a me suicidar..

— Não! Pelo amor de Deus! Não faça isso!

— Fá-lo-ei. Fá-lo-ei, se não me prometer que será minha!

— Meu Deus!
— Pronto, senhorita, prometa, ou arrebitarei os miolos. Juro!

— Meu Deus!
— Senhorita, eu não estou brincando! Eu juro que cumprirei a promessa!

— Bem... Eu...

Ele pediu um RAMALHETE

CONTO DE
MARGARETH INN

— Um ramalhete?
— Sim, senhorita. Qualquer coisa delicada e simples; faço questão de que seja simples. E' para uma moça de muito bom gosto...

— Não sei o que deva sugerir... Enquanto passeava o olhar pela loja, procurando um ramalhete apropriado, ela notou que ele a observava.

— Talvez umas gérberas...
— Que são gérberas...
— Aquelas ali no canto...
— Não? Não. Coisa menor...
— Nesse caso, violetas. Tenho umas lindas, fresquinhas...
— Muito bem. Levo as violetas...
— O senhor vai para longe?
— Não.

— Bem, nesse caso não é preciso embulhar com cuidado...

— Passe um papel sómente. Pronto o ramo, paga a despeza e, portanto, liquidado o assunto, ele saiu. Ela suspirou.

Nesse momento irrompeu, loja a dentro, uma outra moça.

— Martinhal Martinhal

A jovem, que estava atendendo os fregueses no balcão, respondeu:

— Que é que há, Julieta?

— Você viu este sonho vestido de sargento que saiu daqui agorinha mesmo?

— Claro. Fui eu quem servi. Mas não achei assim tão bonito... Ele não é feio, mas...

— Mas... Mas... Deixa de ser boba. Aquilo é um príncipe encantado, uma coisa que eu sonhei e pensava que não existia...

— Você é exagerada!

— E você é sonsa... Pensa que eu não conheço as suas manhas? Olha para eles assim com um ar de quem não está querendo, mas bem que você quer...
— Você é insuportável!

Julieta soltou uma gargalhada.

— Deixe-me trabalhar. Tenho muito que fazer...

— Ah! Ah! Você quer, mais, é paz e socego para sonhar com seu sargento...

— Boba!

— Sónsa!

De fato, não podia negar que a impressão fora muito agradável. Sobre-tudo a voz. Uma voz cariciosa, macia, capaz de fazer amolecer as mais renitentes.

...“Qualquer coisa de delicado e simples...” Com certeza para alguma serigaita pintada. Era sempre assim. Os melhores se estragavam com umas mulheres da pior espécie e os que queriam namoro sério... Nossa Senhora! Aquele tenente, por exemplo. Muito bom rapaz, mas feio como cobra!

Acontecera já muitas vezes isso. Um rapaz entrava pedindo um ramo de flores, pagava, saía e ela ficava, suspirando...

Como são tolos os homens. Pensava ela. Eles acreditam que só um rapaz pode parar na rua para admirar uma moça bonita. Se não fossem a composição, as convenções... Quantas vezes ela não tivera a tentação de assobiar como um rapaz do exército quando vê alguma loura cheia de curvas...

Passou. Estava encerrado o incidente. Não pensaria mais nele.

Mas não! E' só por causa da patente. Nunca namore um soldado, senhorita. Pode sentir-se tentada a trocá-lo por uma patente mais elevada e ele sentirá muito...

— Não há perigo!

— A senhorita, por acaso, pensa que será fiel?

— Sim. Se o amar, serei fiel.

— Não lhe dou dois meses. Com um general elegante, então... A senhorita, se fosse minha namorada, não trocaria a mim pelo Eisenhower?

— Já lhe disse que não, se o amasse...

— Eis aí a dificuldade...

— Que dificuldade?

— A senhorita não me ama.

— Está claro que não, ora essa!

— Pois devia, senhorita. Seria uma caridade. Depois de uma desilusão com a de ontem, eu preciso de amor, de uma devoção sem limites, de uma paixão avassaladora... Se não encontrá-la, ficarei para o resto da vida com um complexo de inferioridade. Seria muito triste isso, não é verdade?

— Muito. Uma catástrofe.

O tom dela era irônico.

— A senhorita ri. Ri da minha tristeza?

— Coitadinho! Quer mamãe, quer?

— Sim. Se bem que dissesse isso por brincadeira, queria. Uma mãe...

Que é afinal a esposa, senão uma mãe? O amor mais puro e mais belo, o amor materno não se diferencia do amor de esposa. O olhar grosseiro, a paixão vulgar não tem cabimento no casamento.

— Diga sim. Diga sim e sorria, para que esse sorriso sirva de bálsamo à minha dor... Diga que me ama, e eu serei capaz de morrer de alegria.

— Não faça isso!

— Nesse caso... Nesse caso, amame!

— S... Sim.

Ele soltou um suspiro de alívio.

— Ufa! E's durinha de roer, pequena! Quase que perco a aposta!

— Que aposta?

— Apostei que você ouviria a minha declaração e que a conquistaria em quinze minutos...

— Seu patife!

— Calma!

— Sem vergonha!

— Paciência.

— Então tudo aquilo era fingimento?

— Tudo, menos uma coisa.

— O que?

— Mentí como todos os diabos, mas você é mesmo deliciosa, é mesmo capaz de inspirar uma paixão como a que descrevi. E' estranho... Eu usei de tanta convicção nas minhas palavras que chego a acreditar nelas... Será possível? E'...

— O que?!

— Você é mesmo deliciosa. Vale a pena topar.

— E se eu não quiser?

— Não adianta. Eu conquisto você de novo!

— Em outros quinze minutos?

— Não. Agora vai mais depressa que eu já conheço o caminho...

(Continua na pag. 41)

Sociedade



SENHORA
OSWALDO
ARANHA

NOS BASTIDORES FEMININOS



PERFUMES

WALLY

36

VIVIAN AUSTIN ("Universal").

Ninguém desconhece a estranha magia dos perfumes, a sua força evocativa que dá forma a visões de lembranças e saudades.

Os poetas já disseram que os perfumes têm alma, porque a sutil volatilização incorpórea que dela emana cria para a nossa imaginação imagens e cenas. A sua sugestão é como voz imperceptível aos ouvidos, mas perfeitamente compreendida pela nossa alma; e ela tem o dom de romantizar a lembrança, de tornar lírica a saudade.

A origem do perfume é selvagem e simples, pois surgiu em forma de sumo de ervas aromáticas, com que esfregavam os corpos nus certas tribos, para os seus "cururús" sagrados, julgando que o perfume produzia certa exaltação espiritual.

Os países orientais foram os primeiros a aperfeiçoar o perfume e divulgar o seu uso.

No folclore de quase todos os países, mais remotos ou mais aproximados, os perfumes são citados e fazem parte integrante de suas lendas, sobretudo as de motivo sa-

grado. Para os gregos super-requintados epicuristas, como para os egípcios guerreiros e religiosos, o perfume, em unguentos, essências, óleos e pós, era elemento de valor inestimável e precioso em seus ritos, cerimônias e festins.

Ha os perfumes vegetais e os artificiais; os mais caros são os obtidos pela destilação de flores secas, resinas gomosas como a menta, o tomilho, a mirra, a salvia, o sândalo, o patchuli; os perfumes artificiais, combinação de certas matérias químicas, como o almíscar, o âmbar cinzento, a galbana, o azeite de castor, são também empregados como base para dar consistência e conservar os perfumes muito voláteis. A indústria dos perfumes elevou-se a um maravilhoso cimento de beleza e luxo na Europa e principalmente em França, onde Patou, Lanvin, Guerlain, Caron, Lenteric e outros criaram para o Grande-Mundo verdadeiras obras de magia e feitiço no encantamento de essências e cosméticos em vidros raros, preciosidades talhadas em cristal como se fossem joias.

UM beijo de ódio, uma bofetada de amor. Um sorriso de tristeza, uma lágrima de alegria... Os poetas precisarão alterar suas imagens. Mas poderão dizer que não podem ver "através da máscara da face."

Afirma-se que o chinês é impenetrável, escondendo as emoções... debaixo da máscara. Por que? O sábio Meng procura explicar: Um dos músculos faciais, o "quadratus labii superioris", está dividido em três partes distintas no rosto do europeu e cada uma dessas divisões pode mover-se independentemente das outras, enquanto que, no rosto do chinês, elas se acham mais intimamente ligadas. Isso permitiria mais liberdade nas contrações musculares do rosto do branco, dando ao rosto do chinês aparência de imobilidade.

A melhor explicação dessa imobilidade não estaria, porém, nos seus hábitos?

A educação do chinês ensina-o a controlar-se e a ocultar, ao máximo, as emoções, sobretudo a cólera e a alegria. As provas de amor hão de ser como as dos namorados perseguidos.

Na China, há, também, regras de expansões. Veja-se este conselho às crianças: "Se seu pai ou sua mãe estiver doente, não se afaste da cama do enfermo. Se acontecer alguma desgraça, chore muito".

Também os índios das planícies americanas achavam que um



ATRAVÉS DA MASCARA DA FACE

Bibi Ferreira posou, gentilmente, as fotografias que ilustram esta crônica. A jovem e simpática artista, com favor uma das mais vitoriosas e expressivas figuras do nosso moderno teatro de declamação, preparava-se para reaparecer ao nosso público, encabeçando o elenco de uma nova companhia de comédias. Num intervalo dos ensaios foi que Bibi se prontificou a traduzir, em meia dúzia de expressivas demonstrações fisionômicas, as gravuras que o leitor encontra nesta e nas páginas imediatas.

homem deve chorar, horas e horas, a perda da mulher ou do filho.

Conta-se que, em muitas tribus africanas, qualquer demonstração pública, entre marido e esposa, é considerada de mau gosto, mas qualquer outra emoção pode ser expressada livremente.

Os psicólogos apregoam que, em todos os países, a população urbana é mais expansiva do que a rural, como o pobre o é mais do que o rico.

Por outro lado, explicam: "Crianças choram, indiferentemente, quando sentem fome ou dor, cólera ou medo, ou quando desejam chamar a atenção, mas, com o tempo, o choro como que se especializa. Há, também, o caso do grito de dor física ou moral, que é semelhante.

Do riso, sabemos que é expressão universal de alegria, se bem que não conheçamos exatamente, o seu mecanismo fisiológico.

A expressão das emoções não é resultado espontâneo de processos fisiológicos internos, mas também um meio de comunicação. Se uma criança se magôa, não chora, ou chora pouco, se não houver outra pessoa perto.

Os adultos afetam atenção, na conversa. Sorrimos ao encontrar quem nos é indiferente e fingimos tristeza às más notícias que nada têm a ver conosco. Nesses casos, a expressão tem, unicamente, função comunicativa e os sinais são compreendidos pelos outros tão claramente como se tivéssemos falado.

Isso significa que não precisamos sentir a emoção para exprimi-la.

Há certas expressões, inventadas pelo homem, como levar o

da própria mãe. O luto pode ser interrompido no caso de não haver visitas de condolências. O luto exige, ainda, lágrimas em hora, lugar e sob condições previamente estabelecidas.

Conta-se que, em Montenegro, durante o luto, os homens choram numa hora e as mulheres, noutra. Há, no enterro, um período de gemidos, logo seguido de lágrimas derramadas mesmo por habitantes da cidade que não estavam ligados, por parentesco ou amizade, ao morto.

Dunham descreve uma dessas cerimônias:

"Os homens não sabiam o nome do pobre menino e tinham que se informar dos detalhes, antes de começar a gemer, mas dentro de um ou dois minutos, choravam amargamente. Na volta, discutiam quem chorara melhor."

Entre os índios Huichol, do México, o homem quando chora, em cerimônias religiosas, pode parar à vontade e voltar à jovialidade habitual, imediatamente. Assim, o povo de Buka que chora muito nos funerais.

Conta Blackwood que uma jovem, cuja dor parecia profundíssima e que fora arrastada de junto do caixão, logo depois, conversava e ria com as companheiras.

Em certas comunidades há choro que nada tem a ver com a dor moral, ou física. Tanto o habitante da ilha de Andaman, como o Maori, choram ao encontrar o conhecido depois de longa ausência e por ocasião da declaração da paz entre dois países.

Não é certo considerar-se o choro, nessas ocasiões, como sinal de alegria. Dizem os próprios nativos que, então, choram pelos que morreram.

No entanto, mesmo sem morte, as lágrimas são a saudação corrente.

O Dr. Peter Buck, diretor do Museu Bernice P. Bishop, de Honolulu, afirma que o jovem "maori, educado na Nova Zelândia — educação bem anglo-saxônica — está perdendo, rapidamente, a faculdade de chorar, quando quer, e encontra dificuldade em derramar lágrimas na hora indicada pelas cerimônias tradicionais.

A cólera poderia ser expressa de inúmeras maneiras. Os habitantes de Buka, na Melanésia, demonstram cólera, quebrando intencionalmente os seus próprios objetos.

MEDO

polegar ao nariz, em sinal de desafio, ou desprezo. Um gesto dessa espécie não tem significação biológica.

Certos povos demonstram amor ou ódio, indiferentemente, dobrando o indicador da mão direita e levando a segunda junta saliente à ponta do nariz.

A mãe chinesa esfrega o rosto

ou empurra a cabeça do filho para trás com o indicador, quando quer manifestar que está zangada.

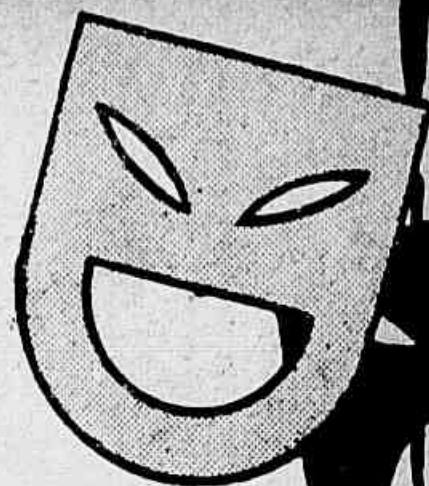
As lágrimas são sinal de dor, universalmente, mas há costumes peculiares, determinando a hora, lugar e mesmo a duração delas.

Mauss afirmou que entre os nativos australianos a expressão

de pesar, pela morte de um parente, é regulada socialmente.

Na China, uma pessoa de luto é obrigada a exprimir a tristeza, segundo determinado simbolismo. E a severidade do luto aumenta na razão direta da importância da pessoa pranteada.

A mulher é obrigada a chorar mais a morte da sogra do que a



EXTASE

Conta-se dos nativos de Nicobar que em meio de uma discussão séria, um homem chega a incendiar sua própria casa.

Na cólera, há forte tendência a fazer alguma coisa, mas essa tendência se traduz de modos vários, de acordo com a educação.

Nos romances chineses há expressões literárias de cólera, como esta:

"Os olhos dela tornaram-se redondos e arregalaram-se, olhando para ele."

Os chineses acham que o rosto do europeu parece exprimir, perpetuamente, a cólera, porque os olhos arredondados assemelham-se aos do chinês encolerizado.

Vejam-se outras expressões de cólera:

"Ele riu, fazendo Ho-Ho, muito alto".

"Ele sorriu um sorriso frio."

"Olhou para eles, sorriu, e amaldiçoou-os."

(O riso e o sorriso de desprezo são muito frequentes na China).

Ainda mais interessante:

"Ele estava tão zangado, que desmaiou, várias vezes, de raiva."

Na China, morre-se de raiva, pura e simples, o que não se pode atribuir a apoplexia ou coisa semelhante, porque não ocorre de súbito, como ataque, mas no espaço de alguns dias ou semanas.



SURPRESA

Caso semelhante é a morte, em muitas sociedades primitivas, provocada por magia ou pela consciência de ter violado o tabú.

O riso e o sorriso, exceto casos raros, parece revelar alegria, universalmente. Alegria espontânea.

O recém-nascido não sorri logo, o que indica falta de controle muscular, e não, como se pode pensar, de ensinamento.

A educação parece ter papel secundário na produção do riso.

O riso, denotando ridículo, é universal.

Entre os índios "pueblos", do Novo México, há indivíduos que servem de palhaços, explorando o burlesco de cerimônias que, ordinariamente, são levadas a sério. Imitar os brancos é um de seus recursos.

Em alguns povos a alegria é expressa sem sorriso, mas este pode ser empregado em ocasiões e por motivos nada alegres.



TRISTESA

moral na presença de um superior.

Até a qualidade do sorriso foi regulada. Assim, era ofensivo sorrir diante de um superior, mostrando os molares.

Todos os graus de artificialidade na expressão das emoções são possíveis. Muita gente ri para não chorar e, como não pode mostrar surpresa, aprenderá com o chinês a esconder o espanto, equilibrando-se em um só pé, ou a abanar o rosto com a manga do paletot, para denotar revolta, como fazem os atores na terra de Confúcio.



Para ilustrar esta crônica, lembramo-nos de convidar uma figura do nosso teatro que pudesse traduzir, em alguns instantâneos fotograficos, outros tantos estados da alma. A escolha recaiu justamente em uma das mais moças e que no momento se prepara para reaparecer em definitivo: Bibí Ferreira. A legítima herdeira dos inconfundíveis dotes artísticos de Procopio, sua filha única e naturalmente a continuadora do seu sucesso na ribalta, ensaia neste momento uma peça para estreiar em um de nossos teatros. Foi lá, no alvoroço dos preparativos de um bonito espetáculo que será, por certo, o dessa estréia, onde encontramos Bibí. Ensaia "O

Sétimo Céu", peça da qual se extraíu já, por duas vezes, um filme muito romantico de igual título, da vez primeira estrelado por Janet Gaynor e Charles Farrell, da segunda por Simone Simon e James Stewart. A pequena enamorada do romance vai ser, agora, essa garota de predicados tão acentuados para o palco e senhora de um prodigioso jogo fisionômico, do qual nos servimos para as ilustrações desejadas que aqui estão, oferecidas ao leitor. Vejam as transições radicais que se operam no rosto de Bibi... Extase... Ciúme... Alegria... Tristeza... Medo... — Surpresa... Todas as manifestações de estado íntimo são reproduzidas, de um modo exato e preciso, através da face dessa novel artista. Ela sabe traduzir os momentos de satisfação, de melancolia, de duvida, de incerteza, sem recursos de "maquillage". É o rosto limpo, apenas recebendo as contrações dos músculos, o que nos dá essa perfeita reprodução dos dramas interiores. E aí está a contribuição preciosa que nos deu Bibí Ferreira para a convicção maior dos argumentos expostos nesta crônica.

Através da máscara da face, quantas coisas se podem traduzir! Mas, também, quantas outras poderão ser disfarçadas, se a tanto ajudar o engenho e arte da interpretação...

CIUME

ALEGRIA

Há o sorriso convencional, nosso conhecido, sem qualquer significação emocional.

Na China, ele acompanha a cólera muito mais frequentemente

Naquele país, o criado deve sorrir ao anunciar ao superior alguma desgraça, para diminuir

o seu efeito, e também ao ser repreendido.

Segundo Hearn, foi o Imperador Iyeyam quem primeiro exigiu que um inferior manifestasse prazer ao sofrer repreensão.

Tornou-se, a pouco e pouco, desrespeito mostrar dor física ou





ELE PEDIU UM RAMALHETE

(Conclusão da pag. 34)

— Vá-se embora daqui, seu patife!

— Olhe que eu vou mesmo!

— Não estou lhe dizendo que vá?

— Está! Com palavras. Os olhos desmentem o que você diz, a própria boca pede beijos quando você me diz que parta... Olhe! Se me mandar embora mais uma vez, não me tornará a ver...

— Vá!

— Olhe!

— Vá!

— Como mente! Você mente melhor do que eu. E, afinal de contas, não

tem razões para ficar indignada. Eu fui insincero. Você está sendo insincera, agora...

— Quem lhe disse?

— Eu sei! De que vale a experiência de vários anos de ofício...?

— Ah, canalha!

— ... Espere que eu acabe... de ofício que eu abandonarei. Se você topar, morena eu me aposento.

— Aposenta, mesmo?

— Juro!

— Jura sua não vale!

— E' claro que vale. Então eu posso estar mentindo? Olhe bem para mim. Encare-me bem...

O resultado foi um beijo prolongado. Quando se separaram ele perguntou:

— Como é que você se chama?

— Marta, e você?

— Hugo.

— Muito prazer.

— Igualmente.

Ele olhou para o relógio.

— Eu não disse?

— O que?

— Dessa vez foi em cinco minu-



LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA

PASTA DE AMENDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

tos só. Estou melhorando! Em perfeita forma, como você vê!

— Você é um senvergonha, mas...

— Mas o que?

— Mas é um amor de senvergonha!

THE STUDIO

Remetido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, distribuição gratuita do Conselho Britânico, recebemos a edição de *The Studio*, n. 607, volume 126, correspondente ao mês de Outubro de 1943.

E' uma edição da tradicional revista inglesa, inteiramente dedicada ao Brasil, ricamente impressa com grande quantidade de páginas primorosamente coloridas.

Abre o magnífico número um artigo do Embaixador do Brasil na Inglaterra, Sr. Dr. Muniz de Aragão.

Paschoal Carlos Magno escreveu sobre Pintura; Joaquim de Souza Leão, sobre Arquitetura Colonial; Anyone Costa, sobre Arte Arqueológica; Paulo T. Boavista, sobre Arquitetura Moderna.



Os textos estão em inglês, mas no fim do volume estão também em português.



QUINA PETRÓLEO ORIENTAL

PERFUME RIVIERA



Fixa o penteado, dá vida aos cabelos, evitando o embranquecimento prematuro. Extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.

A VENDA EM TODO O BRASIL

Si é verdade mesmo que nada de novo existe à face da terra, mais verdade ainda será dizermos que nada de positivamente inédito pode ser inventado em relação às modas femininas. As modas vão e voltam. Olhem esses quatro chapéus aqui ao lado. Estão voltando as azas de passaros, as penas, as plumas...



Da esquerda para a direita e de baixo para cima, aqui estão: Gloria de Heaven, Constance Moore e Nancy Kelly, esta duas vezes, na página à direita.

A moda do principio do século, dá um ar de sua graça e quer voltar, como si também os dias felizes e tranquilos de então pudessem reviver.

2. Moda

Qual a elegante de nossos dias a quem sobrasse tempo para agitar, com o devido relevo, esses toques de penteado tão cheios de minúcias? E depois os esbarroes na fila do ônibus... Que tragédia! Vale, enfim, essa efêmera repetição cinematográfica da moda, para matar saudades. Obrigado, senhoras donas "estrelas" de Hollywood, muitíssimo obrigado...



Nada é possível, porém, desde que o mundo marcha. E mesmo repetindo-se, tais demonstrações de moda, têm de ser efêmeras. Que frequentadora de cinema poderia usar um modelo de abas tão largas, sem provocar a reação do mais calmo espectador da poltrona de trás?

Repete-se



O prego e a marcha fúnebre

(Continuação da pág. 15)

— Não, não. Não é caso para isso...
— Mas...

— Eu disse que o senhor fez mal porque não me falou logo, com sinceridade. Eu gosto muito das coisas misteriosas, Sr. Gleeb. Não me recusaria a acompanhá-lo...

A fisionomia do gerente desanuviou-se.

— Muito obrigado.

— Não há de que. Estou com muito calor e gostaria de respirar um pouco de ar fresco.

— Vamos, então.

Tarrant voltou-se para mim.

— Você fica, não é?

— Eu vou.

— Meu amigo, eu...

— Já sei. Você não gosta de envolver os amigos nas suas investigações. Mas, nesse caso, só pelo fato de estar aqui, eu já me considero envolvido, e, além do mais, a minha curiosidade é muito maior do que a sua para compensar o talento indiscutivelmente inexistente na minha pessoa e exuberante no seu cérebro privilegiado.

Tarrant interrompeu-me.

— Acho melhor levarmos esse rapaz logo, antes que ele diga mais tolices, não acha Sr. Gleeb?

Rí.

Chegámos ao ultimo andar. Um grande terraço rodeava o apartamento por três lados, sendo que, para o norte, o apartamento estava encostado na parede do fundo do edifício. Um ar frio fez-nos estremecer. A oeste era a entrada do apartamento usado como estúdio de um pintor. O electricista esperava-nos ali. Viera ao andar para reparar as antenas do rádio do apartamento e ouvira a estranha musica. Havia, ao lado sul, algumas janelas, todas fechadas. A grande janela do estúdio, ao norte, aberta na parede do edifício, onde estava encostado o apartamento, porém está, claro, era inacessível e invisível do terraço. Havia uma claraboia, mas só podíamos atingi-la com auxílio de uma escada.

Estávamos examinando o apartamento pelo lado de fora. A musica estranha continuava, ininterrupta.

— E' a marcha fúnebre de Chopin muito bem executada.

— Vamos espiar pela janela, disse Gleeb.

— Mas estão todas fechadas, lembrou Tarrant. Não poderemos ver nada.

— Nesse caso, que fazer?

— Arranjar uma escada e subir à claraboia. De lá veremos o que se passa dentro do estúdio.

O electricista imediatamente pro-

videnciou e a escada dentro de alguns minutos, estava á disposição deles.

Enquanto ele fôra e voltára, Tarrant e Gleeb conversaram.

— Quem habita esse estúdio?

— Um pintor chamado Michael Salti. Um homem excêntrico, como a maior parte desses artistas. Porém paga sempre com regularidade e eu nunca tive razão de queixa. Ele traz, ás vezes, modelos para aqui e não raro passam a noite no estúdio moças que eu não sei se são modelos ou não. Em todo o caso, eu nada tenho a ver com isso, contanto que a coisa não seja feita com ostentação...

Next momento chegou a escada.

A marcha fúnebre continuava a ser tocada no interior e, toda a vez que terminava, havia uma pequena pausa e depois recommençava. O gerente já estava dando mostras de nervosismo. Tarrant tomou a escada, encostou-a á parede e subiu por ela. Viamos, debaixo, que ele se inclinara para observar melhor através da claraboia.

Finalmente, ele se endireitou e desceu a escada. Estava impressionado, evidentemente.

Gleeb aproximou-se e perguntou:

— Então? Alguma coisa de suspeito?

Tarrant olhou para mim, para ele, contemplou durante alguns segundos o electricista, como quem está tomando uma decisão, e em seguida, disse:

— Chame a polícia, imediatamente, e espere que ela chegue para entrar.

— Que há, lá dentro? Que viu o senhor de tão surpreendente?

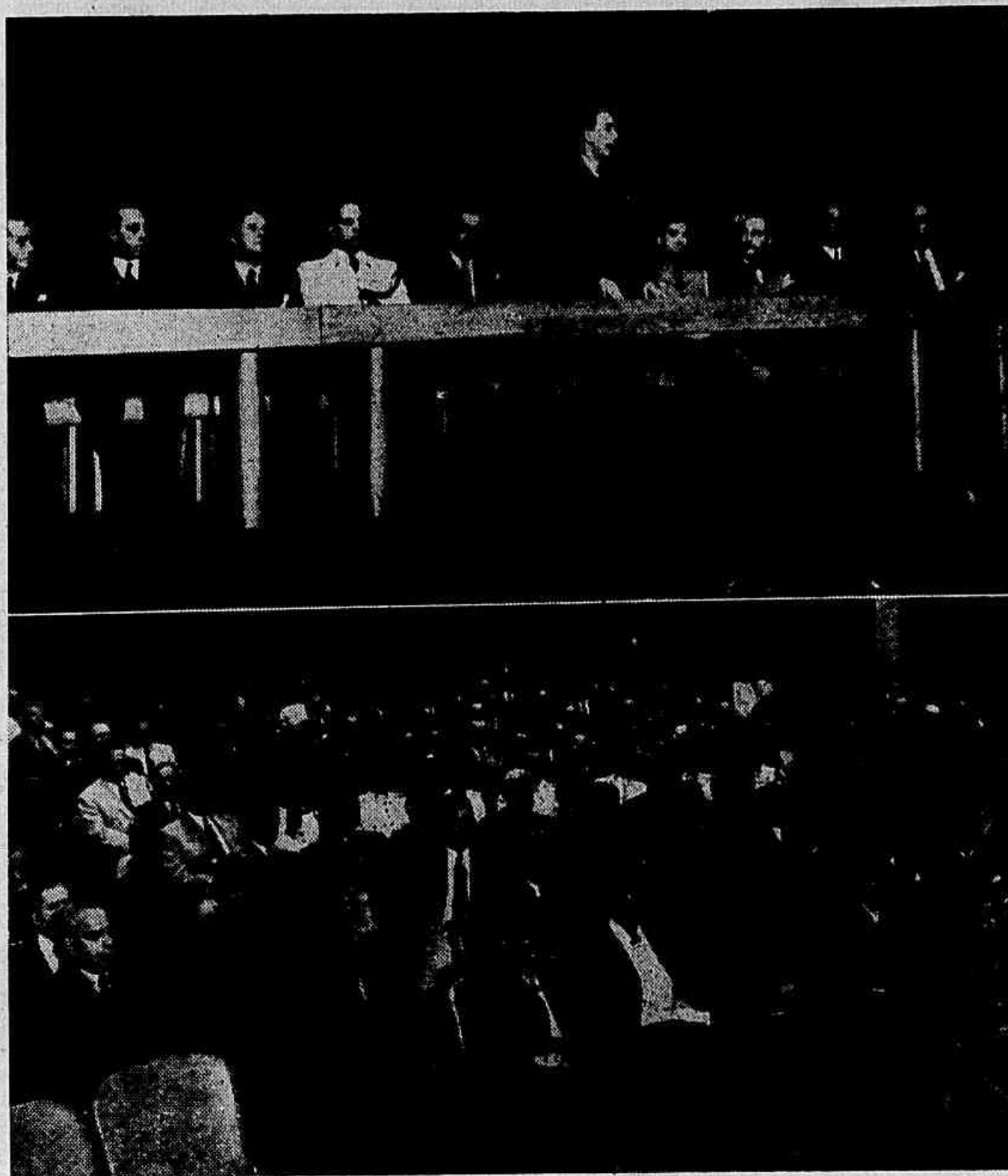
— Vi um cadaver.

— Um...?

— Sim. Uma moça. Creio que é homicídio.

Quando chegou um policial que fazia a ronda do parque fronteiro ao edifício, Tarrant relatou-lhe o que acontecera e convidou-o a arrombar a porta, que estava trancada.

O estúdio era uma sala grande, alta, muito iluminada. Confortavelmente mobiliada, em estilo moderno, a sala tinha belo aspecto. A um canto havia um cavalete com uma tela. Do outro lado, uma vitrola automática. Estava resolvido o problema da musica. Um disco, ligado ao automático da vitrola, que, sempre que acabava de tocar levantava a agulha, e tornava a colocá-la no princípio. A musica não parava mais... Era a Marcha Fúnebre de Chopin tocada por Guiomar Novais. Tarrant atravessou a sala e desligou a vitrola, enquanto olhávamos para o corpo que jazia no sofá.



IN MEMORIAM — COMEMORANDO A PASSAGEM DO TERCEIRO ANIVERSARIO DA MORTE DO SAUDOSO INDUSTRIAL HENRIQUE LAGE, GRANDE FIGURA DE PATRIOTA CUJA MEMORIA SE CULTUA HOJE EM TODO O PAIS, TEVE LUGAR, NO AUDITORIO DA A. B. I. UMA CONFERENCIA DO HISTORIADOR PEDRO CALMON EM TORNO DA VIDA E DA OBRA DO ILUSTRE BRASILEIRO.

A ESSA BRILHANTE ALOCUÇÃO, QUE FOI PRONUNCIADA A CONVITE DA ASSOCIAÇÃO DOS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, ASSISTIRAM ELEMENTOS DE DESTAQUE DA NOSSA SOCIEDADE, ALÉM DE ALTAS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES.

NAS FOTOS ACIMA VEMOS, SOBRE UM ASPECTO DA SELETA ASSISTENCIA, UM FLAGRANTE APANHADO QUANDO FALAVA O CONFERENCISTA, VENDO-SE Á MESA, AO SEU LADO, ENTRE OUTRAS PESSOAS GRADAS, O SR. PEDRO BRANDO, SUPERINTENDENTE DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE E CONTINUADOR DA OBRA DAQUELE GRANDE INDUSTRIAL BRASILEIRO.

Uma linda moça, semi-nua. Uma das suas pernas estava flexionada, sua boca contraiu-se numa careta de dor e a mão esquerda segurava firmemente o sofá, como que para suportar uma agonia tremenda. Pouco abaixo do seio esquerdo, uma faca estava enterrada. O sangue escorrera pelo corpo e fizera uma poça no assoalho, aos seus pés.

Em cada canto do sofá, havia uma vela acesa. Tarrant aproximou-se e apagou-as.

— Não se esqueça de anotar, guarda, que essas velas estavam acesas ás dez e quarenta e sete.

Não pude aguentar mais aquele espetáculo. Sai para o terraço.

Somente quando voltei ao quarto e vi que tinham coberto a moça com um cobertor, notei que o cavalete com o quadro, que deveria estar virado para a porta principal, estava, ao contrário, de costas para ela e só era visível o quadro, da porta do quarto de dormir.

Caminei para aquele canto e examinei a pintura. Era um quadro da vítima, na mesma posição que se encontra em carne e osso. Porém, na pintura, seus braços estavam levantados, em gesto de convite, e sua boca sorria. O nome do quadro era: 'La Séduction'. Havia, nele um prego, bem no lugar onde, no cadaver, estava enterrada a faca e o pintor pintara sangue escorrendo sobre o corpo dela, exatamente como havia, na realidade.

Tarrant veio para junto de mim. Examinou com cuidado o prego que fôra pregado no quadro e disse:

— Não sei por que tenho a impressão que este prego tem muita coisa a ver com a solução do mistério...

Olhei para ele:

— E haverá algum mistério? Não é lógico que foi o pintor que a matou?

— Nesse caso, onde está ele?

— Fugiu!

— Só se virou fantasma. Porque NÃO HÁ SAÍDA PRATICAVEL!

Virei para ele:

— Você quer dizer que...?

Mas, já sua atenção se focalizara em outro detalhe:

— Obra de um louco, sem dúvida... Mas por que está o quadro virado para a porta do quarto, quando deveria estar voltado para a porta principal? Por que está de frente, e não de costas, para a luz, como seria natural?

II

A' meia noite, a polícia central, chefiada pelo Tenente Mullins chegou e tomou conta do caso. Mandaram que todos se retirassem, inclusive Tarrant.

Meu amigo não se conformou com o caso. Telefonou para um conhecido seu, da polícia, que lhe assegurou que assim que o Inspetor Peake, encarregado do caso, chegasse, haveria de lhe fazer uma visita e então discutiriam o caso.

Esperávamos o Inspetor Peake, mas, até aquele momento, ele não aparecera. Hido, o criado, fizera uns cocktails e eu estava tomando o meu segundo Highball, quando Peake bateu á porta.

Aproximou-se, estendendo a mão, cordialmente:

— Sr. Tarrant, não é verdade? Inspetor Peake.

Retribuiu o meu cumprimento com afabilidade:

Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

• Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alivio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríase — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoríase, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.. BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alivio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

Você tem vocação para detective?
SOLUÇÃO DO "CASO" DO NUMERO
ANTERIOR: "O ROUBO DO ANEL DE
ESMERALDAS".

Observe o leitor que a corda pela qual se evadiu o suposto gatuno está amarrada a um dos pés da pequena cama situada a um metro, aproximadamente, da janela (foto n. 2). Si alguém tivesse descido pela corda tal como declarou o "chauffeur", seu peso teria arrastado a cama até à janela. Acusada por essa evidencia, Ana se desconcertou e, comprimida pelas perguntas, acabou denunciando o "chauffeur", seu cúmplice e amante. Frost, o detective, encontrou as esmeraldas escondidas em um dos arbustos do jardim.

O preço desta edição é de Cr\$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

**Deixa aí
Menino!**

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA

O MAU HÁLITO - INIMIGO DO AMOR



VOCÊ PODE TER MAU HÁLITO SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau hálito, dos dentes embaçados e amarelos, das gengivas moles e das caries do'orosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, *embeleza*, *conserva* as gengivas firmes e saudáveis e o hálito *perfumado*. Comece a usar Colgate hoje mesmo.

ALICE, O MAU HÁLITO DESTROE QUALQUER ROMANCE. PORQUE VOCÊ NÃO CONSULTA SEU DENTISTA?

ESTA CIENTIFICAMENTE PROVADO QUE NA MAIORIA DOS CASOS, COLGATE ACABA INSTANTANEAMENTE COM O MAU HÁLITO

ESTOU NOIVA
E SOU FELIZ!
UM SORRISO
COLGATE
FAZ MILAGRES!

Tamanho Gigante
DUPLA ECONOMIA



Os mais belos sorrisos... são sempre sorrisos Colgate!

— Muito prazer. Albert Peake, às suas ordens.

Depois de trocadas as saudações da praxe, Tarrant virou-se para o inspetor em atitude de expectativa.

— Inspetor...

— Sim. Sei que o senhor deve estar ansioso para saber o que está sucedendo lá em cima. Sei, ainda, que nos prometeu o seu auxílio, sem duvida valioso, porém, creio que, desde já, posso dizer-lhe que o mistério está solucionado.

Tarrant franziu as sobrancelhas. Não lhe agradava nada que alguém tivesse sido mais rápido na solução de um mistério do que ele.

— O senhor já apanhou o criminoso?

— Não. Mas já sabemos quem é. E breve tê-lo-emos em nossas mãos.

— Michael Salti?

— Sim. Homem excêntrico, pensavam alguns. Agora sabemos que é doido varrido.

— Nesse caso não há duvida quanto á identidade do criminoso...

— Nenhuma. Viram-no subir com o modelo. Além disso, ninguém mais foi ao ultimo andar a não ser o electricista. Mais: as impressões digitais dele foram encontradas na faca, na vitrola, em toda parte. E há outras provas...

— Viram-no sair do edificio, após crime?

— Não. E' essa a unica falha no nosso caso, porém já que não está aqui deve ter saído. Talvez pela escada de incêndio: é bem possível.

— E a vítima... Foi identificada?

— Sim. E' uma moça de sociedade, filha de um rico industrial. Andava sempre com um grupo de boêmios. Todos sabiam que ela se desencaminhara. Os pais já nem diziam mais nada. Era inutil...

Tarrant confirmou:

— Não resta duvida. O pintor louco não suportou a leviandade do seu modelo. Enquanto o que ela fazia de mal era com ele, estava muito bem. Mas Barbara gostava de variar... Com certeza quis abandoná-lo. Ele persuadiu-a a visitá-lo mais uma vez e... Com certeza pediu-lhe que o deixasse pintar um retrato dela...

— Sim. O caso é terrível, mas não tem nada de misterioso, graças a Deus! Se todos os casos que tivéssemos fossem tão simples...

— O senhor acha?

— Sem duvida... Bem, vou indo. Muito prazer em conhecê-los...

Tarrant disse:

— Um momento!

— Que há?

— Tenho uma coisa a perguntar-lhe...

— Sim?

— Posso ir ao apartamento agora?

— Pois não. Podemos ir juntos. Só há um guarda lá, agora.

Duas horas mais tarde, eles voltaram. Tarrant estava coberto de poeira e Peake parecia preocupado.

— Não se esqueça de botar mais dois guardas lá em cima.

Peake assentiu.

— Boa noite.

— Boa noite.

III

Tarrant estava pensativo.

— Meu amigo, esse caso não me agrada.

— Mas já não foi descoberto o assassino?

— Não há duvida que é Salti o criminoso. Isso sei eu. Mas há uma coisa que escapou a você.

— Que é?

— Meu amigo ainda não reparou?

— Você se refere áquilo que me

disse, lá em cima? Que o apartamento estava hermeticamente fechado e que não há meios de se poder descobrir como o criminoso fugiu?

— Exatamente.

— Mas não haverá uma saída que você não conhece?

— Não há. Examinei tudo.

— Inclusive a escada de incêndio?

— De nada serve a escada de incêndio, meu amigo. Sabe porque?

— Não.

— Porque a escada de incêndio está situada do outro lado, perto da porta do elevador. No terraço. Logo, ele teria que sair primeiro do apartamento para usá-la e é isso que me preocupa. O problema não se resolve com a escada de incêndio...

— Mas você investigou...

— Meu amigo, eu venho do apartamento. Peake e eu estivemos a examinar tudo. Olhe: nós para entrar no apartamento tivemos que arrombar a porta. Por que? Porque estava não só trancada, como aferrolhada. Gleebe poderia abrir a porta com sua chave se ela estivesse somente trancada.

— E' verdade. Eu não tinha reparado nisso...

(Conclue na pag. 49)



Elegante e muito moderna esta robe em seda grossa estilo "tailleur", com grandes bolsos pregados com ourela e botões de fantasia. E' uma criação de Saks.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

PERFUME

Harpa

de GALLY

COLÔNIA Nº 1800 1802 F

LOCÃO Nº 1820

EXTRATO Nº 1810

Persistente como a saudade.
Agradavel como a musica.
Voluptuoso como o amor!

OUTROS MODELOS



Os vestidos estampados, de seda ou jersey, são sempre praticos, pois podem servir a varios chapéus e combinam tambem com os casacos de pele curtos ou um casaco estilo alfaiate, de lã ou seda grossa. Damos aqui alguns modelos estampados.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

(Continuação da pág. 45).

RUGÔL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Cahe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?

Está
embranquecendo?

Uze o

TONICO ORIENTAL

Elle fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.
Extingue a caspa.

LEK

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

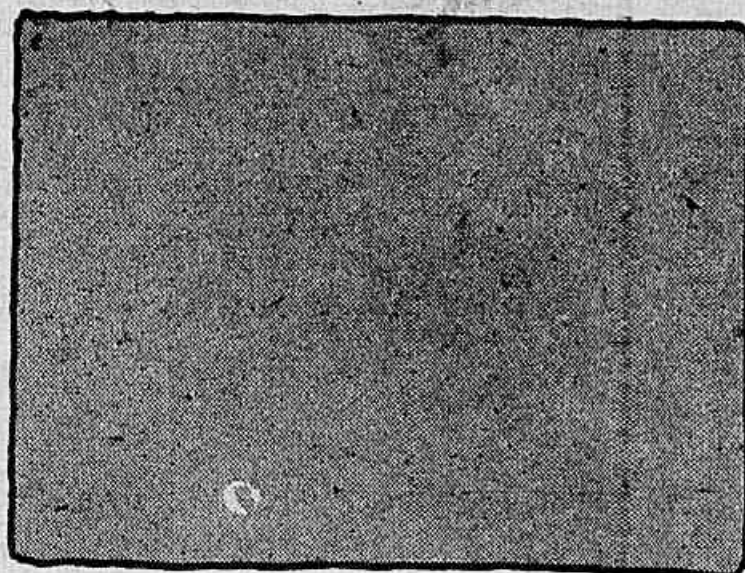
Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXO-DENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

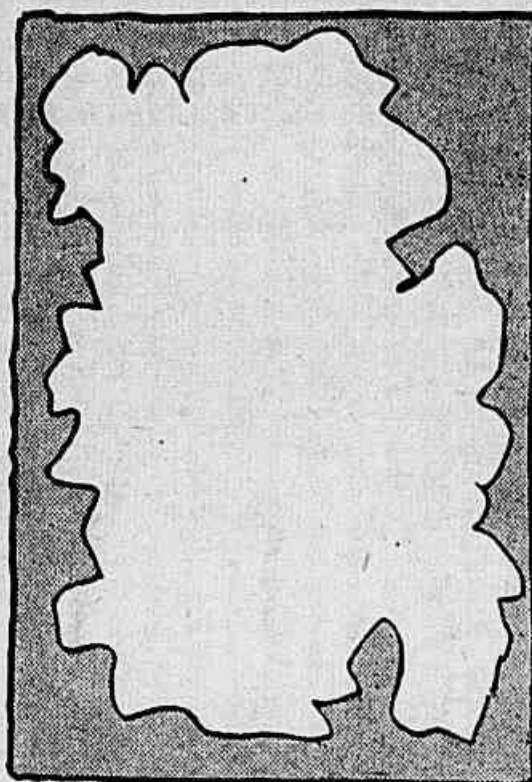
Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

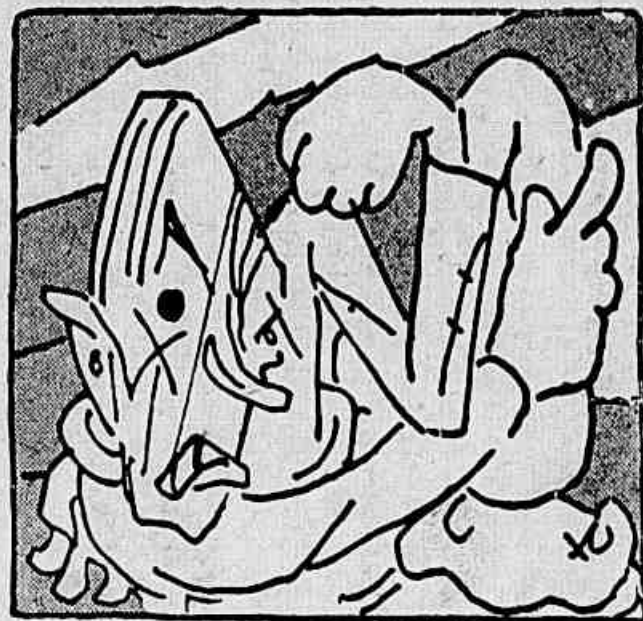
Ultra futurismo...



Céu sem nuvens



Núvem sem céu



*Sofisma
encalacrado*



*Naufrágio da fragata
Meiadúzia*



Um pau por um olho



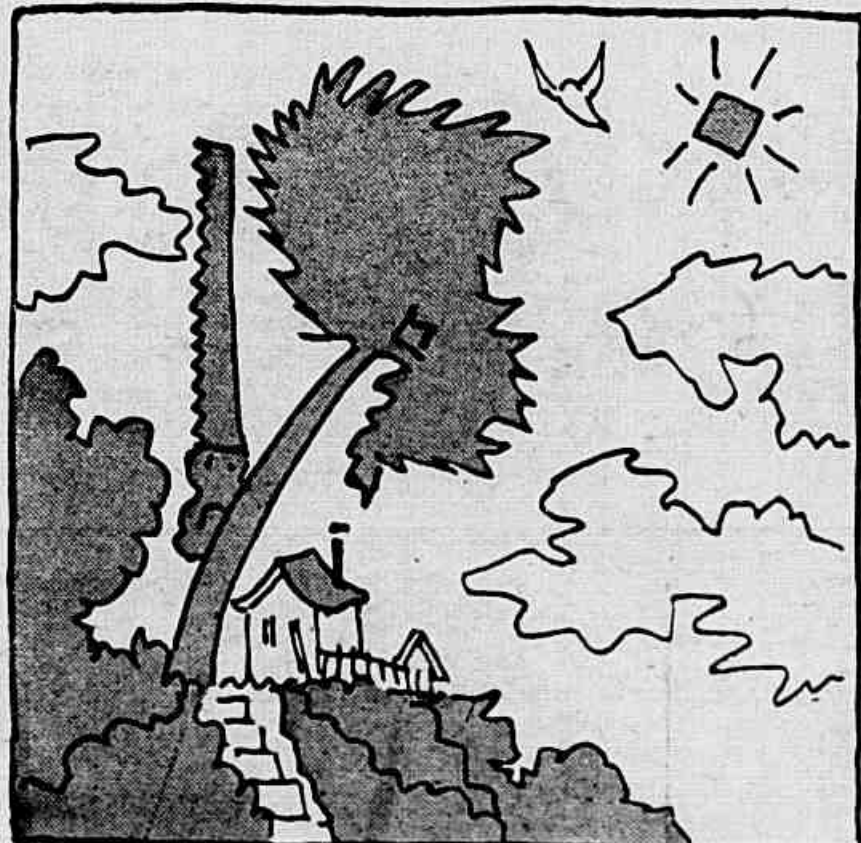
Tangolomango



*Neurastenia
polimorfética*



Estilização dos manipulâços



A casa branca da serra.



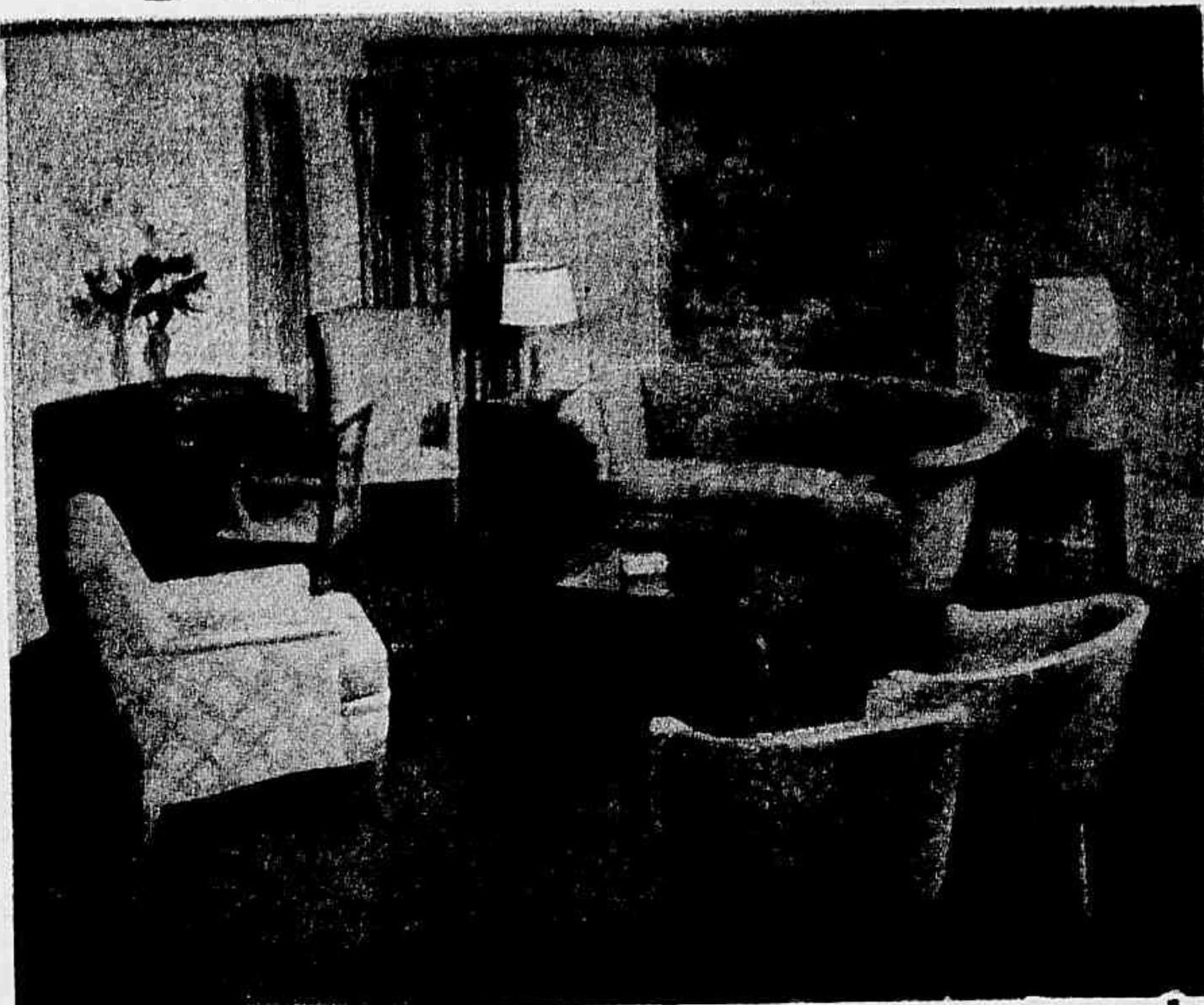
*-A arte em que estado fica?
-Em estado comatoso...*

**VINHO
RECONSTITUINTE
"GRANADO"**

**TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE**

GRANADO
RIO DE JANEIRO
T. FARQUINO

DUAS PEÇAS QUE SE COMPLETAM



A exiguidade de espaço que hoje se faz notar na quase totalidade das residências urbanas, quer nos apartamentos dos grandes edifícios, quer nos *bungalows* dos bairros superpovoados, nos levaram a abolir certas dependências superfluas, tidas ontem como indispensáveis em uma casa de apresentação, consideradas hoje apenas como um luxo extravagante. Assim foi que a sala de visitas desapareceu por completo das casas menos espaçosas, cedendo ao *living-room*, que, via de regra, se liga à sala de jantar por um vão em arco, o que compreende o aproveitamento máximo do espaço.

Nesta página apresentamos um modelo de *living-room* e sala de jantar, construídos desta maneira e inteligentemente mobiliados com perfeita uniformidade de estilo, com móveis modernos, laqueados e estofados em seda clara.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Tenho os olhos úmidos de emoção... como chorei quando te vi ao lado de Leslie no altar da igreja de Benoet...

DENISE — Obrigada, Irene... Deixa-me beijar-te... (Beijo) Vamos, Leslie... os convidados acabam de chegar... Esperamos apenas por você...

C. REGRA — (Soar dum gongo bem distante).

DENISE — O sinal!

IRENE — Oh! A disciplina o general trouxe-a do exército para a vida doméstica! A pontualidade em carne e osso!

DENISE — Vamos, querido...

Técnica — Interlúdio. Valsa vienense em "back-ground. Murmúrios distante.

GENERAL — Senhor De Jallec... mais um cálice de Borgonha...

JALLEC — Reformou a biblioteca, General?

GENERAL — Não... mandei apenas aumentar as estantes... Ives, sirva mais um cálice ao senhor De Jallec...

JALLEC — General... General... olhe que já estou grisé...

GENERAL — Vamos, De Jallec... (Ruido de copos) Vamos, Ives... Diabos! Nem mais pareces aquele soldado que se batia como um leão em Chemin des Dames... Que tens, velho? Estás inquieto?

IVES — Meu general... Perdão... Queria comunicar-lhe uma coisa!

GENERAL — Diga! Por que ou por quem está esperando?

IVES — Senhor general... trata-se da rádio de Paris...

GENERAL — E precisas estar com esses olhos buliçosos? Que tem a rádio de Paris?

IVES — Meu general, acabámos de escutar a rádio de Paris. Anunciam para dentro de alguns minutos uma notícia muito importante...

ALAIN (Distante) — Notícia importante na rádio Paris?

IVES — Sim, senhor Alain...

GENERAL — Ai vem minha filha e o marido... Aposto que também vem me dar a notícia! Diabos! Eu sou sempre o último a saber da política europeia...

DENISE — Papai, o senhor já sabe?

GENERAL — A rádio de Paris?

DENISE — Sim... eu e Leslie ouvimos o **speaker** anunciar...

GENERAL — Ives! Traga o rádio da sala aqui para a biblioteca...

IVES — Imediatamente, senhor...

GENERAL — Que é isso, minha filha?... Estás também inquieta?

DENISE — Eu? Eu não...

GENERAL (Rindo) — Depois que ouviste a rádio de Paris, seguras o braço do teu marido como si o pobre rapaz quisesse fugir... (Risadas discretas) Vão dançar os dois... aproveitem os acordes maravilhosos dessa valsa... Ah! Si não fôsse o meu reumatismo!...

Técnica: cessar valsa vienense.

IVES — Aqui está o rádio, meu general... Quer que o ponha a funcionar?

GENERAL — Claro... Liga o receptor...

JALLEC — Ora viva, meu caro Henry!... Meus cumprimentos, senhor deputado... cumpre-me dizer que esteve admirável no seu discurso...

HENRY — Obrigado... obrigado, De Jallec...

Técnica: música de concerto em "back-ground".

IVES — Está ligado, meu general...

GENERAL — Sirva o vinho aos convidados que estão na biblioteca... Trouxeste da adega o legítimo Napoleão que te falei, Ives?

IVES — Ali está a garrafa, meu general...

Técnica: cessa música de concerto imediatamente. "Notícias de última hora. Rádio Mondiale de Paris! Notícias de última hora"...

VOZES — E' a notícia...

GENERAL — Aumente o volume, Alain... (Cessa murmúrios).

Técnica: "Telegramas de Moscou anunciam que um pacto de amizade foi assinado entre Stalin e Hitler. As negociações secretas preparadas há muito tempo pelo conde Von der Schulemburg deram finalmente o seu fruto. A União Soviética e o Terceiro Reich, acabam de concluir um acôrdo cujas consequências são imprevisíveis e que já fez sensação nas chancelarias europeias... Conservem os vossos receptores ligados para a nossa emissora, pois dentro de mais alguns minutos forneceremos detalhadamente mais informes... Fala a Rádio Mondiale de Paris... Madames, mademoiselles e messieurs... ouvirão agora mais um número musical de nossa discoteca.

ALAIN — E' a guerra! Sim! A guerra! Nua e crua! A guerra!

HENRY — Não sejas insensato, Alain! Por que a guerra?

ALAIN — Estou dizendo que temos a guerra na Europa!

HENRY — A guerra? Por que a guerra? Podes imaginar Stalin arrastado na lama durante sete anos pelos nazistas a unir as forças às de Hitler? Estás louco, meu irmão!

ALAIN — Louco, eu?

GENERAL — Pronto! Vão discutir novamente...

ALAIN — Não, meu pai! Vou adiantar-lhe em poucas palavras o futuro negro que se aproxima no ressoar das botas prussianas... A tempestade de ferro e fogo que cairá que nem um cataclisma sobre todo o continente... talvez sobre o mundo... És perigosamente otimista, meu irmão! Não estou louco, não! Na tua cegueira, no excesso do teu entusiasmo bélico, não vês que a morte com o seu gorro de loucura e os guisos pendentes se levanta já sobre a Europa Oriental!

GENERAL — Vamos! Com essas expressões exaltadas estás inquietando os nossos convidados... Que tem isso, meu filho! Que seja a guerra! Nós nos bateremos! Mas não creio nisso!

ALAIN — Pai! Os dois lobos aguçam os dentes para devorar o chapéuzinho vermelho polonês...

HENRY — Alto lá! A França e a Inglaterra não deixarão que isso aconteça...

DENISE — Leslie, meu marido...

LESLIE — Mas que é isso, querida... estás trêmula e pálida...

DENISE — Sim... confesso... eu temo... temo muito dessa desgraça que se avizinha de nossa felicidade...

GENERAL — Que é isso, minha filha... O conflito não está iminente.

ALAIN — Por que esconder a luz duma realidade, meu pai? A caldeira vai explodir!

GENERAL — A Europa está sobre brasas? Que importa... O dia de hoje é sagrado para esses dois! Eles acabam de se casar... pouco há de importar a Denise e ao seu marido que a cruz gamada se una ao martelo e a foice...

LESLIE — Vamos dançar, querida... Vamos... e não pensemos mais nisso...

GENERAL — Claro! Claro! Vão para o salão...

Técnica: valsa, distante.

LESLIE — Vamos, querida...

IVES (Passos) — Com licença...

GENERAL — Que queres, Ives?

IVES — Um telegrama para o capitão Leslie Westbury...

LESLIE — Para mim?...

DENISE — Meu Deus...

LESLIE — Tranquiliza-te, querida... (Pausa) Leia, querida...

DENISE (Lendo, voz trêmula) — Ordem ao capitão Leslie Westbury, de se apresentar amanhã, às 10 horas, à embaixada britânica. Assinado: Coronel R. W. Hutkinson. D — S — O.

DENISE — Leslie! Querido! Isto é terrível! Eu pressinto!

LESLIE — E' o nosso adido militar que me chama! Denise, minha pobre querida, receio muito que a nossa viagem de nupcias tenha de ser retardada!

ALAIN — Sinto muito! Mas êsse telegrama vem dizer claramente que a guerra acaba de chegar ao castelo de meu pai!

FIM DO 1.º EPISÓDIO

2.º CAPÍTULO

Orquestra, música de abertura.

MARZIN — Aqui está o seu copo de cidra, Pichon...

PICHON — Que é isso, viuva Marzin? Vamos, enxugue essas lágrimas...

MARZIN — Oh, monsieur Pichon!... O coração avisa-me que grandes desgraças estão suspensas sobre a França!

FERNAND — Que é isso? Vamos varrer os boches em dois tempos! A tunda dessa vez será pior que a que eles levaram em 14... Vamos!

MARZIN — Eu temo por François, Fernand... eu temo pelo menino... Quando vi afixarem nas paredes da aldeia de Benoet os cartazes da mobilização geral, apertou-me o coração... François é uma criança! Olhe... Eu enxergo pouco... mas leio, embora à distância que está, todos os dizeres do cartaz...

PICHON — Mas como se pode guerrear sem soldados, viuva? Claro que a mobilização tinha que vir... E mais, precisamos acabar com a petulante pastinha dêsse antigo pintador de paredes...

FERNAND — Aí vem Cloarec, o padeiro...

MARZIN — Ele foi obrigado a fazer uma fornada suplementar de pão...

PICHON — E' para os homens que vão pelo trem das 3.30; eles devem se unir aos seus regimentos ainda hoje...

CLOAREC — Bom dia, amigos...

PICHON — Senta-te, Cloarec... Viuva Marzin, mais uma cidra...

CLOAREC — Obrigado, Pichon... não quero beber coisa alguma...

MARZIN — Cansado, não, Cloarec?

CLOAREC — E' brincado, viuva? Emendei a noite com o dia de ontem... Mas isso tinha que acontecer... Há tanto tempo que ele nos aborrece com os seus falsos alarmes... Ah! Mas vão tomar uma sova!

PICHON — Uma sova!

FERNAND — Desta vez, a França não dormirá! Na Alemanha, nem balas de chocolate se fabricará mais!

CLOAREC — Em 1914, andávamos atrás do Guilherme. Hoje, tudo acontece por causa do Adolfo!

FERNAND — Um tarado!

PICHON — Uma cavalo de apocalipse que fugiu da Escritura... êsse cachorro, perdão, êsse cavalo, é o quinto apocalíptico do maldito rebanho.

PICHON — No final de contas... é tudo a mesma coisa. Vamos matar-nos de novo pelo der... des... der... Vida do inferno!

CLOAREC — Escutem, meus amigos... não se inquietem, os bifes vão levantar uma muralha por onde nem um rato passará.

FERNAND — Vão se afogar em tórno da ilha como ratanzanas de navio quando naufraga (risadas).

PICHON — Silêncio, tenente... Olhe quem entrou no boteco.

FERNAND — O general Kergueven... O herói do Somme... Lutou ao lado de Mangin...

PICHON — E surrou Hindenburgo... Vem comprar cigarros... Ele diariamente dá um passeio pela aldeia, compra os seus cigarros aqui no boteco da viuva Marzin...

GENERAL — Bons dias, meus amigos...

TODOS — Bons dias, meu general...

MARZIN — Os cigarros, não, general?

GENERAL — Cinco pacotes, viuva Marzin...

MARZIN — Imediatamente, meu general... Oh, por favor... cuidado, o balcão está molhado... Foi o carpinteiro Benoît... Entornou a aguardente... (passos aproxima-

mam) Cinco pacotes... Deseja mais alguma coisa, meu general?

GENERAL — Não, madame...

MARZIN (hesitante) — Meu general... desejava perguntar-lhe uma coisa...

GENERAL — Diga, madame Marzin...

MARZIN — Meu general... Esta mobilização... Acha... Acha que possa atingir o meu filho François?

GENERAL — Que idade tem o seu filho, mulher?

MARZIN — Dezenove anos, faz dezenove nos meados de Outubro...

GENERAL — Tranquelize-se, viuva... tranquilize-se... Temos homens suficientes. Não chamaremos as classes muito jovens...

MARZIN — Tanto melhor... tanto melhor, meu general. O pai morreu de uma ferida contraída nos Dardanelos.

GENERAL — O seu marido serviu como quartel-mestre a bordo do "Diderot", não é assim?

MARZIN — Sim, meu general... Lutou nos Balcãs, na Grande Guerra... Temo por meu filho, meu general... e é tão jovem ainda... Pedí à Virgem Maria que poupasse o meu François...

VOZES — Com licença, meu general...

GENERAL — Aproximem-se, rapazes...

SEROUEC — Perdão, meu general... Chamo-me Serouec... Faça-me, ou melhor, fizeram-me intérprete dos meus camaradas...

GENERAL — Serouec... Le Serouec... Ouí falar a seu respeito... Foi citado na ordem do dia por bela conduta e atos de heroísmo em Dixmude.

SEROUEC — Oh, meu general... belos tempos... belos tempos...

GENERAL — De que o encarregaram os seus companheiros?... Vamos... cheguem-se para mais perto de mim... Não os conheço de nome, mas sei que são todos uns bravos... antigos combatentes... Que é que há, Le Serouec?

SEROUEC — Queira desculpar, meu general... mas os rapazes e eu gostaríamos de saber o que pensa disso tudo?

GENERAL — Da guerra?

VOZES — Sim, meu general...

GENERAL — Em duas palavras, meus bravos... E' muito simples... A guerra será curta. A Alemanha vai usar as suas forças contra a Polónia. Quando se voltar contra nós, graças à Linha Maginot e ao apoio inglês, não somente aguentaremos o ataque como atacaremos pela Bélgica...

VOZES — Sim, pela Bélgica!... Como da outra vez!

SEROUEC — Diz-se que a nossa aviação, meu general...

GENERAL — Oh!... Não se deixem impressionar, meus filhos... Ora, a aviação! A aviação!... E' ainda a infantaria quem ganha as batalhas!

SEROUEC — Então, meu general, tem boas esperanças?

GENERAL — Nós lhes daremos uma boa lição acompanhada duma surra em regra...

GENERAL — Veremos daqui a seis meses...

PICHON — E a linha Siegfried, meu general?

GENERAL — Papelão diante da Maginot... Papelão!

VOZES — Sim... papelão...

FERNAND — Não lhes disse, há pouco? (risos).

GENERAL — Bem, vou-me indo... Adeus, meus bravos...

VOZES — Adeus, meu general... (passos afastam).

MARZIN — Graças a Deus! Foi Deus que mandou o general Kergueven para tirar o peso de dentro de mim...

PICHON — Eu não lhe disse, viuva Marzin? Que diabo! E' ou não é a viuva dum herói?

SEROUEC — Diabos!... Chamaram até os quarenta e quatro... Estou com cinquenta e dois... Vou me apresentar... Voltarei ao meu velho amigo das trincheiras de Verdun e de Metz!... Ouviram o velho?

PICHON — Que aviação... Êsses técnicos militares de meias tijelas nos dão suores frios ao discutir a nossa

aviação... Ainda é a infantaria quem vai dizer a última palavra!...

PICHON — Viva!... Os fantassins nas peles heroicas dos poilus! Eu também vou me apresentar...

VOZES — Vamos todos...

Técnica: interlúdio. Contra-regra: soar sineta.

IVES — Meu general, chamou-me?

GENERAL — Onde estão os meus filhos, Ives?

IVES — A senhora Denise está no seu quarto com a senhora Irene.

GENERAL — E o senhor Alain?

IVES — Está no seu quarto também...

GENERAL — Com um milhão de granadas! Todo mundo aqui se enfurna como coelhos?

IVES — Descerão para o chá, meu general...

GENERAL — Já são cinco horas!... Faze soar o gongo!

IVES — Sim, meu general... (passos, gongo).

GENERAL — Venha cá, Ives, aproxime-se, meu velho... Olhe desta janela o campo... Todas essas habitações... Esse campo imerso na paz ainda ignora que já soaram as três pancadas sinistras da tragédia europeia...

IVES — Recebeu, meu general, notícias do senhor deputado?

GENERAL — Henry, meu velho, há três dias que já está na frente da batalha. É capitão da reserva num regimento de tanques com base em Rennes. A esta hora ele deve estar a caminho da fronteira...

IVES — E o sr. Alain?

GENERAL — Alain deve partir amanhã... E depois de amanhã, Ives, só estarão no castelo as mulheres... e... nós...

IVES — Mas tivemos a nossa época, meu general...

GENERAL — Nós e as mulheres no castelo... Enquanto milhões de homens de armas em punho se chocam nos campos de batalha... Você, Ives, um bravo de Chemins des Dames... que assaltou por várias vezes os redutos dos boches a ponta de baioneta... e eu um general de França...

IVES — Perdoe-me, meu general... mas estamos bastante velhos, para enfrentarmos a vida árdua dos campos de batalha...

GENERAL — Sim... realmente... não passamos de velhos babões... E eu... um imbecil, que farei a guerra no café da estação com fósforos e rólhas... Miséria!...

DENISE — Boa tarde, papai! (passos) Que é isso? Ainda mais triste? Ouí uma parte de sua conversa com o bom Ives... Pobre papai... eu avalio o que darias para seguir com Henry e Alain?!

GENERAL — Três quartos da vida que me resta, minha querida filha... É terrível ficar imobilizado como estou... Essa inércia é indigna dum homem que comandou centenas de homens debaixo de cortinas de aço e fogo... As minhas botas sentem falta dos campos de batalha... As insônias... os cálculos... o entusiasmo... as canções de vibrante entusiasmo... Sinto falta de tudo isso, Denise... Sou um velho, mas não se esqueçam de que mais do que nunca sou um militar... e a minha pátria se encontra lutando pela liberdade e pelos direitos que os bárbaros de sempre querem sufocar na violência e no sangue.

DENISE — Chegou a vez da nova geração, pai... Tu lhe transmitiste a flama...

GENERAL — Sim... eu sei... mas isso não impede... (outro tom): Bem, estou ficando novamente rabujento, querida... Irene não vai descer para o chá?

DENISE — Está arrumando as malas de Alain...

GENERAL — Discutiram ainda hoje?

DENISE — Infelizmente, pai... discutiram e violentamente...

GENERAL — Dize-me, Denise... será que este drama não os aproximará?

DENISE — Meu pai sabe como eles vivem... Há um ano que as coisas vão de mal para pior... Tenho a impressão, meu pai, que meu irmão, ama e detesta a mulher ao mesmo tempo.

GENERAL — Ama e detesta a esposa? Como?

DENISE — Quero dizer que ele ama Irene apenas pela sua formosura, mas não suporta o seu caráter.

GENERAL — Então é um casamento que muda com a maré?

DENISE — Creio que sim, meu pai... Cá para nós, papai, para falar-lhe com toda a franqueza... não é fácil viver com Irene.

GENERAL — Ora, a quem estás dizendo isso, minha filha... Sei disso... sei disso, e compreendo a situação do casal... A minha nora é bonita, mas muito pretenciosa... Ela deve ondular os cabelos declamando a parte de "Teramene"...

DENISE — Sim... Ela apenas pensa na sua arte...

GENERAL — Sua arte? (rindo) Pipocas!... Sua arte! Não há um diretor em Paris que até hoje tenha compreendido a sua "sublime" arte!... Sublime entre aspas, bem entendido, querida... entre aspas...

DENISE — A minha formosa cunhada ficou três dias de cama, com febre, quando leu a apreciação do crítico teatral de Belleville...

GENERAL — E que disse o carrasco de minha nora?

DENISE — Foi quando ela fez o papel de Heroína de Assomoir... Assim se expressou ele: "Irene de Kergueven calça os doze pés dos seus alexandrinos com botas de limpador de esgotos... (passos).

GENERAL — Aí vem o casal, minha filha...

ALAIN — Esperam-nos a muito tempo?

GENERAL (sineta, passos) — Ives, pode servir o chá...

IVES — Imediatamente, meu general...

ALAIN — Meu pai, estou tentando convencer a minha esposa para se alistar na Cruz Vermelha...

GENERAL — Em que secção, meu filho?

ALAIN — Na de Brest.

GENERAL — Boa idéia... bela e patriótica... que dizes dessa sugestão, minha querida nora?

IRENE — Não quero, meu sogro... Já que a guerra foi declarada, formei eu mesma os meus planos... oferecer-me-ei para representar no teatro, para o exército. Os soldados terão necessidade de distrações...

ALAIN (ligeiramente sarcástico, sorrindo) — Distração? Eles preferirão o conselho de guerra a te ouvir em "Hernani".

IRENE (raiva concentrada) — Obrigada pelo cumprimento, meu marido... és duma galanteria...

GENERAL — Vamos!... Vamos... que é isso? Vamos tomar chá e não assistirmos mais a uma querela entre vocês dois... Calma, crianças... calma...

ALAIN — Não se preocupe, papai... não se preocupe... estamos nos entendendo às mil maravilhas... não é verdade, querida?

IRENE — Às mil e uma maravilhas... enganaste-te na contagem, meu amor...

GENERAL — Vamos... poupem-me de ouvi-los a discutir. Acho-te um pouco nervoso, meu filho...

ALAIN — Não é para menos, meu pai...

IRENE — Não vê, senhor meu sogro, que meu marido está queimando de impaciência a idéia de ir-se bater pelo seu país.

GENERAL — Bem... até aí está tudo bem... assim esperava de você, Alain...

IVES — Meu general... o chá está servido...

GENERAL — Vamos, crianças...

ALAIN — Não quero tomar chá, meu pai... Vá com minha esposa, Denise... iremos depois... Meu pai, tenho necessidade urgente de falar-lhe.

GENERAL — Necessidade urgente?

ALAIN — Sim, meu pai...

GENERAL — Bem... podem ir vocês, meninas...

DENISE — Esperaremos, meu pai...

GENERAL — Não... não é preciso...

DENISE — Vamos, Irene... (passos).

GENERAL — Que é que há, Alain? Já sei... vem me confiar os seus sofrimentos de marido incompreendido...

ALAIN — Não se trata disso, no momento, meu pai...

GENERAL — Então revele-me o que o preocupa, meu filho...

ALAIN — Aqui não, meu pai... vamos para a biblioteca...

Técnica: interlúdio.

ALAIN — Sente-se aqui ao meu lado, meu pai... (cinco passos). Permita-me que acenda um cigarro?

GENERAL — Estás muito nervoso, Alain... Vamos, brigaste, mas desta vez muito seriamente com a tua esposa, não é preciso entrar em preâmbulos, entra pelos olhos a dentro, Alain...

ALAIN — Não, meu pai... já lhe disse que não, é muito mais grave...

GENERAL — Então é grave o que me queres confiar?

ALAIN — Tornar-se-á menos grave, meu pai, se assim você quiser...

GENERAL — Oh! Então depende de mim!

ALAIN — Estou certo de que você dará um jeito... e num abrir e fechar de olhos...

GENERAL — Insisto ainda no mesmo motivo... confessa então que sua mulher lhe fez uma das suas costureiras cenas: a tocha está queimando...

ALAIN — Não, meu pai... Não se trata dela. Trata-se de mim...

GENERAL — De você?

ALAIN — Sim... exclusivamente de minha pessoa...

Aqui está...

GENERAL — Essa caderneta? E que tem a ver essa caderneta com tudo isso que reputo assim gravíssimo?

ALAIN — Lerei em voz alta, meu pai... (lendo) O portador desta caderneta deve apresentar-se ao seu regimento no segundo dia da mobilização... (pausa) ouviu, pai?

GENERAL — Oví... mas estou na mesma! E então?

ALAIN — O segundo dia é amanhã, não é?

GENERAL — Sim... amanhã, domingo. Terás de tomar o trem de manhã para se apresentar à caserna do 247.º de Infantaria, em Brest.

ALAIN — Como soldado de segunda categoria!

GENERAL — Meu Deus!... Então ignorava isso, Alain? Não foi você mesmo que recusou ser oficial da reserva?

ALAIN — Vou ser franco com você, meu pai... Isso não me agrada de maneira alguma.

GENERAL (rindo e gracejando) — Meu pobre velho... que é isso? Você não imagina que eu vá lhe fazer nomear coronel assim de repente... os galões são conquistados, Alain.

ALAIN (secamente) — Não peço nenhum galão, pai.

GENERAL (intrigado, lentamente) — Que quer você, então, meu filho? (pausa) Não ouviu a minha pergunta, Alain? Que quer, então?

ALAIN (indeciso) — Meu pai... eu... eu... (súbito, impetuoso) Eu queria que o senhor me fizesse nomear secretário da Intendência.

GENERAL — Como? Não ouvi bem! Como?

ALAIN — Perdão, meu pai... mas peço-lhe que não se ponha em cólera... o senhor ouviu perfeitamente o meu pedido...

GENERAL — Quer ficar na intendência?

ALAIN — E' o que eu desejo, meu pai.

GENERAL — Por que?

ALAIN — Bem... mas...

GENERAL — Vamos! Complete duma vez o que tem a dizer...

ALAIN — Quero ficar em Brest.

GENERAL — Ficar em Brest, como secretário da intendência?

ALAIN — Sim.

GENERAL — Em suma... você me propõe que eu lhe auxilie a esconder-se.

ALAIN — Admitamo-la, si é essa a palavra exata.

GENERAL — Não deseja ir para a linha de frente?

ALAIN — Não. De forma alguma.

GENERAL — De forma alguma, meu filho! Está em juízo perfeito... está falando não apenas com o seu pai, Alain... tem em sua frente um militar de alta patente do exército... está falando com um general, Alain de Kergueven.

ALAIN — Justamente... com um general... e por isso tenho a certeza de que, devido à sua elevada patente no exército francês, o senhor poderá, com a sua influência, conseguir-me o lugar que acabo de lhe pedir... E' facilímo para o senhor, meu pai, conseguir êsse emprêgo para mim...

GENERAL — Um emprêgo na retaguarda... vamos!... Diga-me duma vez! Um emprêgo na retaguarda... longe dos campos de batalha?

ALAIN — Sim... e o coronel do 247.º não é um dos seus amigos, meu pai?

GENERAL — Um excelente amigo.

ALAIN — Ainda bem... não há nada complicado...

GENERAL — Seria mesmo fácil, bastaria ligar o telefone e chamar o coronel Lemarchais. Eu lhe diria simplesmente: "Meu caro amigo, eu te ficaria muito grato si desse a meu filho um lugar como intendente em Brest, porque o senhor Alain de Kergueven não deseja seguir para a linha de frente"... (dando um berro) O primeiro dos Kerguevens, que toma tão deplorável atitude! Esconder-se não apenas do inimigo da pátria, mas também da coragem tradicional que tornou os Kerguevens os militares, mais respeitados do nosso exército!... Olhe!... Está diante dos seus olhos... ali está o retrato de Antoine de Kergueven, morto heroicamente em Sedan...

ALAIN — Peço-lhe, meu pai, não se ponha em cólera!...

GENERAL — Compreendi bem... Você me propõe dizer ao coronel Lemarchais que deixe aos outros o cuidado de se deixarem matar no seu lugar... Eles, os verdadeiros patriotas... gente humilde... e gente de tôdas as castas sociais, que se esqueceram de si mesmo para se reunirem ao toque de clarim que adverte que a pátria está em perigo. Pede-me você que eu deixe êsses valentes se matarem por você, não é isso, Alain? Ouça, meu filho!... Não é possível o que estou ouvindo de sua boca... enlouqueceste de repente, Alain? Hein?

ALAIN — Não!... estou em meu juízo perfeito, meu pai. Refleti muito e serenamente esta manhã. Já lhe disse que sou pacifista e o exército me desagrada.

GENERAL — Há milhões de pacifistas e anti-militaristas como você que a esta hora já colocaram o saco nas costas e partiram alegremente para defender a França.

ALAIN — Está bem!... Que sigam os que querem defender Dantzig. Isso não me interessa nada.

GENERAL — Dantzig? Onde está a tua lucidez, meu filho? Dantzig é apenas um motivo... um motivo sem valor qualificado para que o monstro nazista se aproveite para despejar o seu exército de assassinos e saqueadores sobre o mundo e cobri-lo de ferro e fogo!... Não conhece então a doutrina sanguinária e tirana dessa calamidade que se oculta sob a capa do Nacional Socialismo?

ALAIN — Não entendo de política internacional, meu pai... sou um engenheiro e um cientista.

GENERAL — És ainda mais uma coisa!

ALAIN — Faça o juízo que muito bem entender de mim, meu pai!

GENERAL — Nem mais uma palavra! Fala como um agitador de fábrica subornado pelo inimigo. Não permito que discuta o seu dever quando a pátria o chama em seu socorro.

ALAIN — Ouça, meu pai... mais uma vez... a França não foi atacada. Si agrada a Hitler garantir-se um pouco de espaço vital no leste, não vejo o motivo porque cinco milhões de franceses deveriam seguir para o matadouro para lhe impedir a ação.

GENERAL — Basta, já lhe disse, Alain! Não vamos refazer a política européia de há dois anos! Si há erros políticos ou não, não é agora o momento próprio para serem discutidos ou retificados. Temos diante de nós a ameaça dum povo fanatizado por uma dúzia de salteadores... asaltaram primeiro o país que governam, e agora tramam o sanque do mundo. Ouviu?! Um bando de piratas!... Quer que os cite?

ALAIN — Hitler, Mussolini...

GENERAL — E muitos mais... E fica por aqui a nossa conversa... Você cumprirá o seu dever como todo o mundo e isso será tudo.